

V.1
2024

Orgs. *Jader Silveira*
Resiane Silveira



ALÉM DAS PALAVRAS

Linguística, Literatura e Letras

V.1
2024

Orgs. Jader Silveira
Resiane Silveira

ALÉM DAS PALAVRAS

Linguística, Literatura e Letras

2024 – Editora Uniesmero

www.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Organizadores

Jader Luís da Silveira

Resiane Paula da Silveira

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editores e Arte: Resiane Paula da Silveira

Imagens, Arte e Capa: Freepik/Uniesmero

Revisão: Respective autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Me. Elaine Freitas Fernandes, Universidade Estácio de Sá, UNESA

Me. Laurinaldo Félix Nascimento, Universidade Estácio de Sá, UNESA

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S587a	Silveira, Jader Luís da Além das Palavras: Linguística, Literatura e Letras - Volume 1 / Jader Luís da Silveira; Resiane Paula da Silveira (organizadores). – Formiga (MG): Editora Uniesmero, 2024. 143 p. : il.
	Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5492-061-2 DOI: 10.5281/zenodo.10945884
Título.	1. Linguística. 2. Literatura. 3. Letras. I. Silveira, Resiane Paula. II.
	CDD: 410 CDU: 80

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Uniesmero
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.uniesmero.com.br/2024/04/alem-das-palavras-linguistica.html>



AUTORES

**ADRIANO GUEDES CARNEIRO
ANA MARIA SÁ MARTINS
BEATRIZ DE MOURA PAZ
CAMILA MACHADO CRUZ
CAROLINE LEITE ARAÚJO
ELISA SODRÉ TEIXEIRA
FRANCIELLI CZELUSNIAK COSTA CHEPLUKI
JOANA D'ARC SILVA DE OLIVEIRA
KARINA FREZ CURSINO
LISANDRA AMPARO RIBEIRO PIMENTEL
LUCAS ANTOSZCZYSZYN
NOEL HENRIQUE BAHIA BITTENCOURT
PAULA FABRÍCIA BRANDÃO AGUIAR MESQUITA
PAULO DA SILVA LIMA
VINICIUS JOSÉ DE SOUZA COSTA
WALISSON OLIVEIRA SANTOS
WELISTONY CÂMARA LIMA
WELLERTH MENDES RIBEIRO**

APRESENTAÇÃO

A obra "Além das Palavras: Linguística, Literatura e Letras", traz um território vasto e fascinante, onde os limites entre os domínios da linguagem se dissolvem, dando lugar a uma sinfonia de significados e possibilidades. Neste magistral compêndio, somos guiados por um grupo de eruditos destemidos, cuja paixão pelo estudo das letras e da linguagem os conduziu a desbravar os mais intrincados recantos do conhecimento humano.

Em um mundo onde a comunicação se tornou uma intrincada dança entre signos e significados, entre sons e sentidos, é imperativo compreendermos não apenas o mecanismo de funcionamento da linguagem, mas também sua influência e poder transformador na esfera literária. Este livro, portanto, apresenta-se como um farol, iluminando os caminhos que percorremos ao explorar os meandros da linguagem e da literatura.

Os autores, conduzem-nos por um vasto panorama que abrange desde os fundamentos teóricos da linguística até os mais complexos desdobramentos estilísticos da literatura, passando pela análise crítica de obras que marcaram época e moldaram nossa compreensão do mundo. Somos desafiados a questionar nossas concepções preestabelecidas, a refletir sobre a natureza mutável e multifacetada da linguagem, e a apreciar a beleza intrínseca das letras em sua forma mais pura e elevada.

Por meio de uma abordagem interdisciplinar e perspicaz, os autores revelam as conexões profundas entre linguística, literatura e letras, destacando não apenas suas divergências e complementaridades, mas também sua capacidade única de dialogar e enriquecer-se mutuamente. É neste diálogo fecundo que reside a essência deste livro: a busca incessante pelo entendimento mais profundo do humano, expresso através da linguagem e da arte literária.

Assim, é com grande entusiasmo que convido o leitor a embarcar nesta jornada intelectual, onde as palavras se revelam como portais para mundos desconhecidos, onde a linguagem se ergue como uma torre de babel, tecendo laços indissolúveis entre os povos e as culturas, e onde a literatura resplandece como um farol, iluminando as sendas da alma humana.

Espera-se que a obra seja não apenas uma fonte de conhecimento, mas também um convite à contemplação e à descoberta, um testemunho do poder transformador das palavras, que transcendem as fronteiras do tempo e do espaço, guiando-nos rumo a novos horizontes de compreensão e de sabedoria.

Que a jornada que se inicia nestas páginas seja tão enriquecedora e reveladora para o leitor quanto foi para aqueles que a conceberam. Pois, como bem disse o poeta, "nas asas da poesia, voamos além das palavras". Que este livro seja, portanto, um voo rumo ao infinito universo da linguagem e da literatura, onde a beleza e o mistério se encontram e se entrelaçam, convidando-nos a desbravar territórios inexplorados e a desvendar os segredos mais profundos da condição humana.

Que assim seja escrito, e que assim seja lido.

SUMÁRIO

Capítulo 1 PROPAGANDAS EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-CRÍTICA E MULTIMODAL <i>Elisa Sodré Teixeira; Ana Maria Sá Martins; Welistony Câmara Lima</i>	9
Capítulo 2 GÊNERO E LINGUAGEM: O DISCURSO SOBRE “LINGUAGEM NEUTRA” EM UM MANUAL BRASILEIRO <i>Camilla Machado Cruz</i>	24
Capítulo 3 A LEITURA DA LITERATURA INFANTIL PELO OLHAR DAS CRIANÇAS <i>Francielli Czelusniak Costa Chepluki; Lucas Antoszczyszyn</i>	36
Capítulo 4 “DO PASSADO E DO FUTURO MISTURADOS NAS RUAS DE ILHÉUS”: A OBRA GABRIELA, CRAVO E CANELA COMO REFLEXÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER <i>Joana D’arc Silva de Oliveira; Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquita</i>	49
Capítulo 5 A SINGULARIDADE DA MÚSICA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA CANÇÃO “SINGULAR” DE ANAVITÓRIA <i>Noel Henrique Bahia Bittencourt; Beatriz de Moura Paz; Vinicius José de Souza Costa; Wellerth Mendes Ribeiro</i>	65
Capítulo 6 NUNCA FOMOS CLÁSSICOS: UMA LEITURA DE AULA DE MÚSICA DE PATRÍCIA LINO <i>Karina Frez Cursino; Adriano Guedes Carneiro</i>	80
Capítulo 7 A DISSIDÊNCIA DE GÊNERO E OS IMPERATIVOS DE UMA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: DAS DISCURSIVIDADES E DAS SUBJETIVIDADES <i>Lisandra Amparo Ribeiro Pimentel</i>	92
Capítulo 8 DRUMMOND E O DESENCANTO DO MUNDO <i>Walisson Oliveira Santos</i>	102
Capítulo 9 ANÁLISE DO DISCURSO EM NOTÍCIAS DE JORNAIS PARAENSES QUE VERSAM SOBRE O POVO GAVIÃO NA DÉCADA DE 1980 <i>Caroline Leite Araújo; Paulo da Silva Lima</i>	117
AUTORES	138

Capítulo 1
PROPAGANDAS EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA
ABORDAGEM DISCURSIVO-CRÍTICA E MULTIMODAL

Elisa Sodré Teixeira
Ana Maria Sá Martins
Welistony Câmara Lima



PROPAGANDAS EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-CRÍTICA E MULTIMODAL

Elisa Sodré Teixeira

*Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), professora de Língua Portuguesa do Instituto Educacional “Construindo o Saber”,
elisasodre172@gmail.com*

Ana Maria Sá Martins

Doutora em Linguística, professora Adjunta IV do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Membro do Grupo de Pesquisa “MELP - Multiletramentos no ensino de Línguas - CNPq”, anamariasapericuma@gmail.com

Welistony Câmara Lima

*Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Mestrando em Letras (UEMA), Pós-graduado em Semiótica e Análise do Discurso (FAMEESP), Membro do Grupo de Pesquisa “MELP - Multiletramentos no ensino de Línguas - CNPq”,
profetonylima@gmail.com*

RESUMO

Este trabalho é fruto do TCC de minha autoria intitulado **“PROPAGANDAS EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA UEB PROFESSOR NASCIMENTO DE MORAES: uma abordagem discursivo-crítica e multimodal”**, que teve por objetivo investigar, através das propagandas publicadas no Instagram, as representações discursivas na construção de sentidos nesse gênero no contexto educacional da referida escola, visando a contribuir para o letramento crítico dos alunos. Com a presente pesquisa, buscou-se contribuir para o arcabouço metodológico do ensino de gêneros textuais/ discursivos em sala de aula e, por conseguinte, cooperar para que os discentes ampliem suas capacidades de crítica e reflexão diante dos diversos textos, sobretudo sobre os anúncios publicitários e propagandas, uma vez que, estes revelam-se persuasivos e argumentativos. Cabe destacar ainda que, o caráter

discursivo-crítico e multimodal da produção em questão está ancorado nas teorias Análise de Discurso Crítica (ADC) e Gramática do Design Visual (GDV), propostas, respectivamente, por Norman Fairclough (2001) e Kress e Van Leeuwen (1996,2006). Visando alcançar os objetivos descritos, foi desenvolvido um questionário com os alunos do 7º ano da referida escola, referente a duas propagandas/publicidades extraídas da rede social Instagram, selecionadas pela pesquisadora. O trabalho enfatiza a multimodalidade dos textos, corroborando a relevância desse recurso na construção dos discursos, visto que, além das palavras, os textos podem ser construídos pela articulação de diversos elementos, como cores, tamanhos, fundos, texturas e imagens, que colaboram para dar coerência à mensagem, tornando-a mais poderosa e atrativa ao leitor. A pesquisa, buscou, ainda, demonstrar o potencial desses textos, (em ação com as correntes teóricas usadas), de ampliar a capacidade crítico-reflexiva dos indivíduos sobre os variados discursos, contribuindo para a construção de identidades sociais emancipadas, dado que, nos atos de criticar e refletir o sujeito se posiciona e age de maneira consciente. Assim, vale destacar as possíveis contribuições da Análise de Discurso Crítica (ADC) e da Gramática do Design Visual (GDV) para o ensino de Língua Portuguesa nessa instituição, através do gênero propaganda/publicidade.

Palavras-chave: Propagandas; Discurso; Multimodalidade; Ensino de Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

O discurso é permeado de opiniões, pois é construído a partir de perspectivas particulares dos sujeitos. De acordo com Althusser, o discurso é a materialidade da ideologia e a materialidade desta é a linguagem, pois é por meio dela que a ideologia age. A Análise de Discurso Crítica (doravante ADC), abordagem de discurso utilizada nesse artigo, foi criada a partir do compilado do pensamento de Althusser sobre discurso e de outros teóricos da linguística, ciências sociais e psicanálise. Partindo disso, Norman Fairclough (2001, 2003), idealizador dessa teoria, parte da ideia de discurso como as diversas maneiras de manifestação da linguagem na sociedade. Nisto, a semiótica social, da qual se vale os gramáticos Kress e Van Leeuwen na elaboração da Gramática do Design Visual (doravante GDV), encontra base para reforçar os textos visuais, e outras formas de manifestação da linguagem, como discurso, desde que inseridos na prática social. Dessa maneira, a ADC e GDV visam a analisar de que maneira a linguagem se relaciona à prática social do sujeito, em outras palavras, de que maneira os recursos linguísticos empregados nos discursos são manifestações do contexto social.

Por partilharem do mesmo objetivo, a ADC e GDV também tem como ponto de encontro o seu surgimento, pois adaptam as funções da linguagem, criadas pela Linguística Sistêmica Funcional (LSF) às categorias de análise dos textos. Sendo assim, as funções da linguagem percebidas na sociedade pela LSF, a saber, ideacional, interpessoal e textual, são transformadas nos significados acional, representacional e identificacional¹, na ADC. E, nas 2metafunções representacional, interacional e composicional, na GDV.

Tendo em vista a potencialidade dessas teorias, entende-se que estas podem servir como instrumentos para o ensino de gêneros textuais em aulas de Língua Portuguesa e, por conseguinte, atuarem como mecanismos de transformação social (ora, esse é o objetivo principal da ADC), por meio do entendimento das estruturas de poder que apresentam os discursos em suas entrelinhas.

Um gênero textual propício à análise segundo a ADC e a GDV é a propaganda, dado que, majoritariamente, apresenta a união de elementos verbais e visuais e, em alguns casos, acentua outros gêneros textuais para chamar a atenção do consumidor. Um exemplo é o meme que, por vezes, é incorporado à propaganda para gerar humor. Nesses casos tornam-se ainda mais profundas as análises, visto que o humor pode revelar mais sobre os sujeitos produtores dos textos.

Ademais, a propaganda é um excelente objeto didático-pedagógico, encaixando-se muito bem no direcionamento dado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), de que o ensino de Língua Portuguesa deve partir de gêneros textuais/ discursivos.

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: A LINGUAGEM EM PRÁTICA É DISCURSO

A ADC é uma abordagem de análise de discurso idealizada pelo inglês Norman Fairclough partindo da articulação entre poder, ideologia, linguagem e prática social. Assim, essa teoria é uma reunião de conhecimentos da Análise de Discurso francesa, da teoria de ideologia de Althusser, da Linguística Crítica e da Linguística Sistêmica funcional (LSF). Nesse sentido, enfatiza-se as condições de produção, interpretação e recepção dos discursos de modo crítico, por esse motivo a ADC também é chamada de Teoria Social do Discurso, uma vez que não se detém aos elementos linguísticos do texto.

¹ Fairclough considera o discurso como uma forma de agir, representar e se identificar na sociedade.

² As imagens se constroem, simultaneamente, de significados provenientes de funções representacionais, interacionais e composicionais (LEMOS, 2015)

“[...] os textos podem estar abertos a diferentes interpretações, dependendo do contexto e do (a) intérprete, o que significa que os sentidos sociais do discurso (bem como as ideologias) não podem ser simplesmente extraídos do texto sem considerar padrões e variações na distribuição, no consumo e na interpretação social do texto.” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 52)

Sendo assim, o objetivo maior da ADC é promover a transformação social por meio do entendimento dos sujeitos de que existem relações de poder e hegemonia travadas nos textos que precisam ser entendidas e refutadas/corroboradas por esses indivíduos a fim de que eles não sejam apenas mecanismos dos sistemas.

Em se tratando de discurso, a ADC parte de três pontos de atuação do discurso, são eles: o discurso constrói as identidades; o discurso concebe relações sociais; o discurso auxilia na idealização de crenças e sistemas de conhecimento. Partindo disso, a teoria traça as funções do discurso, nomeando-as identitária, relacional e ideacional, as quais correspondem, respectivamente, aos três pontos expostos acima. Cada uma dessas funções do discurso, pensadas no interior da Análise de Discurso Crítica, é compatível com uma função da linguagem revelada pela Linguística Sistêmico Funcional, de modo que, as funções identitária e relacional da ADC provém da função interpessoal da LSF e a função ideacional em ADC se refere à função ideacional da LSF. Alicerçados nisso, surgem os significados do discurso: significado acional, significado representacional e significado identificacional.

O significado acional corresponde à atuação dos textos na prática social, mais precisamente, às relações de interação eles na sociedade. Nesses termos, os discursos apresentam gêneros diferentes. Por isso, “Quando se analisa um texto em termos de gêneros, o objetivo é de examinar como o texto figura na (Inter)ação social e como contribui para ela em eventos sociais concretos”. (RESENDE E RAMALHO, 2021, p. 62). Assim, o significado acional é responsável por entender os gêneros textuais em interação, fazendo isso por meio das categorias analíticas estrutura genérica e intertextualidade.

O significado representacional diz respeito às maneiras como os sujeitos representam o mundo por meio do discurso, pois cada indivíduo representa as coisas do mundo de determinada forma. Essa variação gera os diferentes discursos, que são pautados em particularidades do contexto do indivíduo. Tendo em vista essas diferentes visões, por vezes os discursos acabam entrando em confronto. Por isso, Resende e Ramalho (2021) afirmam que “diferentes discursos podem complementar-se ou podem competir um com o outro, em relação de dominação”. Na ADC essas relações discursivas

podem ser percebidas pela categoria interdiscursividade, responsável por perceber qual(is) discurso(s) são usados na construção de um outro e de que maneira é feita essa construção, visto que a relação entre eles pode ser conflituosa.

O significado identificacional³ associa-se ao estilo, na medida em que “Estilos constituem o aspecto discursivo de identidades” (RESENDE e RAMALHO, 2021, p. 76). Em outros termos, os estilos são os traços que constroem as identidades e fazem-nas ser identificadas.

Nos textos (discursos), a afirmação e negação das diferenças podem ser identificadas através da percepção de classificações feitas sobre pessoas, instituições, processos e outros. A investigação do significado identificacional implica a análise dessas classificações, e para isso tem-se as categorias: avaliação, modalidade e metáforas.

GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL (GDV): TEXTOS MULTIMODAIS EM FOCO

A GDV foi pensada pelos pesquisadores Kress e Van Leeuwen (1996; 2006), com vista a estabelecer uma teoria capaz de analisar os textos visuais e multimodais de uma forma crítica. Por isso, esta, se baseia na semiótica e na LSF a ponto de adaptar as funções da linguagem aos textos não verbais, uma vez que eles, tal como os textos verbais, têm finalidades nas práticas sociais. Por isso, Kress (2010) entende que todos os signos são metáforas, na medida em que as imagens têm tanto poder quanto as palavras.

O desenvolvimento da GDV pelos pesquisadores Kress e Van Leeuwen se inspira, pois, na hipótese de que, assim como as palavras, as imagens, enquanto textos verbais, são construídas para cumprirem uma função social e, como consequência, atenderem uma necessidade do mundo.

Desse modo, a GDV é uma teoria preocupada com a análise das escolhas dos elementos que constroem a imagem para entender sua função social e nisto, compreender questões ideológicas, interativas e outras. Como descreve Guerreiro e Soares (2016, p. 193):

A GDV procura interpretar as imagens no que diz respeito às suas representações, interações e composição, levando em consideração o contexto situacional e os participantes envolvidos. Dessa forma, busca esclarecer os pontos de vistas e as ideologias intrínsecas à imagem e que, muitas vezes, tornam-se alheias ao observador.

³ Uma definição mais simples seria: o significado identificacional diz respeito à identificação de si mesmo e dos outros por meio do discurso.

Assim, a GDV prevê as metafunções representacional, interativa e composicional. A metafunção representacional corresponde à função de representação de ações e/ou eventos etc. por meio da linguagem visual. Isso quer dizer que, ao tempo que o texto/discurso exprime um significado, que se refere à uma representação da experiência, ele é construído por essa mesma representação. A partir disso, entendemos o caráter criador e construtor da linguagem, que é tanto verbal quanto não verbal. Por se tratar da representação, essa metafunção é responsável por entender o que está acontecendo no texto, quem está participando das ações etc. Uma maneira de identificar isso é por meio da observação dos vetores do texto imagético. Os vetores são linhas que indicam movimento e sua presença qualifica a estrutura como narrativa, enquanto sua ausência sinaliza uma estrutura conceitual. Esse tipo de composição pode ser transacional unidirecional, transacional bidirecional, não transacional ou reacional. Entretanto, para entender cada uma delas é preciso antes saber que a ação se desenrola entre um ator (participante representado) e um vetor. O quadro abaixo expõe essas interações.

Quadro 1 - Processos da metafunção representacional

Relação entre participantes representados	Denominação
Ator - vetor - meta	Ação unidirecional transacional
Ator - vetor	Ação unidirecional não transacional
Interator - vetor - interator	Ação bidirecional transacional

Fonte: Adaptado de Biasi-Rodrigues e Nobre (2010).

A metafunção interativa tem origem na metafunção interpessoal da LSF, a qual está voltada para o uso da linguagem como um meio para estabelecer relações sociais. De acordo com Nogueira (2019), essa metafunção estabelece formas de aproximação ou afastamento do produtor do texto multimodal em relação ao leitor. Isso porque é por meio das estratégias dessa metafunção que é possível atrair mais o leitor/observador.

São categorias da metafunção interativa: contato, distância social, perspectiva e modalidade. O contato pode promovido por meio do olhar de demanda ou oferta. No primeiro caso, o participante representado (PR) dirige seus olhos ao participante interativo (PI), por isso, dizemos que o PR demanda algo do PI. No segundo caso, o PR não dirige o olhar ao PI, nesse caso, o PI é quem contempla o PR. Conforme Silva e Ramalho (2012, p. 13), “A troca é de conhecimento, por meio de ofertas, em que os participantes representados figuram como itens de informação, objetos de contemplação”.

A distância social é uma categoria usada para estabelecer a proximidade entre leitor e participante representado de acordo com a posição na imagem. Quando o PR é colocado dos ombros para cima ocorre encurtamento das distâncias entre ele e o PI e isso tende a aproximá-los (plano fechado). Quando o ângulo é mais aberto mas não chega a mostrar todo corpo do participante/objeto, a distância é média (plano médio). E quando o PR é contemplado por inteiro a distância longa (plano aberto).

Enquanto isso, a perspectiva é usada para captar as relações de poder na imagem de acordo com o ângulo. Se o ângulo é horizontal, gera-se igualdade. Se ele é vertical, um participante está superior a outro.

Quanto à categoria modalidade, as autoras Silva e Ramalho (2012) ressaltam que, assim como as outras categorias da metafunção interativa, revela-se um indicador de alta ou baixa modalidade. Nesse sentido, é possível observar a modalidade de uma estrutura a partir das cores e outros pequenos traços, por exemplo.

A metafunção composicional equivale à significação de cada elemento da estrutura visual por meio de três critérios: valor da informação, saliência e enquadramento. De modo geral, o valor da informação determina o que cada elemento da estrutura significa de acordo com sua posição, a saliência observa os tamanhos, texturas e cores e o enquadramento, isto é, o encaixe deles.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada pode ser caracterizada como qualitativa e quantitativa, uma vez que, nesta, acontece a soma desses dois métodos, sobressaindo-se o qualitativo. O fio condutor para o desenrolar desta foram as teorias Análise de Discurso Crítica e Gramática do Design Visual isto é, as observações, interações e levantamentos foram feitos à luz de pressupostos destas.

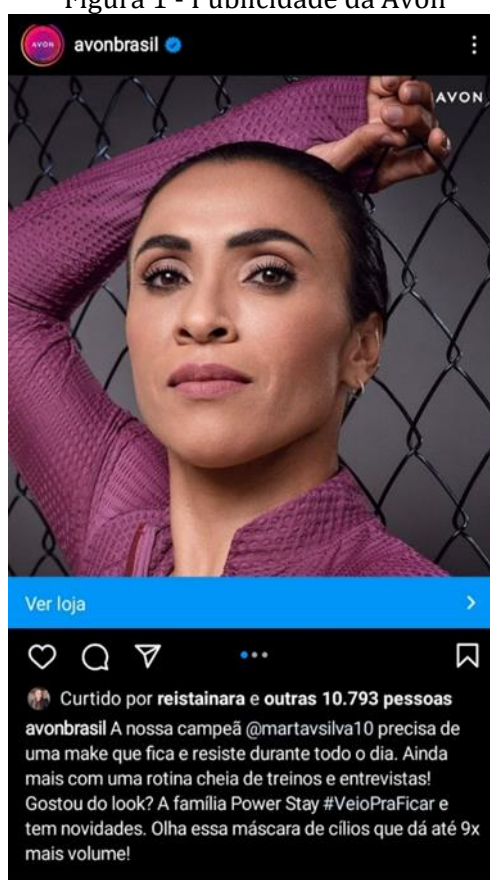
A priori foi feita a seleção de 2 (duas) propagandas/publicidades circulantes na rede social Instagram. Em seguida, foram realizadas as análises da pesquisadora sobre os textos selecionados, tendo como base teóricas a ADC e GDV, além de autores que falam a respeito das particularidades do gênero em questão. Depois dessa etapa, procedemos à sondagem da instituição em que se realizaria a pesquisa de campo, a saber, a UEB Professor Nascimento de Moraes. Após diálogo com a coordenação pedagógica da escola, passamos à fase de aplicação do questionário sobre as propagandas/publicidades

selecionadas. O objetivo do questionário foi investigar a leitura dos alunos mediante textos propagandísticos/publicitários e gerar reflexão sobre o poder desse gênero textual, alertando os leitores para a importância da leitura crítica sobre esse tipo de texto e outros.

Das propagandas que constituem o corpus da pesquisa, apenas uma será analisada adiante.

ANÁLISES DE DADOS

Figura 1 - Publicidade da Avon



Fonte: Instagram.

Disponível em: <https://www.instagram.com/avonbrasil/>

Por meio da categoria estrutura genérica da ADC (significado acional) é possível identificarmos os gêneros propaganda e publicidade como gêneros situados e os pré-gêneros conversação e argumentação, em razão da conversa estabelecida com os consumidores e dos argumentos dos quais o anunciante faz uso para promover o produto.

As relações estabelecidas entre os dois são entendidas a partir da categoria interdiscursividade (significado representacional da ADC). Notamos a presença de dois discursos na construção do discurso da marca anunciada, são eles o de empoderamento

feminino e o de resistência feminina, confiados ao texto por meio de algumas palavras, como “fica” e “resiste”, que são destinadas às mulheres, uma vez que a marca tem boa parte de seu público formado por esse grupo social. Os discursos, nesse caso, caminham lado a lado em uma relação harmônica, ou seja, aparecem para fortalecer a ideologia feminista.

Quanto ao significado identificacional do discurso (ADC), através da categoria modalidade, observamos a existência da modalidade deôntica para gerar e enfatizar a necessidade do uso do produto no dia a dia da mulher que tem uma rotina corrida e que, apesar de tudo, é resistente em todos os aspectos, enfatizando, assim, a luta da mulher e sua força. Isso acontece pelo uso do verbo precisa.

Além da modalidade deôntica, existe a modalidade objetiva, que permite a universalização do discurso, pois fala-se “a nossa campeã”. Entendemos que o pronome nossa, aqui, é usado para que o sentimento de pertencimento seja geral, tanto da marca quanto do público, sobre a figura da jogadora de futebol.

Quanto à análise através da GDV, precisamente no que se refere à metafunção representacional, notamos a estrutura conceitual simbólica, devido à ausência de vetores e, tendo em vista que o olhar da PR lançado ao consumidor não se caracteriza como um vetor lançado a uma meta (PI). Além disso, seguimos o pensamento de Biasi-Rodrigues e Nobre (2010) que, caracterizam os processos simbólicos atributivos como aqueles que apresentam apenas um participante, o qual já tem um conceito/significado intrínseco, cujo conhecimento é prévio ao leitor, assim como acontece no anúncio, pois entendemos que o fato de ser a PR uma campeã de futebol é uma informação conhecida pelos observadores e, sabendo disso, no anúncio, ela simboliza a força feminina nos esportes e, implicitamente, a resistência das mulheres no geral.

Quanto à metafunção interativa da GDV, percebemos que as trocas entre o PR e PI colaboram para manter uma relação de proximidade muito íntima. O contato é de demanda, logo, a PR fixa o olhar no leitor/ consumidor. A distância social é curta (plano fechado), pois a PR é reproduzida dos ombros para cima. A perspectiva é horizontal, uma vez que a posição na qual a jogadora está favorece a visualização dos consumidores em uma perspectiva horizontal. E, a modalidade é realista/natural, tendo em vista que os produtores do texto preservaram as cores reais.

No que concerne à metafunção composicional, utilizando a categoria valor de informação, verificamos que a PR é o centro da imagem, ou seja, a ela se relaciona o nome da empresa, no canto superior direito, indicando o ideal, isto é, que a marca é o melhor

para a consumidor (a). Em outras palavras, a posição central da mulher pode, levando em conta os pressupostos da GDV, ser a “informação” principal do anúncio. Esse viés analítico tem fundamento a partir do conhecimento de que a marca/empresa oferta produtos, em sua maioria, para o público feminino e, desde suas raízes, incentiva mulheres a serem empreendedoras. Nesse sentido, a posição central da mulher significa, além do enfoque nos produtos da linha, um empoderamento da mulher, dado que, a jogadora Marta é um símbolo de força no futebol.

Quanto à saliência, chama tanta atenção as cores da estrutura. Sobre isso, observamos que a coloração que compõe essa publicidade preserva a naturalidade, conferindo realidade à imagem (LOPES, 2013). De maneira geral, a paleta da imagem utiliza o violeta, preto. A primeira cor está presente na camisa usada pela PR, supomos que sua escolha não foi feita ao acaso. O violeta é uma cor símbolo do movimento feminista e é formada a partir da união do azul e do vermelho, remetendo-se a equilíbrio, misticismo, realeza e poder. Nesse sentido, o violeta na imagem pode fazer referência à mulher independente, forte e poderosa.

PESQUISA DE CAMPO

Como dito antes, a pesquisa foi feita em duas classes de 7º ano da Unidade Escolar Básica Professor Nascimento de Moraes. Ao todo foram 48 alunos que responderam ao questionário, o qual continha oito perguntas, sendo quatro subjetivas e quatro objetivas. As perguntas objetivas focaram em verificar o contato dos sujeitos com o gênero textual propaganda dentro e fora de aula e aceitação deste nas aulas de Língua Portuguesa. Sendo as indagações: “Você sente dificuldade para ler um texto publicitário/propaganda?”, “Você costuma prestar atenção às propagandas divulgadas nas mídias sociais?”, “Você acha que é possível a utilização de propagandas nas aulas de língua portuguesa?” e “O seu professor(a) de língua portuguesa costuma usar o gênero propaganda em suas aulas?”.

Por meio dos questionamentos objetivos percebemos que 56 % dos alunos não têm o hábito de prestar atenção às propagandas divulgadas nas mídias sociais, 67 % sentem dificuldade na leitura desse gênero textual, 77% acham possível o seu uso em aulas da língua materna e 100% não responderam se o professor costuma usar propagandas nas aulas. Quando questionados acerca da ausência das respostas para essa pergunta, eles disseram não ter, até o momento, um professor de Língua Portuguesa.

Assim, podemos supor que a dificuldade em fazer leitura de propagandas, que mais de metade dos alunos apresentou, pode estar associada à falta de atenção no dia a dia ao fazerem essas leituras e à ausência de um docente que estimule a leitura do gênero textual. Isso nos leva aos resultados obtidos a partir das questões subjetivas, que corroboram a dificuldade apontada nos questionamentos objetivos.

Os gráficos abaixo mostram os resultados das questões subjetivas referentes a propaganda analisada anteriormente.

Gráfico 1- Descreva o que você ver na imagem



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Gráfico 2 - Na sua opinião, essa propaganda faz referência a alguma crítica? Explique essa crítica.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Notamos que muitos alunos não conseguiram descrever os elementos da imagem de forma satisfatória, isto é, compreendendo todos os elementos da composição imagética, os quais são relevantes para o significado da mensagem. Ou seja, o que aparentemente é algo simples para uns, não é para outros, que podem não ter o hábito de fazerem leitura de imagem de forma atenciosa. Entendemos que essa carência pode desencadear a falta de percepção em relação a crítica do texto, pois 25 % dos alunos conseguiram identificá-la, 11% não conseguiram e 54% disseram entendê-la, porém não conseguiram expressar essa compreensão.

Um dos alunos afirmou: “Sim. Essa propaganda faz uma crítica sobre o espaço que as mulheres ocupam nas redes sociais”, se referindo à segunda pergunta. Portanto, o sujeito identificou que a crítica envolve as mulheres. Assim, podemos supor que ele realizou uma leitura centrada nos aspectos que compõe o texto para chegar a essa conclusão.

Outro aluno declarou: “sim, está criticando sobre que a vida dela é cheia de treinos, jogos, entrevistas e ela precisa estar elegante e bonita pra esses tipos de coisa”. Diferente do anterior, esse aluno defende que a crítica está no fato da vida da PR ser muito corrida e ela ter que fazer as coisas sempre elegante e bonita, ou seja, que é uma obrigatoriedade a mulher estar sempre bonita durante as atividades do dia a dia. Podemos supor que essa interpretação decorre das experiências do sujeito na sociedade, a qual historicamente impõe um padrão de beleza às mulheres. Nesse caso, as impressões do sujeito interferiram na interpretação do anúncio, uma vez que, a crítica real apenas corrobora a resistência das mulheres, ou seja, ela pode se dirigir a todos que colocam o público feminino em uma posição de inferioridade.

Como é possível visualizar no segundo gráfico, alguns discentes afirmaram ter identificado o teor crítico do texto, mas não conseguiram falar sobre. Isso pode indicar a aceitação das influências ideológicas dos textos por esses participantes, ação esta que não é realizada de forma crítica e reflexiva.

Buscando demonstrar a importância da leitura crítica dos textos, sobretudo das propagandas e publicidades, retornamos na escola para dialogar com os alunos acerca das publicidades e de seus elementos construtores que, quando analisados devidamente, conseguem transmitir uma mensagem completa. Dito isso, aproveitamos para reforçar o poder de atração que a propaganda/publicidade devido à soma do texto visual ao verbal.

Porquanto, enfocamos a observação dos pontos que ajudam no desenvolvimento de leituras críticas em textos multimodais, os quais são enfatizados nas teorias GDV e ADC, como cores, posições, a ligação entre discursos, o léxico que pode gerar subjetividade, objetividade e outros efeitos de sentido. Nisto, apesar de não mencionarmos claramente a nomenclatura de cada categoria das teorias, fornecemos subsídios destas a fim de guiar a prática de leitura dos discentes da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos a Análise de Discurso Crítica (ADC) e Gramática do Design Visual (GDV) como teorias capazes de fornecer subsídios para o ensino de Língua Portuguesa de forma crítica e reflexiva, como tentamos ilustrar por meio da pesquisa de campo, a qual buscou contribuir para o letramento crítico dos alunos do 7º ano da escola Professor Nascimento de Moraes, por intermédio da compreensão dos significados construídos a partir das representações discursivas contidos nas propagandas/publicidades.

Notamos a dificuldade de alguns discentes em relação à leitura das propagandas propostas, em parte por falhas de percepção dos elementos que constroem os textos e pelas interferências ideológicas dos próprios sujeitos ao discorrerem acerca dos anúncios. Portanto, os despertar para a adoção de uma postura mais vigilante diante dos textos é necessário, a fim de que os significados não sejam confundidos com percepções individuais e hegemônicas, entendendo as mensagens reais e se posicionando diante destas.

Diante disso, entendemos como necessário o uso de propagandas e publicidades nas aulas de Língua Portuguesa de maneira discursivo-crítica como caminho para formação de sujeitos capazes de refletir sobre os diferentes textos e se posicionarem diante deles. Para tanto, acredita-se ser fundamental a presença de mecanismos que possam auxiliar os professores e alunos na realização de leituras discursivo-críticas e multimodais, os quais podem ser encontrados nas teorias usadas nesta pesquisa.

Ademais, a união da ADC e GDV revela a possibilidade de investigação dos sentidos exprimidos nos textos por meio de recursos verbais e não verbais de forma poderosa, como é possível fazer através da propaganda/publicidade que, normalmente, constrói os discursos com a mesclagem desses elementos, além disso, é capaz de promover a aproximação dos alunos com a prática social, isto é, pode construir uma ponte consistente entre a sala de aula e suas práticas culturais e sociais.

REFERÊNCIAS

- BIASI-RODRIGUES, Bernardete; NOBRE, Kennedy Cabral. **SOBRE A FUNÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES CONCEITUAIS SIMBÓLICAS NA GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL: ENCAIXAMENTO OU SUBJACÊNCIA?** Linguagem em (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 91-109, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/rrVZN3YdBZNnwpNVpsJKyrc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 fev. 2023.
- FAIRCLOUGH, Norman. (2001). **Discurso e mudança social**. Trad. (Org.) Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília.
- GUERREIRO, Anderson; SOARES, Neiva Maria Machado. **Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos**. Texto Digital, v. 12, n. 2, p. 185-208, 2016.
- KRESS, G. & VAN LEEUWEN, T. (1996, 2006). **Reading Images: The grammar of Visual Design**. London; New York: Routledge.
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. 2. ed., 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.
- SILVA, Denize Elena Garcia da; RAMALHO, Viviane. **Discurso, imagem e texto verbal: uma perspectiva crítica da multimodalidade**. RALÉD, [S. 1.], v. 12, n. 1, p. 7-29, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/33471>. Acesso em: 8 fev. 2022.

Capítulo 2
**GÊNERO E LINGUAGEM: O DISCURSO SOBRE “LINGUAGEM
NEUTRA” EM UM MANUAL BRASILEIRO**
Camilla Machado Cruz



GÊNERO E LINGUAGEM: O DISCURSO SOBRE “LINGUAGEM NEUTRA” EM UM MANUAL BRASILEIRO

Camilla Machado Cruz

Doutoranda em Letras (UNIOESTE). E-mail: camillacruz@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise discursiva do manual de linguagem neutra de título: “Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa” (CAÊ, 2020). Neste estudo, entendemos como fundamental o conceito de manualização, o qual se fundamenta, em consonância com Christian Puech (1998) e conforme a História das Ideias Linguísticas, como o processo que possibilita que os manuais se tornem instrumentos linguísticos que buscam divulgar um determinado saber sobre a língua e suas possíveis formas de uso. A análise a ser realizada neste trabalho considera a perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa, formulada por Michel Pêcheux e seus colaboradores na França, bem como difundida por Eni Puccinelli Orlandi e seus colaboradores no Brasil, em articulação com o campo da História das Ideias Linguísticas. O manual a ser analisado foi publicado digital e gratuitamente na internet. O objetivo desta pesquisa é compreender como ocorre a manualização do saber linguístico, por meio de uma análise do discurso sobre a “linguagem neutra”, concebida nesta investigação como a linguagem não binária, a qual propõe mudanças morfológicas e sintáticas em relação ao gênero gramatical com o propósito de representar as diversas identidades de gênero (binários e não binários), no manual de linguagem inclusiva mencionado anteriormente. Dito isso, é fundamental especificar que compreendemos a noção de língua de acordo com Pêcheux (2014), ou seja, como a base dos processos discursivos, estando sempre passível de equívoco e de instabilidade. Finalmente, sinalizamos a importância de estudos discursivos sobre a temática da linguagem inclusiva, visto que a linguagem possível de ser utilizada, seja ela inclusiva ou discriminatória, forma parte do jogo da língua, que, determinada pela historicidade e pelas condições de produção, bem como distante de qualquer neutralidade, estabelece uma desestabilização do discurso sobre inclusão de gênero. Dessa forma, a linguagem inclusiva se apresenta como uma luta política, pois os sujeitos buscam nomear com a finalidade política de simbolizar os gêneros identitários, para além do masculino e feminino, como ocorre com o uso

da linguagem neutra, através da sinalização de possíveis gêneros gramaticais materializados na/pela língua.

Palavras-chave: Linguagem neutra. Discurso. Gênero.

ABSTRACT

This work presents a discursive analysis of the neutral language manual titled: “Manual for the use of neutral language in Portuguese Language” (CAÊ, 2020). In this study, we understand the concept of manualization as fundamental, which is based, in line with Christian Puech (1998) and according to the History of Linguistic Ideas, as the process that allows manuals to become linguistic instruments that seek to disseminate a certain knowledge about the language and its possible forms of use. The analysis to be carried out in this work considers the theoretical perspective of French Discourse Analysis, formulated by Michel Pêcheux and his collaborators in France, as well as disseminated by Eni Puccinelli Orlandi and his collaborators in Brazil, in conjunction with the field of History of Linguistic Ideas. The manual to be analyzed was published digitally and free of charge on the internet. The objective of this research is to understand how the manualization of linguistic knowledge occurs, through a discourse analysis on “neutral language”, conceived in this investigation as non-binary language, which proposes morphological and syntactic changes in relation to grammatical gender with the purpose of representing different gender identities (binary and non-binary), in the inclusive language manual mentioned above. That said, it is essential to specify that we understand the notion of language according to Pêcheux (2014), that is, as the basis of discursive processes, always subject to misunderstanding and instability. Finally, we highlight the importance of discursive studies on the theme of inclusive language, since the language that can be used, whether inclusive or discriminatory, forms part of the language game, which, determined by historicity and production conditions, as well as far from any neutrality, it destabilizes the discourse on gender inclusion. In this way, inclusive language presents itself as a political struggle, as subjects seek to name with the political purpose of symbolizing identity genders, in addition to male and female, as occurs with the use of neutral language, through signaling possible genders. grammatical materialized in/by the language.

Keywords: Neutral language. Discourse. Gender.

INTRODUÇÃO

Este artigo⁴ apresenta uma análise discursiva do manual não institucional de linguagem “neutra” de título: “Manual para o uso da linguagem neutra em Língua

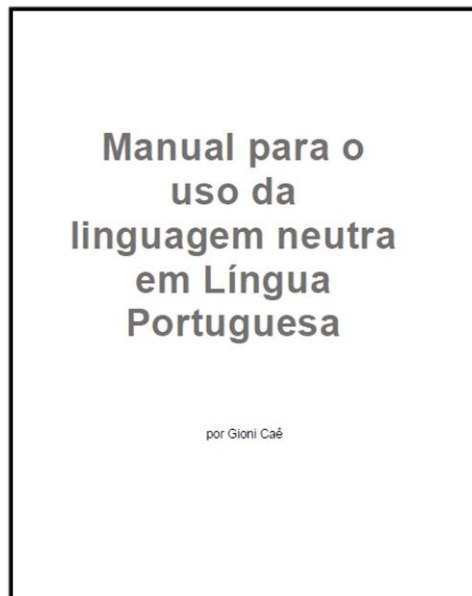
⁴ É necessário explicitar que este trabalho foi apresentado e primeiramente publicado nos anais do evento intitulado VI CONIL – Congresso Internacional de Letras, promovido pela Universidade Federal do Maranhão

Portuguesa” (CAÊ, 2020), publicado digital e gratuitamente na internet. A relevância deste estudo se deve à necessidade atual e emergente de pesquisas a serem realizadas por sujeitos analistas de discurso, no que tange a questões que articulam língua, discurso e gênero.

É importante destacar que, segundo a plataforma virtual *Lattes* de Currículos, o autor, do manual em análise, Gioni Caê Almeida, atualmente, é professor estagiário na rede municipal de ensino de Foz de Iguaçu/Paraná. Além disso, ele é egresso do curso de Letras/Inglês da Universidade do Oeste do Paraná/UNIOESTE⁵.

O objetivo principal desta pesquisa é compreender como ocorre a manualização do saber linguístico em um manual de linguagem “neutra”, intitulado “Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa” (CAÊ, 2020), por meio da análise discursiva de 3 Sequências Discursivas (SD), constituídas a partir de recortes da materialidade do manual em análise neste artigo. A capa de tal manual está ilustrada abaixo, na figura 1:

Figura 1 – Capa do manual analisado



Fonte: “Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa” (CAÊ, 2020).

O referencial teórico-metodológico deste estudo articula duas campos do saber: a Análise do Discurso de matriz francesa (doravante AD) e a História das Ideias Linguísticas (doravante HIL). Para estudar o discurso, pela perspectiva de filiação

(UFMA), em 2023. Disponível em: <https://sites.google.com/ufma.br/anais-e-resumos-do-conil/publica%C3%A7%C3%B5es/anais/anais-vi-conil?authuser=0>. Acesso em: 22/01/2024.

⁵ Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/7551713726961866>. Acesso em: 09 set. 2023.

francesa/pecheutiana, é necessário compreender que, conforme o filósofo-linguista francês Pêcheux (2014), fundador da AD, no período final da década de 60, na França, a língua é a materialidade dos processos discursivos, sendo relativamente autônoma e sujeita à falha e ao equívoco. Por sua vez, ainda de acordo com Pêcheux (2014), a linguagem é um sistema de ambiguidades no qual o sujeito está inserido, bem como afetado duplamente pelo inconsciente e pela ideologia.

Desse modo, ao analisar um manual, é crucial considerar os processos de gramatização (AUROUX, 2014) e de manualização (PUECH, 1998), provenientes dos estudos da HIL. Em conformidade com o filósofo da linguagem francês Auroux (2014), a gramatização é um processo tecnológico amplo que constitui os instrumentos linguísticos, como as gramáticas e os dicionários, ou seja, ensina como se deve usar a língua, já que tem certo caráter pedagógico.

A respeito da manualização, para o linguista francês Puech (1998), se trata de um processo possibilitado pela gramatização (AUROUX, 2014), dado que constitui uma forma de vulgarizar o saber linguístico e metalinguístico. Tal forma não apresenta enfoque no produto finalizado (o manual em si), mas sim no processo em curso, ou seja, a manualização em si mesma.

A partir disso, é relevante explicar que a metodologia desta pesquisa se fundamenta em 3 etapas:

1. Seleção do manual: “Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa” (CAÊ, 2020);
2. Recorte de 3 Sequências Discursivas;
3. Análise discursiva conforme a perspectiva teórico-metodológica dos estudos da AD e da HIL, em articulação.

No decorrer deste artigo, serão apresentadas algumas explicações acerca da linguagem inclusiva, linguagem “neutra” e linguagem não sexista. Além disso, será analisado o discurso sobre a linguagem “neutra” em um manual brasileiro não institucional, referido anteriormente, a partir de uma perspectiva discursiva que busca relacionar as categorias de gênero, raça e classe.

LINGUAGEM E DIVERSIDADE: LINGUAGEM INCLUSIVA, NÃO SEXISTA E “NEUTRA”

É importante ressaltar que, discursivamente, o âmbito da linguagem se constitui pela incompletude, pela falha, pela falta, pelo equívoco. Em discursividade, não é possível

dizer tudo, nem mesmo quando se trata da articulação entre linguagem e inclusão. Nesse sentido, a diversidade de gênero, ao ser contemplada na linguagem, produz efeitos de sentido amplos que, desde o meu gesto de interpretação, podem se referir a dois tipos de linguagem inclusiva de gênero: a linguagem não sexista e a linguagem “neutra”.

Para adentrar as questões de gênero é indispensável, em um primeiro momento, referir aos estudos da filósofa estadunidense Butler (2018). Para a estudiosa, o gênero tem caráter performativo e não biológico. Em outras palavras, o gênero não é uma categoria intrínseca ao sujeito e permanente, mas sim cultural, social, histórica e passível de performatividade, sendo fluido ao longo da vida dos sujeitos.

Neste artigo, é preciso mencionar que os termos “neutra” e “neutro” estão sendo usados entre aspas, quando se referem à linguagem, posto que, a comunidade LGBTQIAP+⁶ utiliza popularmente o termo linguagem “neutra”, bem como linguagem não binária e neolinguagem. Apesar disso, a partir do ponto de vista discursivo, de acordo com Pêcheux (2014), não há neutralidade naquilo que enunciamos, mas sim opacidade, pois os dispositivos ideológicos sempre nos atingem, enquanto sujeitos afetados pela ideologia e pelo inconsciente.

Primeiramente, é necessário explicar como tais linguagens se diferenciam em nomenclatura. A linguagem inclusiva é um tipo de linguagem que visa à inclusão na linguagem de diversos sujeitos que se inserem em categorias sociais minoritárias/minorizadas diversas, que se encontram em maior vulnerabilidade social, como: mulheres, pessoas não brancas, pessoas deficientes, pessoas LGBTQIAP+, pessoas gordas, pessoas de idade avançada, etc.

Evidentemente, essas pessoas são afetadas por um ou mais preconceitos, entre eles: machismo, racismo, capacitismo, etarismo ou LGBTfobia, por exemplo. Assim, a linguagem inclusiva propõe que se enuncie com igualdade, evitando discriminar de alguma forma que possa ofender ou humilhar por meio daquilo que se diz, considerando com/de quem se fala.

Podemos dizer que a linguagem não sexista e a linguagem “neutra” são formas de linguagem inclusiva, pois ambas buscam incluir sujeitos que estão mais vulneráveis a discriminações na sociedade, no que refere à linguagem e à língua. A linguagem não sexista surgiu da necessidade de visibilização das mulheres no discurso, já que elas podem

⁶ Lésbicas; Gays; Bissexuais; Transgêneros, Travestis e Transexuais; *Queers*; Intersexuais; Assexuais; Pansexuais; entre outros gêneros e sexualidades.

estar apagadas em um masculino genérico. Esse tipo de linguagem propõe o desdobramento do masculino e do feminino, assim como o uso de termos impessoais que não marcam gênero, como pessoa, para citar um exemplo.

Por sua vez, a linguagem “neutra” abre uma janela na língua, pois ela apresenta uma nova forma de dizer que modifica o masculino genérico e as formas femininas. O que a linguagem “neutra” propõe é uma neolinguagem, na qual o não binarismo, ou seja, o distanciamento do feminino/masculino, se faz visível. Nela, já não basta dizer “todos e todas”, é preciso dizer “todes”. Embora haja significativa resistência de uma parte da sociedade brasileira com esse tipo de linguagem, muitas categorias gramaticais precisam ser pensadas e já estão sendo utilizadas e testadas por pessoas não binárias e por quem convive com elas.

O DISCURSO SOBRE A LINGUAGEM “NEUTRA”: UMA ANÁLISE PELA PERSPECTIVA DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Nesta seção, será apresentada a análise de 3 Sequências Discursivas (SD), as quais se referem ao “Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa” (CAÊ, 2020). Tal análise foi realizada a partir do entendimento de que gênero, raça e classe são categorias intrínsecas. Dito de outra forma: não é possível tratar apenas de uma delas sem que uma afete às outras, pois elas estão interligadas discursivamente.

Todas as pessoas são atravessadas por características próprias, que podem ou não causar identificação entre elas. Por isso, as formas de discriminação que uma mulher latino-americana, transgênero, negra, bissexual e pobre, por exemplo, pode sofrer, são incomparáveis ao sofrimento que um homem europeu, branco, cisgênero, heterossexual e rico pode sentir. Dito de outra maneira: as minorias/minorizações sociais, com todas as especificidades de preconceito, tanto em relação ao corpo (aspecto físico), como à classe social (aspecto econômico), são atingidas de diferentes modos, os quais coexistem particularmente, na vida de cada sujeito.

Vale dizer que esta análise discursiva compreende as definições do termo linguagem “neutra” ao longo do manual pesquisado, a fim de compreender como a manualização desse tipo de linguagem, ou seja, desse saber linguístico vulgarizado, ocorre no Brasil, no ciberespaço, onde a materialidade foi publicada, considerando as condições de produção do ano de 2020.

Para tanto, a Sequência Discursiva 1 (SD 1) encontra-se ilustrada na figura 2 a seguir:

Figura 2 – SD 1

Introdução

A língua portuguesa, infelizmente, ainda é extremamente binarista e sexista, visto que, ao nos referirmos a um grupo com indivíduos de mais de um gênero, tendemos a usar o pronome masculino (eles) no discurso, o que reflete o machismo intrínseco a língua e expõe a exclusão de mulheres e pessoas não binárias, daí a necessidade de reformular a gramática. A **linguagem neutra** surge então como uma possibilidade, na tentativa de contemplar todos os gêneros e validá-los no discurso.

Fonte: “Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa” (CAÊ, 2020, p. 5, grifos meus).

Na figura 2, a linguagem “neutra” é definida como uma possibilidade, ou seja, uma tentativa de incluir todos os gêneros no discurso. Ainda que não seja possível tudo dizer, nessas condições de produção, buscar inclusão parece ser uma possibilidade válida, em uma sociedade gravemente preconceituosa, assolada pelo machismo e pela transfobia, podendo até mesmo a discriminação (em suas inúmeras esferas) ser a causa de mortes pelo ódio às diferenças.

É indispensável tratar de alguns conceitos pecheutianos. Um deles é o de Formação Discursiva (FD), o qual, para Pêcheux e Fuchs (2014, p. 164), regulam “[...] aquilo que pode e dever ser dito [...] a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada”. Ademais, vale sinalizar que uma FD:

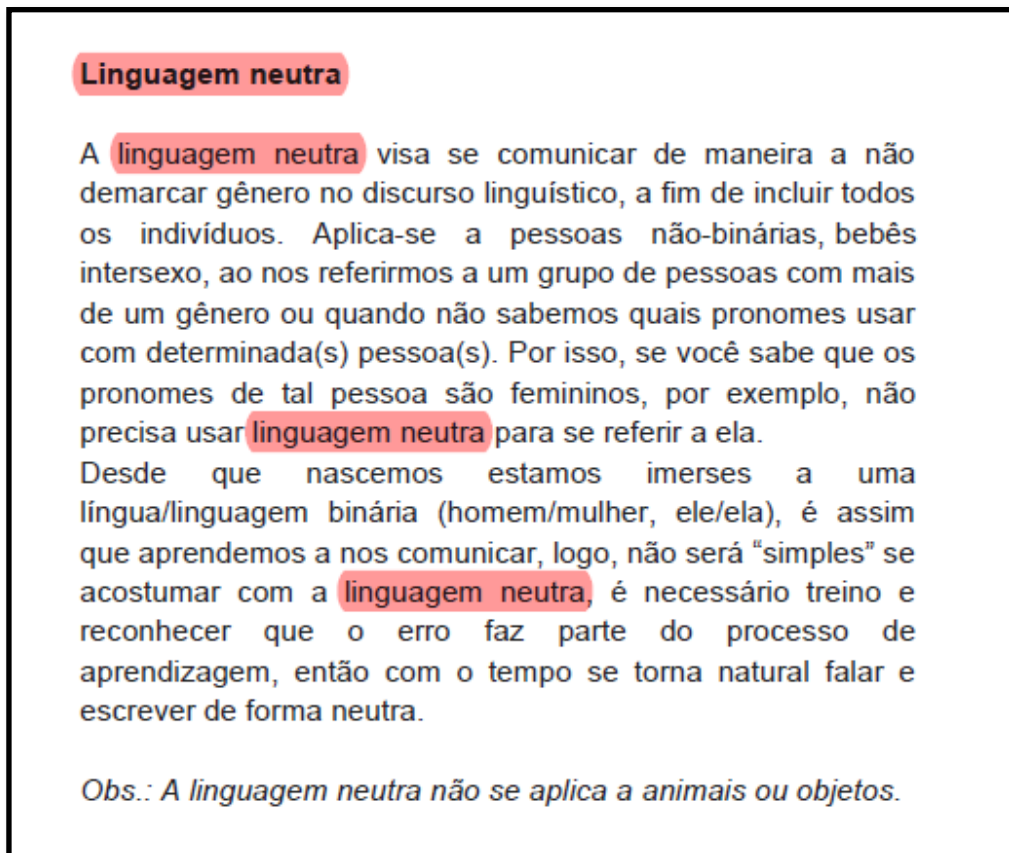
[...] não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vem de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais [...]. (PÊCHEUX, 2014, p. 310, grifos do autor).

Diante disso, o conceito de Formação Ideológica (FI) abarca Formações Discursivas diversas e funciona mediante a inscrição do sujeito e dos sentidos em certa ideologia, ou seja, em um conjunto complexo com dominante de formações discursivas, as quais se organizam a partir de formações ideológicas específicas (PÊCHEUX, 2014).

Dito isso, na SD 1, o discurso sobre a linguagem “neutra” se inscreve em uma Formação Discursiva (FD) não binária, na qual os sujeitos-não-binários, que são aqueles que não se identificam com o binarismo (nem com o masculino, nem com o feminino), estão incluídos no discurso.

A seguir, na figura 3, o objetivo do uso da linguagem “neutra” é explicado no manual, bem como o que ela significa.

Figura 3 – SD 2



Fonte: “Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa” (CAÊ, 2020, p. 6, grifos meus).

Na SD 2, a linguagem “neutra” é compreendida como adaptável às situações em que houver necessidade, isto é, quando não se sabe o gênero do sujeito com/de quem se fala. Ademais, tal linguagem é tida como em curso de aprendizagem atualmente, onde nós somos aprendizes enquanto sujeitos que reconhecem a existência de um gênero “neutro”, ainda que dotado de diversidade, para muito além do acrônimo LGBTQIAP+, na qual o símbolo “+” se constitui da incompletude, da falta, daquilo que vai além da linguagem e suas possíveis definições.

Desse modo, na SD 2, o discurso sobre a linguagem “neutra” também se inscreve em uma FD não binária, uma vez que explica que não há aplicação da linguagem “neutra” a objetos e animais, bem como se trata de uma tentativa linguística de não demarcar gênero com o propósito de incluir todos os sujeitos no discurso, sem estabelecer distinções entre a dicotomia feminismo/masculino, afastando-se de uma perspectiva binária de gênero.

Para a analista de discurso brasileira Orlandi (2020, p. 29), a memória discursiva consiste naquilo que “[...] fala antes em outro lugar independentemente”. Com relação à SD 2, os saberes sobre ser homem e ser mulher, na sociedade patriarcal, são formulados no interior dessa memória discursiva, a qual não concerne à lembrança individual, mas à produção de sentidos na história, estando inscrita em práticas sociais.

Por último, na figura 4, o manual apresenta uma comparação entre a linguagem “neutra” e a linguagem inclusiva, conforme é possível observar abaixo:

Figura 4 – SD 3

Linguagem inclusiva

A assim com a **linguagem neutra**, a linguagem inclusiva visa não demarcar o binarismo de gênero, no entanto, ao invés de flexionar adjetivos, pronomes e outros, dedica-se em alterar ou reformular frases, de modo que os termos utilizados não se refiram a nenhum gênero.

Exemplo: Aquela pessoa é muito bonita.

Fonte: “Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa” (CAÊ, 2020, p. 7, grifos meus).

Na figura 4 acima, a SD 3 indica que, uma vez mais, o discurso sobre linguagem “neutra” se inscreve em uma FD não binária, dado que ela é concebida como semelhante à linguagem inclusiva (compreendida nessa SD 3 como linguagem não sexista), por buscar não demarcar gênero algum.

Contudo, a diferenciação explicitada é a de que a linguagem não sexista, ao contrário da linguagem “neutra”, não flexiona classes gramaticais, apenas apaga o gênero, seja ele binário ou não binário, como pode ser observado no exemplo ilustrado na figura 4, com o uso da palavra “pessoa”.

Portanto, nas 3 Sequências Discursivas (SD) analisadas (SD 1, SD 2 e SD 3), ilustradas nas figuras presentes nesta seção do artigo, o discurso sobre linguagem “neutra” se inscreve em uma Formação Discursiva (FD) não binária, a qual corresponde a uma Formação Ideológica (FI) antipatriarcal, contrária ao patriarcado, sistema no qual o sujeito-homem (especialmente branco, cisgênero e heterossexual), e o masculino em geral, ocupa majoritariamente os espaços de liderança e poder na sociedade, em detrimento de diversos outros sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, este estudo busca demonstrar que a complexa articulação entre língua, linguagem, gênero e discurso ocorre em intersecção com questões tensionadas de raça e de classe, inflamadas em uma sociedade brasileira historicamente permeada por intenso racismo, machismo e elitismo, o que, de forma alguma, é possível apagar linguisticamente, dada a historicidade que constitui o discurso. Tal demonstração foi possível por meio de uma significativa materialidade discursiva constitutiva do *corpus* de pesquisa, profícuo instrumento linguístico: um manual de linguagem “neutra” digital, gratuito e atual. Tal manual qual busca recomendar, por meio de explicações e exemplos, uma linguagem que não fere pessoas não binárias e não distingue os gêneros performativos de forma discriminatória.

Longe de haver um consenso sobre o tema, podemos analisar que a linguagem não sexista simboliza a abertura de uma janela que permite visibilizar o feminino na língua, enquanto a linguagem “neutra” representa a abertura de outra janela distinta, a qual visibiliza a existência, muitas e repetidas vezes ignorada socialmente, de sujeitos LGBTQIAP+. Ainda que evidenciar o feminino seja diferente de evidenciar o não binarismo, é possível inferir que ao usar a linguagem “neutra”, simplesmente, uma hegemonia esteja sendo trocada por outra. Muito além de prever ou cercear o uso da linguagem “neutra”, a reflexão permanece: será que todos os sujeitos cabem no “neutro”?

Dito de outra forma: alguns movimentos feministas podem não estar de acordo com a não visibilização do feminino, em específico (em detrimento do uso único do “neutro”), da mesma forma que o uso do “neutro” pode simplesmente trocar o masculino genérico pelo “neutro” genérico, que não especifica gênero, mas coloca todas as pessoas que não se identificam em feminino/masculino em uma mesma categoria. Afinal, quem cabe no “neutro”?

Portanto, como a linguagem “neutra” não é uma problemática linguística propriamente dita, mas sim uma demanda política (FILHO, 2022), especialmente da comunidade LGBTQIAP+, não cabe ao analista de discurso julgar, mas sim desenvolver investigações que abarcam a temática da linguagem inclusiva, seja ela não sexista ou “neutra”. Isso porque, a produção e a circulação dos efeitos de sentido mostram muito sobre quem somos enquanto sociedade brasileira, dotada de diversidade, bem como de que forma nos relacionamos com a língua, considerando a historicidade e a memória em discursividade.

REFERÊNCIAS

- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CAÊ, Gioni. **Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa**. 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/43853544/Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_L%C3%ADngua_Portuguesa. Acesso em: 13 jul. 2023.
- FILHO, Fábio Ramos Barbosa. Projetos de lei contrários à linguagem neutra no Brasil. *In*: FILHO, Fábio Ramos Barbosa; OTHERO, Gabriel de Ávila (org.). **Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate**. 1. ed. Parábola: São Paulo, 2022. p. 141-160.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1957). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.). **Por uma análise automática do discurso**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 159-249.
- PUECH, Christian. Manuélisation et disciplinarisation des savoirs de la langue. **Les Carnets du Cediscor**, Paris, n. 5, p. 15-30, 1998. Disponível em: <http://cediscor.revues.org/267>. Acesso em: 23/07/2023.

Capítulo 3
A LEITURA DA LITERATURA INFANTIL PELO OLHAR DAS
CRIANÇAS

Francielli Czelusniak Costa Chepluki
Lucas Antoszczyszyn



A LEITURA DA LITERATURA INFANTIL PELO OLHAR DAS CRIANÇAS

Francielli Czelusniak Costa Chepluki⁷

*Mestra em Educação- PPGE Unicentro, Coordenadora Pedagógica Municipal,
franciellichepluki@gmail.com*

Lucas Antoszczyszyn⁸

*Doutorando em Educação (PPGE – Unicentro), bolsista Capes,
antoszczyszyn98@outlook.com*

RESUMO

Trata-se o presente artigo de um estudo desenvolvido, objetivando investigar a leitura da literatura infantil, através do olhar das crianças. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica envolvendo os temas da Literatura Infantil, seu histórico e o trabalho dos professores com leitura desta modalidade. Essa pesquisa foi base para o aprofundamento do tema, formulação do instrumento de coleta, bem como para a análise dos dados levantados. No segundo momento, realizou-se uma pesquisa de campo, por meio de um questionário semi-estruturado, no Município de Palmeira no estado do Paraná, onde foram entrevistados nove crianças do quarto ano do ensino fundamental de escolas públicas e particulares, para então colher, a visão dessas crianças sobre a leitura da literatura. Após análise dos dados, chegou-se a conclusão de que as crianças apesar de afirmarem gostar de ler, demonstram ler muito pouco e o fazem somente quando são forçadas pelas suas professoras. Apesar da leitura da literatura ser algo de grande importância, verificou-se sobre a visão das crianças, que ainda há pouco trabalho desenvolvido nesse sentido em sala de aula, pelas suas professoras. O dia a dia escolar no que se refere à leitura se resume a idas livres a biblioteca, e o trabalho pedagógico, a cobrança da leitura através de provas e trabalhos, o que nos demonstrou não ajudar a desenvolver o gosto e hábito pela leitura nos entrevistados.

⁷Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Irati. Mestra em Educação Pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Participante do Grupo Pesquisa: Educação Histórica: Consciência Histórica e Cultura (CNPq). E-mail: franciellichepluki@gmail.com.

⁸Mestre em História, Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, bolsista CAPES, antoszczyszyn98@outlook.com.

Palavras-chave: Literatura infantil. Leitura. Escola. Criança.

ABSTRACT

This article is a study developed, aiming to investigate the reading of children's literature, through the eyes of children. To this end, a bibliographical research was carried out involving the themes of Children's Literature, its history and the work of teachers with reading this modality. This research was the basis for delving deeper into the topic, formulating the collection instrument, as well as for analyzing the data collected. In the second moment, field research was carried out, using a semi-structured questionnaire, in the Municipality of Palmeira in the state of Paraná, where nine children in the fourth year of elementary school from public and private schools were interviewed, to then collect, these children's views on reading literature. After analyzing the data, it was concluded that children, despite claiming to like reading, show that they read very little and only do so when forced by their teachers. Although reading literature is something of great importance, it was verified from the children's perspective that there is still little work carried out in this sense in the classroom, by their teachers. The daily school life in terms of reading is limited to free trips to the library, and pedagogical work, the demand for reading through tests and assignments, which demonstrated to us that it does not help to develop the taste and habit of reading in the interviewees.

Keywords: Children's literature. Reading. School Child.

INTRODUÇÃO

Trata-se o presente artigo de um estudo proposto com o objetivo de investigar a concepção de leitura em crianças de nove anos, alunos do ensino fundamental no município de Palmeira-Paraná. Para tanto, a presente pesquisa foi dividida em duas etapas, sendo a primeira uma pesquisa bibliográfica e em seguida uma pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica teve como propósito o levantamento de conhecimento sobre a literatura infantil e a atuação dos professores na prática da leitura da literatura infantil, permitindo o aprofundamento necessário para a pesquisa propriamente dita, sendo base também para o desenvolvimento do instrumento de coleta e da análise de dados.

No segundo momento, na pesquisa de campo, foram realizadas visitas as escolas com intuito de coletar os dados necessários nos locais onde estão os agentes envolvidos no fenômeno pesquisado. Ocorreu através da utilização de um questionário, semi estruturado, onde foi feita a entrevista oral com crianças de 9 (nove) anos, de 5 escolas do Município de Palmeira no estado do Paraná. Esta etapa teve como objetivo levantar

informações das crianças a cerca da visão delas sobre a leitura da literatura infantil.

Destaca-se que este tema surgiu do gosto particular pelos livros e leitura, desde criança, assim, surgiu a necessidade de entender como os professores estão trabalhando com a leitura da Literatura em sala de aula, a partir da visão da criança, já que esta é muito importante para a formação intelectual do indivíduo.

A LEITURA DA LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA

Várias dúvidas permeiam, hoje, sobre como trabalhar a leitura da literatura na sala de aula, qual a prática que o educador deve usar e/ou comousar. Questões essas que há tempo pairam na educação brasileira, dado o fatodo processo de escolarização desde o tempo da colonização dos jesuítas:

No Brasil Colônia, a transmissão desse acervo narrativo popular (principalmente o exemplar ou moralizante) sem dúvida se deveu muito àação catequizadora exercida pelos jesuítas até 1759, quando a Reforma Pombalina extingue as ordens religiosas e a incipiente “rede escolar”, por elas aqui instalada, foi destruída sem que nada a substituísse. A partirdaí foi terminantemente proibido no Brasil todo e qualquer tipo de movimento cultural [...] (Coelho, 2010b, p.16). Pretende-se, ao longo deste capítulo, levantar algumas práticas que interessantes a serem adotadas pelo educador ao trabalhar com essa modalidadede ensino, bem como evidenciar alguns erros e acertos. Primeiramente precisa-se compreender a importância da literatura como formação ao indivíduo, na escola, pois segundo Faria (2010, p. 19).

Portanto, entende-se, que formar leitores é uma tarefa que começa antes da alfabetização, quando a criança conhece e compreende o mundo a sua volta, e se estende sobre toda a vida escolar. Daí que vem sua importância nesse âmbito. Sabe-se que a leitura é um hábito saudável e que precisa ser passado para as crianças, para que assim, futuramente tornem-se ativos intelectuais em nossa sociedade, pois é através desta que o indivíduo constrói seu conhecimentoalém de ajudar na formação de sua escrita, sendo que a leitura é a base da alfabetização.

Antes de tudo o professor precisa ter uma boa base literária e saber muitobem escolher os livros adequados para seus alunos. Nesse sentido, Faria, 2010, salienta que o professor precisa ter um conhecimento literário para selecionar os livros aos seus alunos, saber o que vai interessá-los durante a aula bem como ampliar o conhecimento que a criança já traz de sua vida.

Caberá, pois a escola ampliar essas competências que a criança possui antes da alfabetização, introduzindo-a no domínio de alguns aspectos literários que já estão presentes em narrativas de livros infantis e dos quais o mais “natural” é a vivência de uma história.

Porém, nem sempre isso acontece, muitos professores não sabem trabalhar com essa questão da leitura literária em sala de aula, ficam em dúvida em qual livro trabalhar e como trabalhar, pois segundo Silva (2003, p.515):

Na escola, a leitura é praticada tendo em vista o consumo rápido de textos, ao passo que a troca de experiências, as discussões sobre os textos, a valorização das interpretações dos alunos tornam-se atividades relegadas a segundo plano. A quantidade de textos “lidos” (será que de fato são “lidos” pelos alunos?) é supervalorizada em detrimento da seleção qualitativa do material a ser trabalhado com os alunos.

Confirma-se com essa citação a necessidade do professor ver/rever sua prática na sala de aula no trabalho com literatura. Pois conforme Faria cita “as escolhas, tanto do livro como o quê trabalhar esse instrumentalliterário são da maior importância (2010, p.21).

Ainda sobre a prática da literatura na sala de aula, Coelho (2010a, p.13) diz: “Naturalmente é necessário fazer uma seleção inicial, levando em conta, entre outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições socioeconômicas.”

É importante o educador analisar às questões acima antes de trabalhar com o livro em sala, precisa-se pesquisar nestes mesmos e/ ou revistas e até em outras fontes, os livros que atendam os interesses e sejam melhor adequados às condições de seus alunos.

Dentre estes fatores, considera-se de maior relevância o professor prestaratenção quanto ao livro indicado à faixa etária do aluno. Conforme Coelho nos explicita “há vários fatores para que o convívio da criança seja efetivo e o mais importante é a adequação dos textos às diversas etapas do seu desenvolvimento” (2010b, p. 32). Ainda nesse sentido, a autora Coelho (2010b,p.33), nos mostra as etapas de desenvolvimento dos estágios psicológicos e a literatura da criança, sendo eles: o pré-leitor (15/15 meses aos 3 anos); o pré-leitor (15/15 meses aos 3 anos); o leitoriniciante (a partir 6/7 anos); o leitor em processo (a partir 8/9 anos); o leitor crítico (a partir dos 12/13 anos).

Com esse auxílio o professor pode aprofundar seu conhecimento acerca das especificidades, predomínios, gostos, fases, livros de cada estágio, contribuindo com seu trabalho na sala de aula.

Reforçando essa importância da escolha conforme à faixa etária Coelho (2010a, p.14), diz:

Dentre os vários indicadores que nos orientam na seleção da história destaca-se o conhecimento dos interesses predominantes em cada faixa etária [...] Geralmente, uma boa história agrada a todos, Ocorre entretanto que, no caso de uma narrativa para crianças pequenas, é necessário respeitar-lhes as peculiaridades, sobretudo seu estágio emocional [...] A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral [...]. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial.

Ciente da importância da escolha do livro ideal e adequado para cada faixa etária de seu aluno, o professor consegue um trabalho mais eficaz com literatura em sala de aula, sem consequência e erros na escolha da história.

Após a escolha do livro adequado, o educador ainda deve seguir um plano de aula ou roteiro, para sua aula não ficar vazia, sem sentido e dispersar o interesse dos alunos. Assim:

Constatada a importância da história como fonte de prazer para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não se pode correr o risco de improvisar. O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade. O roteiro possibilita transformar o improvisado em técnica, fundir a teoria à prática (Coelho, 2010b, p.13).

Quando o educador improvisa e não tem um roteiro a seguir sua aula se torna “chata”, “monótona”, aos olhos dos alunos, fazendo com que a atenção destes se disperse facilmente. Quando o professor entra na sala de aula preparado, ele sabe agir corretamente em cada momento (como contar a história, expressão facial, entonação de voz, momentos de pausa, etc); assim não corre riscos de erros durante a narrativa e/ou explicação de uma história, prendendo a atenção de seus alunos à aula.

Após contar a história o professor pode realizar atividades referentes ao texto lido, mas deixa-se bem claro, que jamais deve-se impor uma leitura ao aluno. Conforme Silva (2003, p.516):

Na medida em que as leituras são impostas, objetivando o cumprimento de tarefas puramente escolarizadas, o ato de ler passa a ser compreendido pelos alunos como uma obrigação e as escolhas pessoais dos leitores não são privilegiadas. Essa concepção autoritária da leitura promove um apagamento da voz do aluno enquanto leitor e produtor de textos.

O que o aluno precisa descobrir na escola é o gosto e o prazer da leitura literária, quando lhe é imposto atividades e leituras por parte do professor, acarreta com que este aluno afaste, renegue, esconda um gosto, um prazer que ele ainda pode vir a descobrir.

Atividades diferentes das tradicionais são um exemplo para o educador trabalhar em sala de aula, e que os alunos vão se interessar pelas aulas de literatura. Coelho, traz exemplos de atividades que o professor pode trabalhar com os alunos após uma história, segundo ela:

Sempre que possível, convém propor atividades subsequentes. As chamadas atividades de enriquecimento ajudam a “digerir”, esse alimento num processo de associação a outras práticas artísticas e educativas. A história funciona então como agente desencadeador de criatividade, inspirando cada pessoa a manifestar-se, expressivamente, de acordo com sua preferência. Há vários tipos de atividades que podem ser desenvolvidas, baseadas nas sugestões que o enredo oferece: * dramatização; * pantomima; * desenhos, recortes, modelagem, dobradura; * criação de textos orais e escritos; * brincadeiras; * construção de maquete. São atividades espontâneas, jamais funcionando como imposição e delas participam apenas os que quiserem. (2010a, p.59)

Atividades estas, simples e interessantes, porém novamente destaca-se que devem sempre serem planejadas previamente, que farão com que a leitura literária se torne muito mais divertida e proveitosa para os alunos. E as atividades pós-leitura nascem da criatividade do educador, pois além destes inúmeros outros exemplos podem servir de apoio a aula. Conquistando o interesse do aluno pela literatura ele à levará por toda a sua vida; assim divertindo-se, conhecendo a si a ao mundo e o mais importante tornando -se um indivíduo intelectual assim colaborando para a sociedade com sua criticidade. Triste ver uma biblioteca cheia de livros, vazias de alunos, perdendo a oportunidade de enriquecer a infância. Necessitamos despertar-lhes o gosto da leitura enquanto há tempo, portanto, requer segurança e prática na arte de ler. Mas assim que atraí-los, estão conquistados e passam à frequentar assiduamente. Nada pode ser imposto. A espontaneidade é a tônica desse tipo de trabalho.

Ainda, segundo Magnani, (1989, p.42):

A posição dos que enfatizam a leitura quantitativa e liberta de juízos de valor sobre o texto traz à lembrança a “síndrome do prazer”. O aluno não deve ser obrigado a ler nada. Deve-se antes, deixar que leia o que quiser quando quiser, para que ele adquira o hábito e o gosto pela leitura.

Além da imposição, há outra questão importante que Coelho (2010b, p.12), nos lembra:

Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem - “se ficarem quietos, conto uma história”, “se isso”, se aquilo” - quando o inverso é que funciona. A história aquieta serena, prende a atenção, informa, socializa, educa.

O educador que adota essa postura da citação acima, fazendo chantagens aos alunos, para estarem atentos às histórias, ou até colocando a criança de castigo “lendo um livro” como forma de punição, não está ajudando na importância da história como fonte de prazer e gosto para seus alunos, muito ao contrário, desestimula-os, desencoraja os ao ato da leitura literária, acarretando muitas vezes à criarem aversão há livros e conseqüentemente interferindo na sua alfabetização e até em seu futuro com um indivíduo crítico mais atuante na sociedade.

Há professores que pensam que trabalhando com grandes quantidades de livros de leitura farão por assim dizer um trabalho “melhor”, descarregam sobre os alunos dezenas de livros, sobrecarregando-os, e de que muitas vezes de nada aproveitarão. Nesse sentido, Magnani (1989, p. 92) confirma:

Parece-me que a saída mais coerente para o professor pode ser buscada numa “práxis” compartilhada que lhe ofereça segurança e permita uma *interferência crítica*. Cabe ao educador romper com o estabelecido, propor a busca e apontar o avanço, para além da dicotomia valorativa entre quantidade e qualidade. Para isso, é preciso problematizar o conhecido, transformando-o num desafio que propicie a mobilidade.

Sendo um professor crítico, que procure um livro de boa qualidade da “boa literatura”, assim conseguindo realizar um bom trabalho em sala de aula; é mais válido do que levar grandes quantidades de livros à aula, fazendo com que conseqüentemente se torne uma aula cansativa e carregada, sendo que os alunos de nada tirarão proveito.

Ainda Magnani (2010), fala da diversidade na sala de aula (de enredos, procedimentos narrativos, gêneros, linguagens, autores e metodologias) o professor pode e deve buscar evitar a trivialização no trabalho com a literatura, assim romper com a limitação do desconhecido, ampliando seus horizontes.

Inclusive o educador pode, trabalhar com outros gêneros, não ficar somente na mesmice, e que os alunos gostem, como por exemplo Histórias em Quadrinhos (onde já foi tratada sua importância no início do artigo), jornais, revistas, entre outros, como apoio para despertar o gosto de seu aluno pela leitura literária.

Nesse sentido, Magnani (2010 p. 62), em seu livro relata sua experiência em uma

pesquisa realizada com professores de 72 escolas públicas em São Paulo sobre essa questão:

Do total geral de títulos, 80% apareceram apenas 2 vezes, e os que tiveram os índices mais elevados de frequência perfazem os 20 títulos. Desses, 90% são da mesma editora – como parte de uma coleção destinada ao 1º grau – evidenciam uma repetição de autores (alguns deles como Lúcia Machado de Almeida, aparece com até 5 títulos), bem como a aceitação, por parte dos professores, das sugestões de indicação por série apresentada no catálogo da editora.

Portanto faz-se necessário e importante essa diversidade de gêneros e autores em sala de aula, não somente trabalhar os clássicos ou os mais conhecidos pelos alunos, levar para conhecimento desta literatura contemporânea, poesia, prosa, ficção, suspense, histórias em quadrinhos como já citado anteriormente, sempre buscando títulos e autores novos, mas levando em conta sempre verificar de antemão sua procedência.

Durante as aulas o professor pode deixar momentos de leituras livres em que o aluno escolhe sozinho seu livro, e também momentos programados antecipadamente com os livros escolhidos antecipadamente pelo educador.

No que diz respeito às atividades com a literatura e a expressão verbal, o espaço - escola deve se diversificar em dois ambientes básicos: o de *estudos programados* (sala de aula, bibliotecas para pesquisa, etc) e o de *atividades livres* (sala de leitura, recanto de invenções, oficina da palavra, laboratório de criatividade, espaço de experimentação, etc). (COELHO, 2010b p. 17)

Desta forma, Faria (2010), confirma dizendo que é interessante o professor pensar em três momentos de leitura de livros ao planejar sua aula: tempo livre na biblioteca, dando liberdade aos alunos, aulas de leitura coletivas e espontâneas com troca de idéias com a finalidade apenas de ler a história pelo prazer da leitura, e por último aulas de aprofundamento da leitura, trabalhando com alguns aspectos a serem tratados pela classe.

Trabalhando dessa maneira, a aula de leitura literária não se torna cansativa e tediosa, ao contrário faz com que os alunos ansiem por esse momento, assim, o professor se sente recompensado pelo seu trabalho.

Uma dúvida que permeia sobre os professores é sobre a questão da avaliação, se deve ser utilizada avaliação, de que forma fazer essa avaliação, se utilizar-se questionário. Nesse sentido, Faria explica

A ficarmos na leitura limitada aos questionários tradicionais ou a buscar apenas o aspecto denotativo das histórias, não chegaremos à riqueza que se abre nas mais diversas maneiras que cada leitor experimenta ao ler um texto. (2010, p.16)

A leitura é um ato pessoal assim como seu entendimento, ao realizar a avaliação de um livro, o educador corre o risco, de se decepcionar com as respostas (como dito, a crítica é pessoal tanto quanto seu entendimento) ou ainda fazer com que a criança entenda isso como algo imposto; ainda, à depender da nota recebida o aluno sentirá desmotivado e só fará leituras obrigatórias daí em diante.

O professor deve ter claro que a literatura é ludismo, fantasia, imaginação e questionamento e que esses fatores estarão enriquecendo o ato de ler. E que essa qualidade revela a literatura com uma forte aliada do professor, para levar o aluno a compreender o mundo real, assim como o aprendizado seja ele escrito ou oral. Compreender a importância da literatura e administrá-la bem aos alunos leva o professor a executar uma proposta transformadora da educação. (Machado, p.6, 2001)

Após a presente exposição teórica, vamos analisar como vem ocorrendo o trabalho do professor na sala de aula, no que diz respeito a leitura da literatura, por meio dos dados levantados com as crianças entrevistadas.

A LEITURA NA VISÃO DAS CRIANÇAS

Formar leitores é uma tarefa que começa antes da alfabetização, quando a criança conhece e compreende o mundo a sua volta, e se estende sobre toda a vida escolar. Daí que vem sua importância nesse âmbito.

A leitura é um hábito muito saudável, e que precisa ser passado para os estudantes, para que assim, futuramente tornem-se ativos intelectuais em nossa sociedade, pois é através desta que o indivíduo constrói seu conhecimento além de ajudar na formação de sua escrita, sendo que a leitura é a base da alfabetização.

O que a criança precisa descobrir na escola é o prazer da leitura e do livro, por isso os professores e também os pais, devem ser os manipuladores dessa descoberta, abrindo caminho para leituras diferentes, mais agradáveis, divertidas instrutivas, e da Literatura Infantil. Fazendo da leitura na escola dever ser um hábito diário, não esporádico, e jamais ela pode ser encarada como castigo aos alunos indisciplinados como naturalmente acontece.

Diante disso e ciente da importância da leitura, a pesquisa aqui apresentada teve como finalidade investigar o que as crianças pensam sobre a mesma. A pesquisa em questão foi realizada na cidade de Palmeira – Paraná, em quatro escolas (uma delas particular). O procedimento metodológico foi a utilização de um questionário com nove perguntas, todas sobre leitura, direcionadas aos alunos do 4º ano.

Conforme percebido nas entrevistas, há alguns pontos positivos e negativos sobre a leitura nas escolas. Em quase todas as escolas há biblioteca e isso é positivo, mas eles não frequentam assiduamente, sempre tem dia e hora marcados para esse momento, ou quando o professor não tem mais conteúdo para passar, o que pode ser averiguado nas seguintes respostas: “Tem. Só na quinta que a professora deixa.” “Mais esse ano. Porque antes eu não vinha na biblioteca”. Diante dessas respostas, percebemos que:

“A escola brasileira tem deixado uma lacuna na formação do público leitor... as nossas escolas não estão conseguindo desenvolver as habilidades consideradas mínimas para que o aluno possa compreender um texto.

Existe, um problema no ensino da leitura, na escola brasileira, com relação à formação de leitores, devido talvez ao despreparo docente, principalmente no que diz respeito ao texto literário, o texto aberto, aquele que permite uma pluralidade de leitores.” (Pereira, 2006, p.20)

Outro apontamento feito pelos alunos é referente como a leitura é trabalhada, o que foi constatado a partir das respostas que a mesma é cobrada por uma avaliação e não como algo prazeroso ou parte do dia a dia da sala de aula. A leitura não pode ser cobrada como avaliação no final do bimestre, como foi constatado na pesquisa. Isso faz com que o aluno fique com medo de ler um livro e de repente não saber interpretá-lo corretamente como o professor deseja, como foi percebido na entrevista com a seguinte resposta: “Sim. Final do Bimestre a gente lê um livro um por bimestre e depois faz à prova.”

Infelizmente, de todas as crianças entrevistadas a maioria encara a leitura como algo dispensável, somente lêem quando “não tem nada pra fazer”, ou “quando dá tempo”, isso constata a falta de incentivo da família ou escola, pois somente três destas crianças relataram realmente gostar de ler, e lêem assiduamente e quando querem.

Falar em leitura e literatura é falar de um fenômeno social que envolve as condições de emergência e utilização de determinados escritos, em determinada época; é pensá-las do ponto de vista de seu funcionamento sócio- histórico, antes e para além de platônicos e redutores juízos de valor. E falar em formação do gosto é retomar as relações entre leitura, literatura e escola do ponto de vista das possibilidades políticas do movimento no sentido de desestabilização da dicotomia entre *prazer* e *saber*. (Magnani, 1989, p. 29).

O educador também precisa levar variedades, diversidades de livros e autores para a sala, para não ficar somente nos mais conhecidos pelas crianças. Apresentá-los aos gêneros literários de cada livro e leitura realizada é de muita importância para o conhecimento dos alunos, pois conforme a entrevista que realizei pude perceber a falta de informação que os alunos tinham ao perguntar-lhes - “qual tipo de livro você mais gosta?”. As respostas foram variantes mais nenhuma satisfatória e que demonstrasse a compreensão dessas crianças pelos gêneros literários.

Percebeu-se com a entrevista realizada, uma urgente necessidade de foco na questão da leitura e literatura, seja em casa ou na escola. Mas, não podemos afirmar que a culpa seja deles (pais e professores), pois isso envolve muito mais, desde a época em que a Literatura Infantil chegou no Brasil (século XIX), ela vem sendo tratada, na maioria das vezes como uma questão de moralidade, e educação, o que pode acarretar em um distanciamento da criança da Literatura em si.

O envolvimento destinar-se-ia aos pais, a escola, os professores, a indústria livreira, enfim os alunos.

Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura (Machado, 2001, p.7).

Pode-se dizer que uma mudança no âmbito do gosto de leitura e literatura, ocorrerá em longo prazo e também envolverá muitas partes. A longo prazo porque primeiro precisa uma mudança no pensar dos indivíduos, um pensamento mais crítico por parte da sociedade. Primeiro muda-se esse pensar nos educadores, assim eles irão passando aos seus alunos que um dia serão a base da sociedade e assim sucessivamente. Esse pensar, seria exatamente o gosto da literatura e não pensar mais na leitura como algo somente educativo e moralista, e sim como uma leitura de prazer e gosto

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, então, com essa pesquisa, através dos autores utilizados e do questionário realizado com alunos de escolas públicas e municipais, que apesar da leitura ser muito importante na formação do indivíduo lhe é dada muita pouca importância.

Demonstrou que se falta para o professor a consciência do seu papel do professor

no sentido de ter conhecimento nessa área da Literatura, para dar subsídios para o aluno ter possibilidades de ter mais contato com a leitura, e assim desenvolver o gosto e o hábito da leitura.

Nesse sentido, proporciona uma reflexão sobre uma possível falha no curso de formação, onde ao professor há a necessidade de conhecimento cultural literário para repassar aos seus alunos, e também para utilizar uma metodologia mais segura em sala de aula.

Desta forma, verificou-se que o professor tem utilizado do trabalho em sala de aula com leitura de literatura, do recurso de provas e avaliação, fazendo da leitura uma coisa cobrada, assim acarretando em não despertar o gosto da leitura e literatura pelos alunos.

Nesse sentido é necessário rever os métodos utilizados pelos professores em sala no trabalho com a leitura, mostrar para os alunos os prazeres e informações que eles podem encontrar ao ler um livro, assim conseguindo despertar o gosto deles para a leitura, e formando cidadãos críticos e ativos na sociedade.

REFERÊNCIAS

COELHO, Betty. **Contar Histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Editora Ática, 2010a.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Editora Moderna, 2010b.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a Literatura Infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Ática, 1991, 190p.

MAGNANI, M. do Rosário, Maria. **Leitura, Literatura e Escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 120p.

MACHADO, Ana Maria. Entre vacas e gansos – escola, leitura e literatura. In. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

PEREIRA, Maria Cecília Rizo. **A Leitura na Literatura Infantil Brasileira: A Metodologia do Personagem Professor**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNESP, Presidente Prudente, p.89, 2006.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar. **Anais do evento PG letras**, v. 30, p. 514-527, 2005.

Capítulo 4

“DO PASSADO E DO FUTURO MISTURADOS NAS RUAS DE ILHÉUS”: A OBRA GABRIELA, CRAVO E CANELA COMO REFLEXÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Joana D’arc Silva de Oliveira

Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquita



“DO PASSADO E DO FUTURO MISTURADOS NAS RUAS DE ILHÉUS”: A OBRA GABRIELA, CRAVO E CANELA COMO REFLEXÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER⁹

Joana D’arc Silva de Oliveira¹⁰.

Mestranda em Serviço Social, Trabalho e Questão Social do Mestrado Acadêmico em Serviço Social (MASS) da Universidade Estadual do Ceará. Bolsista CAPES.

Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquita¹¹.

Professora Adjunta da graduação em Serviço Social e professora permanente do Mestrado Acadêmico em Serviço Social - MASS, da Universidade Estadual do Ceará - UECE..Atualmente é vice-coordenadora do MASS - UECE.

RESUMO

Considerando o caráter social da literatura e seus aspectos culturais que permitem pensá-la como um espaço de reflexão capaz de levar o leitor a assumir uma postura politizada e/ou crítica, propomos a análise do romance amadiano *Gabriela, cravo e canela*. Pretendemos refletir sobre as violências sofridas pelas personagens Sinhazinha, assassinada pelo marido que a surpreende em situação de adultério, e Gabriela, vítima de inúmeras situações do que hoje nomeamos violências de gênero. Embora saibamos tratar-se de uma obra ficcional, o romance de Jorge Amado nos leva a refletir sobre as formas de violência às quais as mulheres são submetidas. Na obra, o escritor descreve inúmeras situações de violência de cunho machista e patriarcal, consideradas comuns na Ilhéus dos anos 1920. Assim, patriarcado, machismo e violência contra a mulher podem ser facilmente identificados ao longo da leitura e retratando situações que, infelizmente, ainda se fazem presentes em nosso cotidiano.

⁹ Este artigo é fruto da pesquisa realizada para a elaboração da dissertação de mestrado do Mestrado Acadêmico em Serviço Social - MASS. A dissertação está em fase de conclusão.

¹⁰ Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará, especialista em Parâmetros e Protocolos do Trabalho do Assistente Social na Saúde pela Pótere Social/Faculdade Ratio. E-mail: joana.oliveira@aluno.uece.br

¹¹ Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Mestre e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Pós-doutorado na área de Serviço Social pela UECE. E-mail: paula.brandao@uece.br

Palavras-chave: Literatura; Jorge Amado; Violência Contra a Mulher.

ABSTRACT

Considering the social character of literature and its cultural aspects that allow us to think of it as a space for reflection capable of leading the reader to assume a politicized and/or critical stance, we propose the analysis of the Amadiano novel *Gabriela, cravo e canela*. We intend to reflect on the violence suffered by the characters Sinhazinha, murdered by her husband who surprises her in a situation of adultery, and Gabriela, victim of countless situations of what we today call gender violence. Although we know it is a fictional work, Jorge Amado's novel leads us to reflect on the forms of violence to which women are subjected. In the work, the writer describes numerous situations of sexist and patriarchal violence, considered common in Ilhéus in the 1920s. Thus, patriarchy, machismo and violence against women can be easily identified throughout the reading and portraying situations that, unfortunately, still are present in our daily lives.

Keywords: Literature; Jorge Amado; Violence Against Women.

1 INTRODUÇÃO

A escolha da obra literária *Gabriela, cravo e canela* se deu, com olhar atento, para as inúmeras situações desenvolvidas no enredo, tendo nos chamado especial atenção, aquelas que envolvem violências contra as personagens que são mulheres e os traços de machismo e patriarcado presentes nas falas de alguns personagens, principalmente dos coronéis que mandavam e desmandavam na Ilhéus dos anos 1920.

O romance em questão tem como marco temporal o ano de 1925 e como cenário a cidade de Ilhéus, local em que o discurso machista e patriarcal se fazia presente, preservado na conjuntura coronelista. Ali as mulheres ilheenses deveriam ser obedientes aos pais e aos maridos, afinal, segundo afirmava Ramiro Bastos, personagem do romance e um dos muitos coronéis que habitavam a cidade, a mulher deveria cuidar dos filhos e do marido e as moças solteiras deveriam aprender a cozinhar, coser e tocar piano para se tornarem boas esposas (AMADO, 2012).

Ao longo da narrativa percebemos como essas mulheres vivenciavam a opressão em seu cotidiano sendo tratadas como objetos e serviços por seus pais e maridos. A complexidade dessa opressão torna-se latente quando comparamos “cada mulher com seu irmão” (LERNER, 2019). Jorge Amado (2012) enfatiza essa diferença ao escrever que as moças, embora tivessem acesso a uma educação básica, não tinham a mesma educação, liberdade e regalias das quais usufruíam seus irmãos.

Por se tratar de uma pesquisa pautada em uma obra ficcional acreditamos que sua natureza não poderia ser outra senão a qualitativa, de teor bibliográfico e documental. Isso será possível porque, além de nos referenciarmos no romance amadiano e em obras de estudiosos do campo da literatura como Antonio Candido, Lucien Goldmann e José Vicente Tavares-dos-Santos, nos pautamos também nas legislações brasileiras que amparam mulheres vítimas de violência, tais como a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/06) e a Lei do Feminicídio (Lei 13.104/15). Outra questão importante para a escolha da pesquisa bibliográfica é que os sujeitos do nosso estudo compõem o universo literário, portanto, são indivíduos aos quais não temos acesso físico porque sequer existiram, mas compõem um enredo capaz de despertar interesse em relação a aspectos sociais relevantes, como é o caso da violência contra a mulher.

Logo, nossa intenção neste artigo é discorrer sobre a obra *Gabriela Cravo e Canela*, observando as violências perpetradas contra as mulheres-personagens, sejam físicas ou simbólicas, atentas, de modo contundente, para não incorrerem em anacronismos históricos, mas fazendo um debate sobre a condição daquelas personagens com as leis vigentes no período, e traçando um esforço teórico-metodológico para compreender as mudanças legais hoje.

2 ASPECTOS DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHER EM *GABRIELA, CRAVO E CANELA*.

Jorge Amado procurou trazer em suas obras a presença feminina através de personagens marcantes e suas representações identitárias. Podemos citar, a título de exemplo, as personagens femininas Gabriela, dona Flor, Tereza Batista e Tieta do Agreste que fazem parte do “ciclo de livros com nome de mulher (*Gabriela, cravo e canela, Dona Flor e seus dois maridos, Tereza Batista cansada de guerra, Tieta do Agreste*)” (MACHADO, 2014, p.32), que surgem em meados da década de 1950, quando o escritor baiano se distancia do conteúdo político e ideais revolucionários que marcaram sua obra até então, e procura se dedicar à composição de tipos populares marcantes. Conforme explicita Machado (2014)

O que o romance amadiano nos traz são personagens marginais, injustiçados pela sociedade, que se recusam a continuar excluídos da literatura ou vistos de cima com um olhar condescendente. Conquistam seu próprio espaço e avançam para o primeiro plano. Dominam toda a cena com suas falas que soam verdadeiras e fortes, suas ações cheias de

heroísmo, sua luta para sair da condição de vítimas sociais, sua busca de liberdade e justiça, sua irreprimível alegria, seu incontrollável erotismo. Nesse processo, são ajudadas por lances do acaso, por vidas que se entrecruzam com as suas, pela solidariedade e amizade dos que com eles compõem um coletivo popular [...]. (MACHADO, 2014, p.78-79).

Embora o autor tenha inúmeros personagens femininos marcantes, aqui nos interessa falar sobre dois personagens femininos do romance *Gabriela, cravo e canela*, publicado em 1958, são elas: Gabriela, espancada pelo árabe Nacib, e Sinhazinha Guedes Mendonça, assassinada pelo coronel Jesuíno Mendonça. Outras personagens femininas dessa narrativa como Malvina, filha do Coronel Melk Tavares, e Chiquinha, amante do coronel Coriolano Ribeiro, também aparecerão ao longo da discussão, tendo suas trajetórias expostas como exemplificadoras de algumas situações de violências descritas no romance, cujo enredo está situado na cidade de Ilhéus, Bahia.

Amado afirma que, apesar do progresso da cidade, na Ilhéus dos idos de 1925, “quando florescia as roças nas terras adubadas com cadáveres e sangue e multiplicavam-se as fortunas, quando o progresso se estabelecia e transformava-se a fisionomia da cidade” (AMADO, 2012, p.10), ainda ocorriam casos como o assassinato de Sinhazinha Guedes Mendonça.

Percebemos que o enredo se passa em uma cidade erguida a base de violência e sangue derramado. De acordo com o escritor baiano, as estradas, edifícios e fazendas da cidade ergueram-se “com tiros e tocais, com falsas escrituras e medições inventadas, com mortes e crimes, com jagunços e aventureiros, com prostitutas e jogadores, com sangue e coragem” (AMADO, 2012, p.39).

O autor do assassinato de Sinhazinha, um dos muitos coronéis que figuravam pelas ruas de Ilhéus, é descrito por Amado como “homem de honra e determinação, pouco afeito a leituras e razões estéticas” (AMADO, 2012, p.09). Tal descrição vai ao encontro à descrição do senhor de engenho elaborada por Albuquerque Júnior (2013):

Essas figuras representativas de um passado de glória deveriam ser eternizadas através da escritura de memórias e de romances e servir de motivação para uma pintura nordestina. Deveria perpetuar a figura desse homem por excelência, senhor de engenho de duras barbas medievais [...] (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 207)

No tocante ao caráter violento do homem nordestino, o mesmo autor relata que “o tema da valentia, central no discurso regionalista que desenhou a figura do nordestino,

está perpassado por uma clara legitimidade da violência, inclusive da violência entre os gêneros” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.178).

Através da caracterização que Jorge Amado faz da sociedade ilheense da época percebemos traços de um conservadorismo patriarcal cercado por valores tradicionais que, aos poucos, perdia espaço para o moderno. Foram se apagando os resquícios dos tempos violentos marcados por lutas pela conquista de terras, porém ainda se faziam valer no entendimento popular certas leis cruéis como a que dizia que “honra de marido enganado só com a morte dos culpados podia ser lavada” (AMADO, 2012, p. 10).

3 SINHAZINHA E GABRIELA NA ILHÉUS DE JORGE AMADO

Ao iniciarmos a leitura do romance observamos que toda a cidade comentava o fim trágico de Sinhazinha e do Dr. Osmundo, “seja pela alta classe dos três personagens nela envolvidos, seja pela riqueza de detalhes, alguns picantes e saborosos” (AMADO, 2012, p.09) que completavam o enredo daquela triste história.

Sinhazinha era quase duas décadas mais jovem que o marido, oriunda de uma antiga família de Ilhéus, também tinha posses, pois herdara um coqueiral na região de Olivença. Era uma mulher formosa, frequentava as lojas de fazendas e sapatos e gostava de organizar as festas na igreja que levava o nome do santo de sua devoção, São Sebastião. “Sinhazinha jamais dera o que falar, em todos aqueles anos de casada, aos muitos maledicentes da cidade” (AMADO, 2012, p.87). Por conta de sua postura, era considerada uma mulher respeitável e, como tal, deveria seguir as regras socialmente impostas. “Mulheres respeitáveis ganham acesso à classe por meio de pais e maridos, mas quebrar as regras sexuais pode rebaixá-las de classe. A definição sexual de “desvio” marca uma mulher como não respeitável [...]” (LERNER, 2019, p.265).

É importante atentarmos para “as questões culturais que envolviam a vida das mulheres de família – como Sinhazinha [...]” (BRUGGE, 2015, p.81) observando e localizando o contexto social em que a personagem estava inserida, uma sociedade em que a mulher vivia sob o controle do homem. Saffioti (2015) compreende a desigualdade existente entre homens e mulheres como algo posto “pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos nas tramas de relações sociais” sendo, portanto, uma desigualdade construída frequentemente (SAFFIOTI, 2013, p.75).

O crime cometido pelo coronel Jesuíno tinha o aval dos habitantes da cidade, como o dr. Maurício Caires, advogado, que afirmara que o coronel agiu de maneira correta, ou

seja, “fez o que faria qualquer um de nós, num caso desses. Obrou como homem de bem: não nasceu pra cabrão e só há uma forma de arrancar os chifres, a que ele utilizou” (AMADO, 2012, p.92). Tudo isso dava margem para coronéis como Jesuíno Mendonça, colocarem em prática leis cruéis e de teor machista que não constavam no papel, mas que foram usadas como pretexto para o patriarcado ceifar a vida de muitas mulheres naquele período.

Como o território humano não é meramente físico, mas também simbólico, o homem, considerado todo-poderoso, não se conforma em ter sido preterido por outro por sua mulher, nem se conforma quando sua mulher o abandona por não mais suportar seus maus-tratos. Qualquer que seja a razão do rompimento da relação, quando a iniciativa é da mulher, isto constitui uma afronta para ele. Na condição de macho dominador, não pode admitir tal ocorrência, podendo chegar a extremos de crueldade. [...] (SAFFIOTI, 2015, p.65)

Ao longo da trama, Jorge Amado não discorre muito sobre o perfil de Sinhazinha, deixando os leitores sedentos por mais informações sobre esse personagem que, na narrativa, aparece apenas nas cenas que retratam sua morte e seu velório. No entanto, a relevância desse personagem para o desenrolar da narrativa é tão impactante que ela “permanece em todo o romance, através das conversas que se vão tecendo em relação ao ocorrido. O que podemos ver por trás dessa narrativa, além de sua trágica morte e o motivo dela: o adultério?” (FERREIRA, 2021, 46).

Podemos inferir que esse personagem era uma mulher que “vivia sob o forte controle da moral burguesa” (FERREIRA, 2012, p.60), uma vez que era casada com um fazendeiro, tinha posses, era oriunda de uma família conhecida na região e, portanto, teria sua moral inquestionada. No entanto, após o ocorrido, não houve na cidade uma voz que se levantasse em sua defesa.

Houve quem dissesse, porém, que o ocorrido tinha ligação com a dissolução dos costumes, afinal, Sinhazinha, uma senhora honesta, religiosa e tímida, passara a frequentar o Clube Progresso em detrimento das festas da igreja.

Tudo isso é resultado da degeneração dos costumes que começa a imperar em nossa terra: bailes e tardes dançantes, festinhas em toda parte, namorinho na escuridão dos cinemas. O cinema ensinando como enganar os maridos, uma degradação (AMADO, 2012, p.93).

A questão é que esses mesmos maridos que culpavam o cinema pela degradação das famílias, costumavam tratar suas esposas como criadas, eram bruscos nos modos,

viviam mais na roça do que em casa, traíam suas esposas com cabrochas novas na fazenda, botavam casa e davam de um tudo para suas amantes (AMADO, 2012).

Ao longo do romance percebemos que a tal lei que o coronel Jesuíno Mendonça colocou em prática só era aplicada quando o caso envolvia adultério de esposa, uma vez que “os coronéis reservavam a pena de morte para traição de esposa. Rapariga não merecia tanto” (AMADO, 2012, p.96). Para exemplificar, o autor narra “o caso famoso de Juca Viana e Chiquinha” (AMADO, 2012, p.96), uma das muitas amantes do coronel Coriolano Ribeiro.

A moça envolveu-se com o estudante de Direito, Juca Viana. Ao saber da traição, o coronel Coriolano Ribeiro resolveu agir. Seus “cabras” deram uma “surra de criar bicho, no rapaz e na moça; e raspam o cabelo dos dois (...) e lhes deram ordens, em nome do indignado coronel, de desaparecer naquela mesma noite e para sempre de Ilhéus” (AMADO, 2012, p.98).

O trecho anterior nos mostra o quanto os homens ilheenses, em especial os coronéis, se utilizavam da violência para se impor, principalmente quando tal imposição se dava em relação a uma mulher. Segundo Tavares-dos-Santos (2020), a violência proveniente de um discurso da recusa, nasceria

da palavra e do gesto emparelhados, [sendo] necessário que se compreendam as mensagens que os atos de violência contém. A violência é uma recusa da palavra, é a negação do outro como ator social, razão pela qual é necessário entender as mensagens implícitas nos atos de violência. (TAVARES-DOS-SANTOS, 2020, p.10)

No caso, o outro que está sendo negado é a mulher, principalmente a mulher que se colocava no papel de amante/adúltera. Para a sociedade daquele período, a figura feminina teria um papel decisivo para a preservação da família, cabendo-lhe, enquanto esposa, “respeitar a distribuição e hierarquia tradicional de papéis” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.37). Dessa forma,

[...] pode-se dizer que Sinhazinha vivenciava um duplo movimento: por um lado, submetia-se à moral, circulando apenas nos espaços lícitos às mulheres, isto é, o próprio lar e a igreja. Mas, ao mesmo tempo em que estava aprisionada nesses espaços, deixava sua mente livre para experimentar suas fantasias, seu erotismo e sua sexualidade – condenadas pela religião. No entanto, a presença do dentista abalara completamente seu jogo de sobrevivência ao casamento frio e ao marido rude que possuía. (BRUGGE, 2015, p.73).

Provavelmente, Sinhazinha fora educada nos moldes de uma sociedade burguesa e patriarcal, o que não a impediu de apaixonar-se pelo dentista Osmundo. Por ter coragem de romper com os costumes da época entregando-se a um homem fora do casamento, ela foi uma vítima da violência enquanto negação do outro como ator social, conforme vimos com Tavares-dos-Santos (2020), e do patriarcado e do machismo que se manifestaram através da crueldade do Coronel Jesuíno Mendonça e da maledicência da sociedade ilheense.

Lerner (2019) compreende o patriarcado como “manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família”, bem como “a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral” (LERNER, 2019, p.322). Quanto ao machismo, a autora opta por defini-lo como “a ideologia de supremacia masculina, de superioridade masculina e de crenças que a apoiem e sustentem. Machismo e patriarcado se reforçam de forma mútua” (LERNER, 2019, p.322).

Essas definições nos levam a resgatar da trama amadiana a personagem Malvina, filha do coronel Melk Tavares, moça culta, que não se conformou em ter como destino um casamento arranjado. Como bem dissera João Fulgêncio, dono da Papelaria Modelo, frequentada por Malvina: “É uma moça de caráter diferente. E a tratam como se fosse uma tola...” (AMADO, 2012, p.193). Ao decidir enfrentar o pai e ir em busca do seu próprio destino, Malvina sofre as consequências já esperadas por quem, naquele período, optava por romper com as amarras do patriarcado e do machismo.

[...] Já lhe disse, meu pai mais de uma vez: eu não vou me sujeitar a casamento escolhido por parente, não vou me enterrar na cozinha de nenhum fazendeiro, ser criada de nenhum doutor de Ilhéus. Quero viver a meu modo. Quando sair, no fim do ano, do colégio, quero trabalhar, entrar num escritório.

– Tu não tem querer. Tua há de fazer o que eu ordenar.

– Eu só vou fazer o que eu desejar.

[...] Mek segurou-lhe o pulso, bateu-lhe a mão na cara. [...]

[...] – Cachorra! – Levantou o rebenque, nem reparou onde batia.

Foi nas pernas, nas nádegas, nos braços, no rosto, no peito. Do lábio o sangue escorreu [...] (AMADO, 2012, p.193)

Malvina acabou fugindo. Foi embora para São Paulo trabalhar e prosseguir com os estudos. Dessa forma, conseguiu a liberdade que tanto almejava, embora o preço a pagar tenha sido o desprezo do pai, que afirmava que não tinha mais filha, e a distância da mãe que, sem opção, continuava a viver submissa a Mek Tavares.

E Gabriela? O que dizer da protagonista desta trama? Enquanto Sinhazinha era assassinada pelo marido, Gabriela chegava com um grupo de retirantes às “terras do cacau onde dinheiro era lixo nas ruas” (AMADO, 2012, p,76). A caminhada fora penosa, mas além da companhia dos demais integrantes do grupo, ela tinha a atenção de Clemente que “ia carregado. Além dos seus haveres – a harmônica e um saco de pano cheio pela metade – levava a trouxa de Gabriela” (AMADO, 2012, p.76). Clemente levava também em seu peito um sentimento que nutria por ela. “Ainda agora, através da sujeira a envolvê-la, ele a enxergava como a vira no primeiro dia, encostada numa árvore, o corpo esguio, o rosto sorridente, mordendo uma goiaba” (AMADO, 2012, p.76-77).

Gabriela e Clemente mantiveram relações íntimas ao longo do percurso. Por conta disso, ele imaginava que Gabriela seguiria ao seu lado, em busca do seu sonho de se meter nas terras de cacau e enriquecer em pouco tempo. Ao vê-la órfã e só, pois o tio, seu único parente, morrera durante a caminhada, falou de seus planos de derrubar mata, plantar cacau e ganhar dinheiro. “Gabriela iria com ele, e, quando aparecesse um padre por aquelas bandas, casariam” (AMADO, 2012, p.78). Clemente se sentiu seguro em fazer essa proposta a Gabriela porque as mulheres, “no Brasil do período coronelista, [...] eram orientadas pela ideologia patriarcal, e o destino delas era o casamento, [...]”. (FERREIRA, 2021, p.32). Elas “tinham sua sexualidade velada pelos homens, sobretudo, seus pais, seus maridos, seus irmãos [...]” (FERREIRA, 2021, p.32). Percebemos que

o controle sexual das mulheres estava ligado à proteção paternalista e que, nos vários estágios de sua vida, ela trocou protetores masculinos, mas nunca superou o estado infantil de se manter subordinada e sob proteção” (LERNER, 2019, p.268).

Porém, Gabriela não sentia a necessidade da proteção oferecida por Clemente e tinha outros planos para quando chegasse a Ilhéus. Ela pretendia ficar na cidade trabalhando de cozinheira, lavadeira ou empregada em casa de gente rica. Clemente, tomado por seu sentimento de posse, “fechou ainda mais o rosto, queria tê-la com ele para sempre. Como viver sem o calor de Gabriela?” (AMADO, 2012, p.77). As recusas de Gabriela às propostas de Clemente trouxeram-lhe um ar sombrio, fazendo-o agir com violência contra ela.

Certa noite, ele teve um gesto brusco, atirou-a para o lado, num repelão: [...] Aproximou-se dela, tomou-lhe dos pulsos, ela estava caída sobre o mato, o rosto ferido:
– Tenho até vontade de te matar e a mim também....

– Por quê?

[...] Nem sabia como responder-lhe, esquecia os argumentos, também os insultos, a vontade de bater-lhe para ela aprender que com homem não se brinca. (AMADO, 2012, p.78-79)

Gabriela resolveu ficar no “mercado de escravos”, lugar onde os retirantes acampavam à espera de trabalho. Foi lá que o árabe Nacib a encontrou suja e vestida de trapos, os cabelos desgrenhados e os pés descalços. Resolveu levá-la para trabalhar como cozinheira. Não demorou muito para tê-la em seus braços, com seu perfume de cravo e sussurrando entre beijos: “– Moço bonito!...” (AMADO, 2012).

O envolvimento de Gabriela com Clemente, com o árabe Nacib e com outros homens ao longo da trama nos passa uma ideia de seu desprendimento quanto ao exercício de sua sexualidade. A personagem descrita de modo exótico, manifestava uma lógica própria que se distinguia do “senso comum comungado pelas mulheres da época ou pelo menos à representação que se tinha (e se tem) das mulheres da época” (BRUGGE, 2015, p.116).

Com exceção do tio, que a estuprou quando ela era apenas uma menina, e, em relação ao qual, aparentemente, ela não guardava mágoa, Gabriela gostava de manter relações íntimas com os homens.

Não velho e feio, não por dinheiro. Por gostar de deitar. Clemente na estrada, Nhozinho na roça, Zé do Carmo também. Na cidade Bebinho, moço estudante, casa tão rica! Vinha mansinho, na ponta dos pés, com medo da mãe. Primeiro de todos, ela era menina, foi mesmo seu tio. Ela era menina, de noite seu tio, velho e doente. (AMADO, 2012, p.165).

O abuso sexual cometido pelo tio da personagem é justificado por ela ao afirmar que o tio não era um homem ruim, embora lhe espancasse e violentasse. Contudo, “sabemos há tempos que o estupro é uma forma de nos aterrorizar e nos manter subjugadas” (LERNER, 2019, p.276). Talvez por isso, e porque “a violência configura uma cidadania dilacerada, por vezes, com crueldade extrema” (TAVARES-DOS-SANTOS, 2020, p.17), a personagem não compreenda a gravidade do ato cometido pelo tio.

Segundo Gabriela, o tio agia assim porque “era pobre demais, não podia ser bom” (AMADO, 2012, p.204). Esses detalhes fazem com que a personagem seja vista por alguns pesquisadores, a exemplo de Brugge (2015), como “uma personagem chocante. Seus modos e sua lógica contrastam com qualquer linearidade conceitual das demais personagens – bem como dos leitores” (BRUGGE, 2015, p.126).

Em Ilhéus, após ser contratada por Nacib, Gabriela seguia fazendo o que gostava, ia ao cinema, andava descalça, fritava acarajés e bolinhos de carne e bacalhau para serem servidos como aperitivos no Bar Vesúvio. Nacib seguia feliz com seus lucros, tirando a sesta, após o almoço, à sombra das árvores, embalado pela brisa do mar e por suas noites com Gabriela “úmida de desejo, não se dando apenas mas tomando dele, jamais farta, sonolenta ou saciada” (AMADO, 2012, p.150). Vez ou outra, para agradecer pelas noites de amor, trazia-lhe da loja do tio presentes de pouco valor como um broche, brincos, cortes de fazenda vagabunda. Não demorou para ele perceber que Gabriela era “cortejada” por outros homens e que alguma providência deveria tomar, caso não quisesse perdê-la.

Após muito sofrer pensando em uma solução, Nacib resolveu casar-se com Gabriela. Não foi uma decisão fácil de ser tomada, afinal iria casar-se com uma cozinheira, “sem cabaço”, sem sobrenome, encontrada no “mercado de escravos”. No que diz respeito à instituição do casamento, Saffioti (2015) afirma

O casamento, capaz de estabelecer relações igualitárias, ter-se-ia que dar entre indivíduos. Ora, não é isto que ocorre, pois ele une um indivíduo a uma subordinada. Aquilo que é trocado no casamento não é propriamente propriedade ou, pelo menos, não é necessário que assim seja. Evidentemente, nas camadas abastadas, há uma tendência à adição de fortunas, mas esta não é a regra na sociedade em geral, mesmo porque a grande maioria da população não detém bens de monta ou é completamente despossuída. O contrato representa uma troca de promessas por meio da fala ou de assinaturas. Firmado o contrato, estabelece-se uma nova relação na qual cada parte se posiciona em face da outra. A parte que oferece proteção é autorizada a determinar a forma como a outra cumprirá sua função no contrato. [...] (SAFFIOTI, 2015, p.137).

Além do mais, a própria Gabriela não via necessidade de casamento e relutava muito em aceitar. Na compreensão dela e da sociedade ilheense, homens como Nacib tinham que “casar com moça distinta, toda nos trinquês, calçando sapato, meia de seda, usando perfume. Moça donzela, sem vício de homem” (AMADO, 2012, p.165).

Apesar da relutância por parte de Gabriela, a cerimônia aconteceu. No entanto, Nacib, após o casamento, começou a repreendê-la quanto ao seu comportamento, exigindo que ela se encaixasse nos padrões sociais da época. A personagem passou a ser censurada por seu marido no seu modo de vestir, de andar, de falar. Sentiu-se obrigada a frequentar lugares dos quais não gostava e deixou de frequentar outros que lhe agradavam como o cinema e o circo, por exemplo.

O árabe tentava negar o passado da esposa, uma moça pobre, retirante, que não se apegava às convenções sociais. De certo modo, negar a trajetória de Gabriela seria uma tentativa de moldá-la e subjugar-la, afinal, “onde não existe precedente, não se pode imaginar alternativas às condições existentes” (LERNER, 2019, p.273). Era preciso anular sua história para encaixá-la nas convenções sociais, uma vez que “a negação às mulheres de sua história reforçou a aceitação da ideologia do patriarcado e enfraqueceu a noção de valor próprio da mulher individualmente” (LERNER, 2019, p.273).

Diante das exigências do marido, a protagonista se vê “pressionada e forçada a representar o que ela não é e a viver num mundo de aparências” (CARVALHO, 2013, p.06). Por não se sentir adaptada em sua nova realidade e “como um meio de evadir desse mundo superficial, a personagem acaba cometendo o adultério com Tônico, [...]” (CARVALHO, 2013, p.06). A trajetória da personagem, seus questionamentos, suas reflexões e, por fim, a atitude de trair Nacib, de acordo com Brugge (2015), nos levam a refletir sobre valores típicos da sociedade de 1920 e, inclusive, da nossa sociedade contemporânea.

Gabriela questiona esse direito de posse que estabelecemos sobre o outro quando nos relacionamos amorosamente com alguém; especialmente, o regime de posse que os homens estabelecem, tão duramente, sobre as mulheres. Questiona também essa coisificação do sujeito que vivenciamos em nossa sociedade, a qual foi estabelecida, velada, aceita e defendida enquanto verdade. Questiona, por fim, o aprisionamento do sexo feminino e de sua vivência sexual. (BRUGGE, 2015, p.138-139).

A personagem, ao cometer adultério, rompe com as normas estabelecidas socialmente, assim como o fizera Sinhazinha. Logo, a sociedade ilheense espera que Gabriela seja punida de acordo com os costumes da época. Nacib, no entanto, ao encontrá-la com Tônico Bastos, “nua, estendida na cama de casal” (AMADO, 2012, p.277), não põe em prática a antiga lei cruel e indiscutida.

Por que, em vez de matá-la, apenas a surrou, silenciosamente, sem uma palavra, pancada de criar bicho, deixando manchas de um roxo escuro, quase violeta, em sua carne cor de canela? Ela tampouco falou, não deu um grito, não soltou um soluço, chorava calada, apanhava calada. Ele ainda batia quando João Fulgêncio chegou e ela se cobriu com o lençol. Tempo demais para matar. (AMADO, 2012, p.277).

Não matou, não executou a tal lei cruel, mas espancou, deixando marcada a carne de Gabriela. Ela não reagiu porque compreendia que era direito dele espancá-la e até

matá-la, se assim desejasse. “Mesmo se a matasse, não morria com raiva, ele tinha razão” (AMADO, 2012, p.283).

Essa “razão” que, segundo Gabriela, Nacib teria para espancá-la ou matá-la tem suas raízes fincadas nos valores culturais que a sociedade patriarcal atribui às mulheres e homens, determinando variadas expectativas sobre seus comportamentos e produzindo relações violentas, como as descritas aqui, conduzindo as mulheres a uma condição de submissão. Percebemos, portanto, que o patriarcado exerceu e exerce poder sobre os corpos e a vida das mulheres, principalmente aquelas que rompem com as normas estabelecidas socialmente, como fizeram as personagens Sinhazinha e Gabriela.

CONCLUSÃO

No esforço de transpor uma análise do enredo da obra, configurando as leis vigentes no nosso país hoje, poderíamos creditar que as personagens Gabriela e Sinhazinha foram vítimas do que hoje nomeamos como violência contra a mulher, especificamente violência física, psicológica e feminicídio, conforme previsto na Lei nº 11.340/06, Lei Maria da Penha, que visa garantir assistência e proteção às mulheres vítimas de violência; e na Lei 13.104/15, Lei do Feminicídio, que altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal Brasileiro, para incluir como crime hediondo o feminicídio.

Os coronéis Jesuíno Mendonça, Coriolano Ribeiro, Melk Tavares e o árabe Nacib cometeram atos de violência contra suas esposas, filhas e amantes, assim como também o fizeram Clemente e o tio de Gabriela, que a espancaram e a estupraram. Tais atos seriam configurados como crimes passíveis de punições previstas em lei, se considerarmos a legislação vigente atualmente.

Se os atos cometidos por esses personagens ocorressem hoje, com a atual legislação, seriam concebidos como violência doméstica e familiar contra a mulher, pois causaram a essas mulheres sofrimento físico, psicológico, moral e, no caso da esposa do coronel Jesuíno Mendonça, a violência culminou na morte da vítima.

A violência contra a mulher cometida enquanto ato “corretivo e disciplinador” pelo árabe Nacib e pelos coronéis Coriolano Ribeiro e Melk Tavares, hoje está prevista no Capítulo II, artigo 7º, da Lei Maria da Penha. Trata-se de uma forma de violência viril que

está diretamente relacionada ao fato das mulheres não corresponderem plenamente aos padrões de comportamento normativo impostos socialmente (BANDEIRA, 2009).

As personagens elencadas ao longo deste trabalho encontravam-se envolvidas em relações violentas, quer sejam nos papéis de esposas, amantes ou filhas. No entanto, embora saibamos que a obra aqui analisada compõe o universo ficcional, temos consciência de que na vida comum ainda existem mulheres como Chiquinha, Malvina, Gabriela e Sinhazinha que sofrem todos os dias inúmeras formas de violência nas mãos de seus algozes, sejam eles tios, pais, amantes ou maridos/companheiros.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do “falo” - uma história do gênero masculino (1920-1940)**. 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2003.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BANDEIRA, Lourdes. **Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006**. Revista Sociedade e Estado. Brasília, v.24, n2, p. 401-438, mai/ago. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/Zf8T3zdCqxNgpSsdzNCrB5m/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 22 de julho de 2022.

BRASIL. Senado Federal. **Código Civil. Quadro comparativo 1916/2002**. Brasília, DF. 2003. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70309/704509.pdf?sequence=2&isAllowed=y>> Acesso em: 25 de abril de 2022.

_____. **Disque 180, Central de Atendimento à mulher registrou 1,3 milhão de chamadas em 2019**. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2020/05/central-de-atendimento-a-mulher-registrou-1-3-milhao-de-chamdas-em-2019>> Acesso em: 22 de abril de 2022.

_____. ONU Mulheres Brasil. **Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher "Convenção de Belém do Pará" (1994)**. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/convencaobelem1994.pdf>> Acesso em 20 de junho de 2022.

_____. Senado Federal. **Lei nº 13.104, de 09 de março de 2015**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm> Acesso em: 23 de abril de 2022.

_____. Senado Federal. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm> Acesso em: 22 de abril de 2022.

BRUGGE, Úrsula Lima. **Gabriela, cravo e canela**: subjetividade feminina e resistência na obra de Jorge Amado. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/14370?locale=pt_BR> Acesso em: 11 de fevereiro de 2023.

FERREIRA, Rosangela Santos. **Cotidiano popular e os modos de subjetivação da mulher presentes na obra Gabriela, cravo e canela de Jorge Amado**. Trabalho de Conclusão de Curso (Grad.) Curso de Licenciatura em História, Univ. Fed. da Fronteira Sul, Erechim, RS, 2021. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/4291>> Acesso em: 16 de fevereiro de 2023.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. 1ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2019.

MACHADO, Ana Maria. **Romântico, sedutor e anarquista: Como e por que ler Jorge Amado hoje**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ONU. **Taxa de feminicídios no Brasil é quinta maior do mundo**; diretrizes nacionais buscam solução. Disponível em:< <https://nacoesunidas.org/onufemicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>> Acesso em: 15 de agosto de 2021.

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher? In: ALGRANT, L. (Org.). A prática feminista e o conceito de gênero**. São Paulo: IFCH/Unicamp, 2002. P.66 (Textos Didáticos.).

QUEIROZ, Ana Patrícia Cavalcanti. **O patriarcalismo em Gabriela, cravo e canela: o estilhaço do ritual ideológico radical**. 2017. Revista de Letras, Artes e Comunicação. ISSN 1981-9943. Blumenau, v.11, n1, p.091-108, jan/abr.2017. Disponível em: < <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/5358>> Acesso em: 22 de abril de 2022.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª Ed. São Paulo: Expressão Popular. 2015.

TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente. **O romance da violência** (sociologia das metamorfoses do romance policial). Porto Alegre: Tomo Editorial, 2020.

Capítulo 5
A SINGULARIDADE DA MÚSICA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA
CANÇÃO “SINGULAR” DE ANAVITÓRIA

Noel Henrique Bahia Bittencourt

Beatriz de Moura Paz

Vinicius José de Souza Costa

Wellerth Mendes Ribeiro



A SINGULARIDADE DA MÚSICA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA CANÇÃO “SINGULAR” DE ANAVITÓRIA

Noel Henrique Bahia Bittencourt

Instituto Federal do Pará (IFPA)

noelbittencourt@hotmail.com

Beatriz de Moura Paz

Instituto Federal do Pará (IFPA)

tricevalent@gmail.com

Vinicius José de Souza Costa

Instituto Federal do Pará (IFPA)

vcosta850@gmail.com

Prof. Me. Wellerth Mendes Ribeiro

Instituto Federal do Pará (IFPA)

wellerth.ribeiro@ifpa.edu.br

RESUMO

O estudo intitulado "A Singularidade da Música: Uma Análise Semiótica da Canção 'Singular' de Anavitória" apresenta uma abordagem semiótica da música "Singular" do duo brasileiro Anavitória. A canção é examinada em relação aos seus componentes musicais, linguísticos e visuais, bem como ao contexto cultural mais amplo em que está inserida. A metodologia adotada baseia-se nas contribuições de Nöth e Santaella no campo da semiótica e sua interação com a cultura. A análise tem início com a contextualização da dupla Anavitória, considerando sua trajetória artística, estilo musical e temas abordados em suas composições. Em seguida, são explorados os signos musicais, tais como harmonia, melodia, ritmo, timbre e estrutura da música, assim como os instrumentos musicais utilizados. A investigação dos signos linguísticos concentra-se nas palavras, frases, metáforas e referências culturais presentes na letra

da música. Por fim, são analisados os signos visuais, incluindo o videoclipe, capas de álbuns e fotos promocionais, examinando aspectos como cores, figurinos, cenários e simbolismos visuais. Por meio dessa análise semiótica, o objetivo é compreender a singularidade da música "Singular" de Anavitória e sua relevância no cenário musical brasileiro. A pesquisa também busca desvendar os múltiplos significados presentes na canção e sua relação com a cultura, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada da música e de seu impacto cultural.

Palavras-chave: Semiótica; Cultura; Música; Anavitória.

ABSTRACT

The article "The Singularity of Music: A Semiotic Analysis of Anavitória's Song 'Singular'" proposes a semiotic analysis of the song "Singular" by the Brazilian duo Anavitória. The music is examined in relation to its musical, linguistic, and visual elements, as well as the broader cultural context in which it is situated. The methodology follows the contributions of Nöth and Santaella on semiotics and its relationship with culture. The analysis begins with the contextualization of the duo Anavitória, considering their artistic trajectory, musical style, and recurring themes in their compositions. Next, the musical signs, such as harmony, melody, rhythm, timbre, and the structure of the music, are explored, along with the use of specific musical instruments. The analysis of linguistic signs focuses on the words, phrases, metaphors, and cultural references present in the song's lyrics. Finally, the visual signs, such as the music video, album covers, and promotional photos, are considered, analyzing colors, costumes, settings, and visual symbolism. Through this semiotic analysis, the aim is to understand the singularity of Anavitória's song "Singular" and its relevance in the Brazilian music scene. The investigation also seeks to unveil the multiple meanings present in the song and its relationship with culture, contributing to a deeper understanding of the music and its cultural impact.

Keywords: Semiotics; Culture; Music; Anavitória.

Introdução

A música possui uma capacidade única de expressar emoções, transmitir mensagens e conectar as pessoas através de suas melodias e letras. Cada canção carrega consigo uma singularidade que reflete as experiências e as visões de mundo dos artistas e, ao mesmo tempo, dialoga com o contexto cultural em que está inserida. Nessa perspectiva, a análise semiótica emerge como uma abordagem teórica que permite desvendar os significados presentes nas composições musicais, explorando os signos presentes na música e suas relações com a cultura. Neste artigo, propõe-se uma análise semiótica da canção "Singular" de Anavitória, uma dupla brasileira que vem conquistando

espaço no cenário musical com um estilo característico que mescla o folk pop com elementos da MPB. Através dessa análise, busca-se compreender a singularidade dessa música, explorando os signos musicais, linguísticos e visuais presentes, bem como sua relação com o contexto cultural mais amplo.

Para realizar essa análise, adota-se uma metodologia inspirada nas contribuições de Nöth (1995) e Santaella (2012) acerca da semiótica e sua relação com a cultura. Essa metodologia compreende diferentes etapas que permitem desvendar os múltiplos significados presentes na canção "Singular" e sua relevância no contexto cultural em que está inserida.

A primeira etapa consiste na contextualização da música e da dupla Anavitória. Investigam-se a trajetória artística da dupla, seu estilo musical, influências e temáticas recorrentes em suas composições. Essa compreensão do contexto fornece uma base sólida para a análise da singularidade da música em questão. Em seguida, realiza-se uma análise dos signos musicais presentes na canção. Exploram-se elementos como harmonia, melodia, ritmo, timbre e a estrutura da música, identificando padrões musicais utilizados por Anavitória. Além disso, considera-se a utilização de instrumentos musicais específicos e possíveis elementos de produção sonora que contribuem para a construção do significado da música.

A análise dos signos linguísticos é outro ponto de destaque nessa investigação. Foca-se na letra da música "Singular", identificando as palavras, frases e metáforas utilizadas e analisando seu significado literal e simbólico. Observa-se a escolha vocabular, o uso de figuras de linguagem e possíveis referências culturais presentes na letra, buscando compreender a mensagem transmitida e sua relação com o contexto cultural mais amplo. Além dos signos musicais e linguísticos, consideram-se também os signos visuais associados à música "Singular". Isso inclui o videoclipe, capas de álbuns, fotos promocionais, entre outros elementos visuais que compõem a estética visual da canção. Analisam-se as cores, figurinos, cenários e possíveis simbolismos visuais presentes, explorando como esses elementos contribuem para a construção do significado da música e sua relação com a mensagem transmitida pela letra.

Por fim, aborda-se o contexto cultural mais amplo em que a música "Singular" está inserida. Considera-se o gênero musical, a época em que foi lançada, as influências culturais presentes na música e possíveis discursos sociais que ela possa abordar. Essa análise permite compreender como a música dialoga com o contexto cultural em que foi

produzida e como ela pode refletir, criticar ou influenciar aspectos da sociedade. Ao final dessa análise, espera-se apresentar uma interpretação abrangente dos significados da música "Singular" de Anavitória, destacando sua singularidade e relevância no cenário musical brasileiro. Através dessa abordagem semiótica, busca-se desvendar os múltiplos signos presentes na canção e sua relação com a cultura, contribuindo para uma compreensão mais profunda da música e de seu impacto cultural.

Metodologia

A análise da música "Singular" de Anavitória, utilizando uma abordagem semiótica e cultural, pode ser realizada seguindo uma metodologia composta por etapas específicas. Nesse sentido, Nöth (1995) destaca a importância de compreender a semiótica como uma ciência que busca investigar os signos e sua significação. Além disso, Santaella (2012) ressalta a relação entre cultura e semiótica, mostrando como os signos estão imersos em um contexto cultural mais amplo. Inicialmente, é fundamental contextualizar a música "Singular" dentro do universo musical de Anavitória. A dupla tem conquistado espaço no cenário da música brasileira com um estilo característico que mescla o folk pop com elementos da MPB. Suas composições abordam temas como amor, relacionamentos e questões pessoais. Essa contextualização fornecerá uma base sólida para compreender o contexto em que a música foi criada.

A análise dos signos musicais é outro aspecto relevante nessa metodologia. Ao observar os elementos musicais presentes na canção, como harmonia, melodia, ritmo e timbre, é possível identificar os padrões musicais utilizados por Anavitória. Nesse sentido, é interessante analisar a estrutura da música, possíveis variações ao longo da canção e a utilização de instrumentos musicais específicos. Esses elementos contribuem para a construção do significado da música (Nöth, 1995). Além da análise dos signos musicais, é fundamental focar na letra da música "Singular" e analisar os signos linguísticos presentes. Nessa etapa, é importante identificar as palavras, frases e metáforas utilizadas e interpretar seu significado literal e simbólico. A escolha vocabular, o uso de figuras de linguagem e possíveis referências culturais presentes na letra também devem ser consideradas. Essa análise permitirá compreender a mensagem transmitida pela letra e sua relação com o contexto cultural mais amplo (Santaella, 2012).

A análise dos signos visuais é outro aspecto relevante na metodologia proposta. Além da audição da música, é interessante considerar os elementos visuais associados a ela, como o videoclipe, capas de álbuns e fotos promocionais. Observar a estética visual utilizada, as cores, figurinos, cenários e possíveis simbolismos visuais presentes contribuirá para a compreensão do significado da música. Esses elementos visuais podem estar alinhados com a mensagem transmitida pela letra e com o contexto cultural em que a música está inserida (Nöth, 1995). A análise do contexto cultural é um ponto-chave nessa metodologia. É necessário explorar o contexto cultural mais amplo em que a música "Singular" está inserida, considerando o gênero musical, a época em que foi lançada, as influências culturais presentes na música e possíveis discursos sociais abordados. Compreender como a música dialoga com o contexto cultural em que foi produzida e como ela pode refletir, criticar ou influenciar aspectos da sociedade é fundamental para uma análise mais aprofundada (Santaella, 2012).

Com base na análise realizada, é possível elaborar uma interpretação dos significados da música "Singular" de Anavitória. Essa interpretação deve considerar tanto os aspectos musicais, linguísticos e visuais, quanto o contexto cultural em que a música está inserida. É importante apresentar conclusões sobre as mensagens transmitidas, possíveis intenções dos artistas e o impacto que a música pode ter no público. Essa etapa é fundamental para uma compreensão mais aprofundada da música e de seus significados (Nöth, 1995).

Na metodologia proposta para a análise da música "Singular" de Anavitória, utilizando uma abordagem semiótica e cultural, envolve a contextualização da música e da dupla Anavitória, a análise dos signos musicais, linguísticos e visuais presentes na canção, a consideração do contexto cultural mais amplo e a elaboração de uma interpretação dos significados da música. Essa metodologia permitirá uma análise abrangente e enriquecedora, auxiliando na compreensão da música e de seu impacto cultural.

Revelando o Contexto e Impacto

Anavitória, composto pelas cantoras Ana Clara Caetano Costa e Vitória Fernandes Falcão, surgiu como um duo singular no cenário musical brasileiro. Seu contexto é fundamental para compreender a singularidade da música "Singular" e seu impacto na

indústria musical. Ao empregar a análise semiótica, podemos adentrar nos significados mais profundos e símbolos transmitidos pela música de Anavitória, revelando a importância cultural que ela carrega.

A jornada de Anavitória começou em 2014, quando se encontraram em um festival de música universitária em São Paulo. Esse encontro fortuito levou a parcerias na composição de músicas, resultando em um estilo musical que mescla folk-pop com elementos da MPB (Música Popular Brasileira). Suas melodias suaves e letras poéticas ressoaram com o público, impulsionando-os ao destaque no cenário da música nacional. O lançamento de seu álbum de estreia autointitulado em 2016 levou Anavitória ao reconhecimento, impulsionado pelo sucesso da música "Trevo (Tu)" em parceria com Tiago Iorc. Essa colaboração alcançou milhões de visualizações no YouTube, levando Anavitória a embarcar em uma turnê pelo país. Esse sucesso inicial preparou o terreno para suas empreitadas subsequentes.

Dentro do contexto de seu primeiro álbum de estúdio, "ANAVITÓRIA", lançado em 2016, Anavitória apresentou "Singular" ao mundo. A música rapidamente chamou a atenção devido às suas letras introspectivas e melodia envolvente, recebendo elogios da crítica musical. O videoclipe oficial no YouTube acumulou milhões de visualizações, exemplificando ainda mais o impacto da música e sua ampla repercussão nas plataformas digitais.

O impacto de "Singular" vai além do sucesso comercial. A música se tornou um hino para muitos jovens, transmitindo uma mensagem de autoaceitação e valorização da individualidade. Suas letras exploram temas como a busca pela identidade e a importância da autenticidade em um mundo que frequentemente pressiona pela conformidade. Isso ressoou profundamente com o público, especialmente com a geração mais jovem, que se identificou com a mensagem de empoderamento e expressão pessoal.

A fusão do folk-pop com a MPB trouxe uma proposta musical única de Anavitória para o cenário brasileiro. Seu som singular e qualidade artística destacaram-se em meio a um panorama dominado por gêneros mais populares. A autenticidade e sensibilidade presentes em sua música cativaram tanto o público quanto os críticos, solidificando o duo como uma das principais vozes da nova geração da música brasileira.

O impacto de "Singular" no contexto musical brasileiro é inegável. Além do sucesso comercial, a música transmitiu uma mensagem poderosa de autoafirmação e individualidade, conectando-se profundamente com o público e se tornando um hino para

muitos. Anavitória, por sua vez, estabeleceu-se como um duo talentoso e inovador, introduzindo uma proposta musical singular no cenário nacional. Por meio da análise semiótica, desvendamos a rica importância cultural presente na música de Anavitória, demonstrando sua contribuição para o cenário musical brasileiro em constante evolução.

Análise dos Signos musicais

A análise dos signos musicais presentes na música "Singular" de Anavitória revela a maneira singular como os elementos musicais são utilizados para transmitir a mensagem da canção. A harmonia, por exemplo, é suave e delicada, criando uma atmosfera tranquila e acolhedora. Os acordes utilizados, como Dó maior, Sol maior, Lá menor e Mi menor, contribuem para essa sensação, criando uma sonoridade suave e agradável aos ouvidos.

Além disso, a melodia da música é cativante e envolvente. Ela acompanha a letra de forma fluida, destacando as expressões emocionais presentes na música. A melodia se desenvolve de maneira sutil, sem grandes variações, o que reforça a sensação de singularidade transmitida pela letra. O ritmo da música é calmo e cadenciado, proporcionando uma sensação de tranquilidade e intimidade. Ele se mantém constante ao longo da canção, criando uma base estável para a melodia e a letra. Essa estabilidade rítmica contribui para a sensação de singularidade e segurança transmitida pela música.

O timbre das vozes de Anavitória também é um elemento importante na análise dos signos musicais. As vozes suaves e harmoniosas das cantoras se entrelaçam de forma única, criando uma sonoridade íntima e emocional. A escolha do timbre das vozes contribui para a transmissão da mensagem de amor e conexão presente na letra da música. Ao analisar esses signos musicais, é possível compreender como eles se relacionam com a mensagem da letra. A suavidade da harmonia, a melodia envolvente, o ritmo cadenciado e o timbre das vozes de Anavitória se unem para transmitir a sensação de singularidade e intimidade presentes na música.

Essa análise dos signos musicais nos permite compreender como a música "Singular" de Anavitória utiliza elementos musicais de forma singular para transmitir sua mensagem de amor e conexão. A combinação dos elementos musicais cria uma experiência auditiva agradável e emocionalmente envolvente, destacando a singularidade do encontro entre duas pessoas e a importância de ter alguém para chamar de vida. A

letra da música "Singular" de Anavitória é repleta de signos linguísticos que contribuem para a construção da mensagem transmitida pela canção. Através das palavras, frases e metáforas utilizadas, a letra expressa a singularidade de um encontro amoroso e a importância de ter alguém para chamar de vida.

A música "Singular" de ANAVITÓRIA apresenta uma letra que expressa a singularidade e a intimidade de uma relação amorosa. Para ilustrar essa temática, podemos analisar trechos da música que evidenciam essa ideia:

"É tão singular
O jeito que me observa acordar
E o meu cabelo não parece te assustar
Você, incrivelmente, não se importa"
Anavitória (2016),

Nesse trecho, a letra destaca a singularidade da maneira como o parceiro observa a protagonista, valorizando até mesmo os aspectos mais simples, como acordar e o estado do cabelo. Essa abordagem ressalta a aceitação e o amor incondicional presentes na relação.

"Tão singular
É tão particular o meu encontro quando é com você
O meu sorriso quando tem o teu pra acompanhar
As minhas histórias quando você para pra escutar
A minha vida quando tenho alguém pra chamar
De vida"
Anavitória (2016),

Essas linhas destacam a singularidade do relacionamento e como a presença do parceiro traz significado e alegria para a vida da protagonista. O encontro com ele é descrito como algo único e especial, e a letra enfatiza a importância de ter alguém para compartilhar momentos e histórias.

"É tão singular
A habilidade que eu tenho em montar
Um arsenal de clichês pra te cantar
Na intenção de te fazer não esquecer"
Anavitória (2016),

Nesse trecho, a música aborda a forma como a protagonista se expressa através de clichês românticos para demonstrar seus sentimentos. Essa habilidade é apresentada como algo singular e peculiar, ressaltando o esforço em fazer com que o parceiro se sinta especial e lembrado.

Esses exemplos da letra de "Singular" demonstram como a música aborda a singularidade e a particularidade de uma relação amorosa. Através de descrições íntimas e emocionais, a letra transmite a importância de ter alguém especial na vida e a forma como essa conexão única pode transformar a existência. A estrutura da letra da música "Singular" de Anavitória segue um padrão de versos e refrão, proporcionando um fluxo narrativo coeso e envolvente. Através dos versos, a letra descreve de forma poética e imagética a singularidade do encontro amoroso, enquanto o refrão reforça a ideia central da música, destacando a importância de ter alguém para chamar de vida. Essa estrutura contribui para transmitir a mensagem de forma clara e memorável, criando uma conexão emocional com o ouvinte ao longo da canção.

Os instrumentos utilizados na música "Singular" de Anavitória desempenham um papel fundamental na transmissão da mensagem e na criação do viés semiótico da canção. O violão, por exemplo, é um dos principais instrumentos presentes na música, trazendo uma sonoridade suave e delicada que reforça a atmosfera tranquila e acolhedora da canção. Além disso, a utilização de instrumentos como teclado e percussão leve contribui para a criação de camadas sonoras sutis, que complementam a melodia e a voz das cantoras de forma harmoniosa. Essa combinação de instrumentos cria um viés semiótico de intimidade e emoção, transportando o ouvinte para o universo singular retratado na música.

Análise dos Signos visuais

Figura 1 – Capa do álbum "ANAVITÓRIA".



Fonte: ANAVITÓRIA. Capa do álbum "ANAVITÓRIA". Imagem digital. Apple Music¹².

¹² Disponível em: <<https://music.apple.com/br/album/anavit%C3%B3ria/1440864133>>. Acesso em: 15 de Outubro de 2023.

Na capa do álbum "ANAVITÓRIA", a imagem das duas artistas, Ana e Vitória, com suas características capilares contrastantes, cria um poderoso símbolo semiótico. Essa representação visual das artistas com cabeças uma ao lado da outra, olhando diretamente para o ouvinte, transmite uma sensação de proximidade e intimidade. A diferença entre os cabelos das duas cantoras - Ana com cabelo curto, liso e castanho, e Vitória com cabelo ruivo, longo e encaracolado - é um elemento visual que evoca a individualidade e a diversidade presente na dupla. Essa representação simbólica dos cabelos pode ser interpretada como uma metáfora das personalidades únicas e complementares das artistas.

O contraste entre as cores e texturas dos cabelos também pode ser interpretado como uma representação visual da diversidade e da união. A imagem sugere uma harmonia entre as diferentes características das artistas, destacando que, apesar de suas diferenças, elas estão juntas e se complementam. A escolha desse contraste capilar como elemento central da capa do álbum pode transmitir uma mensagem de aceitação, respeito e celebração da individualidade. Essa mensagem simbólica pode estar alinhada com a proposta artística de Anavitória de valorizar a autenticidade, a diversidade e a conexão emocional com o público.

Sobre o videoclipe de "singular"¹³, podemos realizar uma análise semiótica limitada, considerando a simplicidade e a estética acústica do vídeo. Primeiramente, a escolha de um estúdio como cenário para o videoclipe pode transmitir uma sensação de intimidade e proximidade entre as artistas e o público. O ambiente do estúdio pode sugerir uma atmosfera mais descontraída e autêntica, enfatizando a proposta do estilo acústico. A presença de Ana, que também é compositora, tocando o violão de maneira mais amadora, pode transmitir uma sensação de autenticidade e conexão emocional com a música. O estilo simples e amador pode sugerir uma abordagem mais pessoal e genuína, destacando a música e a mensagem transmitida pelas letras. Os *close-ups*, focando nos rostos de Ana e Vitória, podem aprofundar a conexão emocional com a música, permitindo que os espectadores se envolvam mais intensamente com a performance. Os *close-ups* podem destacar as expressões faciais e os sentimentos transmitidos pelas artistas durante a interpretação da música. A ausência de elementos visuais complexos e a ênfase na voz e no violão sugerem uma estética minimalista, focada na essência da música e nas

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lu_wwks1Eig>. Acesso em: 15 de Outubro de 2023.

emoções transmitidas por meio da performance. Essa simplicidade pode criar uma atmosfera mais íntima e sincera, permitindo que os espectadores se conectem de forma mais profunda com a música e com as artistas.

Análise Semiótica Cultural

A análise semiótica cultural da música "Singular" de Anavitória nos permite explorar os diferentes signos presentes na letra e a forma como eles constroem significados dentro do contexto cultural em que a música está inserida. A música "Singular" fala sobre um relacionamento especial e único, destacando a singularidade e a conexão entre duas pessoas. Através da observação dos signos presentes na letra, podemos identificar os elementos culturais que contribuem para a construção de significados. Um dos signos presentes na música é o cabelo, mencionado na frase "E o meu cabelo não parece te assustar". O cabelo pode ser interpretado como um símbolo de identidade e individualidade. Nesse contexto, a letra sugere que o parceiro não se importa com a aparência física e aceita a pessoa como ela é, valorizando a singularidade.

Outro signo importante é o abraço, mencionado na frase "O teu abraço que me enlaça devagar". O abraço é um gesto de afeto e proximidade emocional, que pode representar segurança e conforto. Nesse contexto, o abraço é utilizado como um símbolo do relacionamento especial entre as duas pessoas, enfatizando a conexão única que compartilham. Além disso, a música faz uso de clichês românticos, mencionados na frase "A habilidade que eu tenho em montar um arsenal de clichês pra te cantar". Os clichês são elementos culturais que são repetidos e amplamente reconhecidos dentro de um determinado contexto. Nesse caso, eles são utilizados como uma forma de expressar o amor e de reafirmar a importância do relacionamento.

A música também aborda a ideia de encontro, sorrir e compartilhar histórias. Esses elementos contribuem para criar uma atmosfera de intimidade e cumplicidade entre as duas pessoas envolvidas no relacionamento. No contexto cultural em que a música foi lançada, em 2013, canções românticas e de amor eram muito populares. A letra da música "Singular" segue essa tendência, utilizando elementos que são facilmente compreendidos e apreciados pelo público. Através da música, Anavitória busca transmitir a ideia de que o relacionamento entre duas pessoas pode ser especial e único, mesmo que envolva desafios e diferenças individuais, a análise semiótica cultural da música "Singular" de

Anavitória nos permite explorar os diferentes signos presentes na letra e a forma como eles constroem significados dentro do contexto cultural. Através de elementos como cabelo, abraço, clichês românticos e a noção de encontro, a música transmite a ideia de um relacionamento especial e único, ressaltando a importância da individualidade e da conexão entre duas pessoas. A repetição da palavra "singular" ao longo da música serve como um signo linguístico que enfatiza a singularidade e distinção do relacionamento retratado. Ao repetir essa palavra, a música reforça a ideia de que a conexão entre as duas pessoas é extraordinária e diferente de qualquer outra.

A menção às histórias na letra, como "As minhas histórias quando você para pra escutar", sugere a importância da comunicação e compreensão mútua no relacionamento. Compartilhar histórias é uma forma de criar uma conexão mais profunda e promover a intimidade emocional. O uso da frase "Eu nunca vou parar de te chutar a noite inteira" adiciona uma camada interessante à música. Embora possa parecer contraditória ou até mesmo agressiva inicialmente, pode ser interpretada como uma expressão metafórica de brincadeira e leveza dentro do relacionamento. Isso significa um nível de conforto e aceitação ao se expressar livremente e participar de trocas de brincadeiras.

Além disso, a música incorpora elementos das normas culturais brasileiras e das dinâmicas de gênero. A representação do parceiro como alguém que aceita a individualidade do cantor, incluindo suas peculiaridades e imperfeições, desafia as expectativas de gênero tradicionais e destaca a importância da autoaceitação nos relacionamentos. Em resumo, a música "Singular" de Anavitória apresenta uma narrativa de um relacionamento único e especial, destacando a importância da aceitação, individualidade e comunicação. Ao incorporar símbolos culturais, signos linguísticos e elementos musicais, a música captura a essência de uma conexão romântica contemporânea dentro do contexto cultural brasileiro.

Conclusão

Em conclusão, a análise semiótica da música "Singular" de Anavitória proporcionou uma compreensão abrangente de sua singularidade e relevância dentro do cenário musical brasileiro. Ao explorar os signos musicais, linguísticos e visuais presentes na canção, bem como seu contexto cultural mais amplo, desvendamos as múltiplas camadas de significado presentes na composição. Ao longo da análise, tornou-se evidente

que o estilo musical de Anavitória, que mescla folk pop com elementos da MPB, desempenha um papel fundamental na construção da estética e do impacto emocional da canção. As harmonias, melodias, ritmos e timbres utilizados pela dupla criam um arcabouço musical distinto que realça a expressão da mensagem da música.

A análise linguística revelou o poder das letras da música, com suas palavras, frases e metáforas cuidadosamente escolhidas, para transmitir significados tanto literais quanto simbólicos. Ao examinarmos o vocabulário, o uso de figuras de linguagem e possíveis referências culturais, obtivemos insights sobre a mensagem mais profunda transmitida pelas letras, bem como sua conexão com o contexto cultural mais amplo. Além disso, a análise visual trouxe à luz os elementos visuais associados à canção, como o videoclipe, as capas de álbuns e as fotos promocionais. Esses sinais visuais, incluindo as combinações de cores, figurinos e possíveis simbolismos visuais, contribuem para o apelo estético geral e reforçam o significado pretendido da música, a análise do contexto cultural mais amplo destacou como a música "Singular" dialoga com discursos sociais e reflete ou critica aspectos da sociedade brasileira. Ao considerar o gênero musical, o momento de lançamento e as influências culturais presentes na música, obtivemos uma compreensão mais profunda de como a canção se conecta com o tecido cultural de seu tempo. Essa análise semiótica proporcionou uma interpretação abrangente da música "Singular" de Anavitória, enfatizando sua singularidade e relevância no panorama musical brasileiro. Ao desvendar os múltiplos signos presentes na canção e sua relação com a cultura, essa análise contribui para uma compreensão mais profunda da música e de seu impacto cultural.

É por meio de abordagens analíticas como essa que podemos apreciar plenamente o poder da música em expressar emoções, transmitir mensagens e conectar pessoas através das culturas. Dessa forma, a análise semiótica da música "Singular" de Anavitória revelou sua singularidade e importância dentro da música brasileira. Ao explorar os signos musicais, linguísticos e visuais presentes na canção, assim como seu contexto cultural mais amplo, pudemos desvendar os múltiplos significados presentes na composição. Através da compreensão do estilo musical da dupla, das letras cuidadosamente escolhidas e dos elementos visuais associados à música, foi possível apreciar a estética e a mensagem transmitida por "Singular". Além disso, ao considerar o contexto cultural em que a música se insere, pudemos entender como ela dialoga com a sociedade e reflete aspectos relevantes da cultura brasileira. Essa análise semiótica

contribui para uma compreensão mais aprofundada da música como forma de expressão artística e sua capacidade de conectar pessoas através das emoções e das mensagens transmitidas. Através dessas abordagens analíticas, podemos apreciar a riqueza e a complexidade da música e seu impacto cultural duradouro.

Referências

ANAVITÓRIA. **Singular** [Gravação de áudio]. São Paulo: Universal Music, 2016.

ECO, Umberto. **Tratado Geral de Semiótica**. Editora Perspectiva, 2005.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

NÖTH, Winfried. **Introdução à Semiótica**. Editora Ática, 1995

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e Semiótica das Mídias**. Editora Paulus, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e do pensamento: sonora, visual, verbal**. Iluminuras, 2012.

Capítulo 6
NUNCA FOMOS CLÁSSICOS: UMA LEITURA DE AULA DE
MÚSICA DE PATRÍCIA LINO

Karina Frez Cursino
Adriano Guedes Carneiro



NUNCA FOMOS CLÁSSICOS: UMA LEITURA DE AULA DE MÚSICA DE PATRÍCIA LINO

Karina Frez Cursino¹⁴

Doutoranda em Literatura Comparada, pela UFF/CAPES, subárea de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (2024). Mestre em Estudos Literários, pela UFF/CAPES, subárea de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Licenciatura em Letras pela UERJ.

Adriano Guedes Carneiro¹⁵

Doutorando em Literatura Comparada, pela UFF/CAPES, subárea de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (2024). Mestre em Estudos Literários, pela UFF/CAPES, subárea de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Licenciatura em Letras pela UFF.

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir o livro *Aula de música* de Patrícia Lino, sob a perspectiva de que o mesmo – no fio da navalha – rompe os limites entre os gêneros literários e artísticos, já que se apresenta como um “poema em quadrinhos”, mesclando a literatura, o desenho e a música, através de uma concepção performática, centrada numa proposta de literatura pós-autônoma. Utiliza-se, além disso, do intertexto e da adaptação, pois reescreve uma passagem da *Ilíada* de Homero, em que um professor de música, Lino, busca ensinar sua arte ao herói guerreiro, e bruto, Herácles, sem sucesso. O texto é apresentado como história em quadrinhos em três versões em três idiomas: português, espanhol e inglês, o que também incita o debate em torno da questão da tradução e se, através dela, surge uma nova obra ou se a mesma se mantém, apenas sendo ressignificada para outra cultura? Repetição ou diferença? Cópia ou simulacro? Também os desenhos das personagens que compõem o texto buscam recriar não só a autora, como a equipe responsável pela elaboração do livro, como se elas (autora e equipe) representassem teatralmente esses papéis, no livro, sugerindo o embricamento entre

¹⁴ Professora – Mestre. karina.friburgo@gmail.com

¹⁵ Professor – Mestre. adriano_guedes@id.uff.br

realidade e ficção e a confusão entre sujeito e objeto. Para tanto, utiliza-se da contribuição teórica de Walter Benjamin, Roland Barthes, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Rancière, Florência Garramuño, António de Andrade et al, entre outros.

Palavras-chave: Patrícia Lino; Literatura Pós-autônoma; poema em quadrinhos

ABSTRACT

The objective of this article is to discuss the book *Aula de Música* by Patrícia Lino, from the perspective that it – on a knife's edge – breaks the boundaries between literary and artistic genres, as it presents itself as a “comic poem”, mixing literature, drawing and music, through a performative conception, centered on a proposal for post-autonomous literature. It also uses intertext and adaptation, as it rewrites a passage from Homer's *Iliad*, in which a music teacher, Linus, seeks to teach his art to the brute warrior hero, Heracles, without success. The text is presented as a comic book in three versions in three languages: Portuguese, Spanish and English, which also encourages debate around the issue of translation and whether, through it, a new work emerges or whether the same one remains, just being reframed for another culture? Repetition or difference? Copy or simulacrum? Also, the drawings of the characters that make up the text seek to recreate not only the author, but also the team responsible for preparing the book, as if they (author and team) theatrically represented these roles in the book, suggesting the intertwining between reality and fiction and the confusion between subject and object. To this end, it uses the theoretical contributions of Walter Benjamin, Roland Barthes, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Rancière, Florência Garramuño, António de Andrade et al, among others.

Keywords: Patrícia Lino; Post-autonomous literature; Comic poems.

O objetivo deste artigo é discutir o livro *Aula de música* de Patrícia Lino, sob a perspectiva de que o mesmo rompe os limites entre os gêneros literários e artísticos, já que se apresenta como um “poema em quadrinhos”, mesclando a literatura, o desenho e a música, através de uma concepção performática, centrada numa proposta de literatura pós-autônoma. Num entre-lugar, entre poesia e história em quadrinhos, entre intertexto e adaptação, na recriação da música por meio das imagens, buscando a diferença na repetição, o simulacro na cópia, a autora se propõe a questionar uma série de valores culturais e artísticos tipicamente ocidentais e/ou ocidentalizados, com o fim de estabelecer uma perspectiva diferenciada para a observação e o entendimento destes fenômenos. Como ela mesma disse recentemente: “a Grécia também é local de disputa”. Ou como sugere Walter Benjamin: reescrever a história sob a perspectiva dos vencidos.

Patrícia Lino é poeta, ensaísta e professora universitária na University of California, Los Angeles – UCLA –, em que leciona literatura e artes visuais afro-luso-brasileiras. Publicou até o momento **Aula de música** (2022), o **Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial** (2020), **No es esto un libro** (2020) e **Manoel de Barros e a poesia cínica**. O círculo dos três movimentos com vistas ao Homem-Árvore (2019). Dirigiu recentemente “DAEDALUS 22/1” (2021), “Anticorpo. Uma paródia do império risível” (2019) e “Vibrant Hands” (2019). Lançou também o álbum de poesia mixada “I Who Cannot Sing” (2020) e traduziu autoras como Nicanor Parra (2018) e Gertrude Stein (Barriga ao Alto, 2023) para o português. A sua investigação centra-se na poesia contemporânea, culturas visual e audiovisual, paródia, anticolonialismo e cinema luso-brasileiro. É membro integrado do UCLA Latin American Institute, colaboradora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e co-coordenadora d'A Coleção, linha editorial das Edições Macondo dedicada à publicação da poesia portuguesa contemporânea no Brasil. Lino foi igualmente professora visitante na Yale University e uma das autoras convidadas da 20ª edição da FLIP — Festa Literária Internacional de Paraty.¹⁶

A inquietude e os questionamentos que permeiam as obras de Lino, no que diz respeito à estrutura e ao conteúdo, movimentam a ideia de “experiências corais”, apresentada em *Objetos verbais não identificados: um ensaio de Flora Süssekind* (2013). A partir da observação da crescente presença de “formas corais” na literatura brasileira contemporânea, Süssekind contribui ainda para a reflexão da literatura contemporânea fora do território brasileiro, permitindo que possamos pensar em **Aula de Música** a partir de suas características corais, que preveem um tensionamento propositado de gêneros, repertório e categorias basilares capaz de questionar tanto a hora histórica, quanto o próprio campo literário. Na experiência coral de Lino, cruzam-se vozes, elementos não verbais, sobrepõem-se registros e modos expressivos diversos, criando a instabilidade cada vez mais presente nas produções atuais.

Ainda no que tange ao embaralhamento característico das composições contemporâneas, a crítica argentina Jofina Ludmer apresenta em seu texto *Literaturas pós-autônomas* (2010) o termo “realidadeficção”, defendendo que tais manifestações são ao mesmo tempo realidade e ficção. A ambivalência entre as fronteiras de vida e arte,

¹⁶ Retirado de: <<https://www.patricialino.com/bio.html>>.

realidade e ficção, põe em xeque a própria condição de criação de uma obra como **Aula de música** na qual os desenhos das personagens que compõem o texto buscam recriar não só a autora, mas também a equipe responsável pela elaboração do livro, como se elas (autora e equipe) representassem teatralmente esses papéis, no livro, sugerindo o embricamento entre realidade e ficção e a confusão entre sujeito e objeto.

É possível também detectar indícios de uma literatura pós-autônoma, na forma complexa como é delineada no artigo “Práticas inespecíficas”, presente em **Indiccionario do contemporâneo**, de autoria coletiva, - obra que vislumbra com mais nitidez o rizoma artístico latino-americano mas que, analogicamente, pode ter suas conclusões deslizadas para outros cenários da arte e da literatura em geral. Naquele texto, os autores levantam a questão da instabilidade que se encontra crescente nas práticas estéticas contemporâneas, demonstrando o quanto estão abertas para combinações híbridas, que permitem na literatura uma interferência de outros discursos e registros, gerando uma expansão do campo literário, através do diálogo do mesmo com outros meios de expressão, tal como a mistura da ficção com a fotografia, a pintura, os textos poéticos, os documentais etc. Essa tendência heterogênea, presente na literatura atual, permite troca e comunicação entre diversos campos da estética, criando, a partir desses cruzamentos, conexões originais que colocam em questionamento a noção de uma forma definida, anteriormente observada.

Essas literaturas pós-autônomas, ainda segundo os autores de **Indiccionario**, atuam implodindo as antigas divisões, separações, fronteiras que permitiam classificar e ordenar os “saberes” literários. Ainda que algumas obras sejam identificadas como literatura, elas não permitem mais a sua leitura “por meio de categorias literárias (...) como autor, obra, estilo, *écriture*, texto e sentido” (ANDRADE, 2018, p. 219), agora elas:

(...) dramatizam o processo (...) aberto por Kant e a modernidade. Declaram o fim da era em que a literatura teve uma “lógica” interna e um poder crucial: o poder de definir-se e ser regida pelas próprias leis, com instituições próprias (crítica, ensino, academia), que debatiam sua função, seu valor, seu sentido. Debatiam também a relação da literatura com outras esferas, como a política, a economia, a realidade histórica. Perde a autonomia (seu poder de autorreferenciar-se com o fim das esferas).

Isso leva, claro, ao fim dos embates e das divisões e oposições tradicionais entre formas nacionais e cosmopolitas, formas do realismo e da vanguarda, da literatura pura e da literatura engajada, da literatura rural e da literatura urbana. E da diferenciação entre realidade (histórica) e ficção (ANDRADE, 2018, p. 221).

Da mesma forma, é nessa paisagem do pensamento contemporâneo, pautado nos intercâmbios artísticos, que entre as reflexões que compõem **O espectador emancipado** (2012), Jacques Rancière considera que:

Essas histórias de fronteiras por transpor e da distribuição de papéis por subverter confluem para a atualidade da arte contemporânea, na qual todas as competências artísticas específicas tendem a sair de seu domínio próprio e a trocar seus lugares e poderes. Hoje temos teatro mudo e dança falada; instalações e performances à guisa de obras plásticas; projeções de vídeo transformadas em ciclo de afrescos; fotografias tratadas como quadros vivos ou cenas históricas pintadas; escultura metamorfoseada em show multimídia, além de outras combinações (RANCIÈRE, 2012, p. 24).

O pensador francês reflete sobre três maneiras diferentes de entender e colocar em prática essa combinação de gêneros, linguagens ou suportes artísticos, sendo interessante, nesse momento, pensarmos a que diz respeito à hibridização dos meios da arte, através de performances heterogêneas, que expandem os campos artísticos, causando modificação nas especificidades, criando assim as práticas inespecíficas.

Em **Frutos Estranhos: sobre a inespecificidade da estética contemporânea** (2014), Florencia Garramuño tece potentes considerações sobre o cenário contemporâneo da literatura, evidenciando não apenas a falta de especificidade das artes que compõem o campo expandido, mas propondo reflexões sobre uma “literatura fora de si”, partindo da ideia do não pertencimento, resultado do encontro/contaminação entre as artes. Esse não pertencimento desconstrói uma ideia de origem e de filiação a um campo determinado da arte, reforçando a ideia de uma arte inespecífica e em constante trânsito:

Essa aposta no inespecífico seria um modo de elaborar uma linguagem do comum que propiciasse modos diversos do não pertencimento. Não pertencimento à especificidade de uma arte em particular, mas também, e sobretudo, não pertencimento a uma ideia de arte como específica. Seria precisamente porque a arte das últimas décadas teria abalado a ideia de uma especificidade, além da especificidade do meio, que cada vez há mais arte multimídia ou o que poderíamos chamar de “arte inespecífica” (GARRAMUÑO, 2014, p. 16).

A transitoriedade e a multiplicidade atribuídas à arte contemporânea revelam artistas (e. g. Patrícia Lino) que se deslocam entre as diferentes manifestações artísticas, criando a partir desses encontros novos modos de produção, recepção e circulação de suas obras. Pensando nas infinitas possibilidades de interpretações advindas desses

entrecruzamentos intermediáticos, torna-se difícil e irrelevante para a compreensão da arte categorizar essas novas produções.

Aula de música faz referência a Lino, uma personagem citada no Canto XVIII, da **Iliada** de Homero, em que é descrito o escudo de Aquiles, nos versos 569 a 571. Podemos ler esses versos, segundo a tradução de Carlos Alberto Nunes:

Com uma lira sonora, no meio do grupo, um mancebo /o hino de Lino entoava com voz delicada, à cadência/ suave da música, e todos, batendo com os pés, compassados, / em coro, alegres, o canto acompanham, dançando com ritmo (HOMERO, 2015, p. 405).

Somente por curiosidade, mas, na recente versão de Trajano Vieira, a menção a Lino simplesmente desaparece, em virtude da escolha do tradutor, pois diz o texto: “(...) e um deles plange a cítara melodiosa,/ toca graciosamente e canta a bela música/ com voz sutil. Os outros, marcando a cadência, dançam, gritam, volteiam com os pés, seguindo-o”. (HOMERO, 2020, p. 717).

Lino, segundo as referências mitológicas, é um músico tebano estupendo e é registrado pela Biblioteca do Pseudo Apolodoro¹⁷. Neste livro – obra elaborada como compilação, (a exemplo da **Teogonia** de Hesíodo), de todos os mitos gregos, organizados em genealogias – é narrado o episódio em que Lino, professor de música de Hércules (Em Roma, conhecido como Hércules), o qual não é dado às sutilezas necessárias para o aprendizado dessa arte. Lino, por sua vez, é rigoroso e procura corrigir o discípulo com castigos. Até o momento em que Hércules se irritou com o velho mestre e o matou com o próprio instrumento musical. Hércules é o herói grego, filho de Zeus e autor dos doze trabalhos e tão comemorado pelo Ocidente. Enquanto Lino caiu no esquecimento, Hércules é celebrado até hoje. Aliás, no **Dicionário da Mitologia Grega e Romana** de Pierre Grimal, Hércules é apontado como “o herói mais popular e o mais célebre de toda a mitologia clássica” (GRIMAL, 2005, p. 205).

Na **Biblioteca Mitológica** do Pseudo Apolodoro, é informado que Lino nasceu: “[1.3.2] De Calíope e Eagro, ou de Apolo segundo alguns, nasceu Lino, que foi morto por Hércules, e Orfeu, que executava o canto com cítara e movia pedras e árvores” (PSEUDO APOLODORO, 2026, p. 11)¹⁸. E a seguir que:

¹⁷ Retirado de: <<https://www.patricialino.com/bio.html>>.

¹⁸ A obra Biblioteca Mitológica era atribuída a Apolodoro de Atenas que viveu entre os séculos I e II. No entanto, essa ideia foi refutada e hoje atribui-se o texto ao bibliotecário, também chamado de Pseudo Apolodoro ou [Apolodoro].

[2.4.9] Herácles foi instruído na condução do carro por Anfitrião, a lutar por Autólico, a disparar o arco por Éurito, a combater com armas pesadas por Cástor, a cantar ao som da cítara por Lino, que era irmão de Orfeu. Aquele veio a Tebas e se fez tebano e foi morto por Héacles, que o golpeou com a cítara, irritado por um castigo imposto por Lino e por isso o matou. Alguns o levaram ante a justiça por assassinato, mas Héacles invocou a Lei de Radamantis, segundo a qual aquele que repele uma agressão a alguém que lhe agredira sem razão era inocente, e assim foi absolvido.¹⁹ (PSEUDO APOLODORO, 2016, p. 48).

A leitura do clássico é tão distante, que podemos perguntar o que temos a ver com isso? Patrícia Lino, em recente evento na UERJ para homenagear José Miguel Wiznik, disse que “a Grécia também é local de disputa”. Parecia invocar as teses sobre o conceito de História de Walter Benjamin, o qual escreveu que “enquanto os sofrimentos de um único ser humano forem esquecidos, não poderá haver libertação” (BENJAMIN apud LÖWY, 2020, p. 54) ou sobre a necessidade de se escovar a história a contrapelo.

Revisitar os mitos que parecem consolidados em nosso imaginário – nesta sociedade da aceleração, como se refere Hartmut Rosa, em livro homônimo – em que, por mais que tenhamos a tecnologia para economizar o tempo, cada vez temos menos tempo para fazer as coisas que queremos – é colocar em cheque as próprias bases deste imaginário e desta sociedade. Ousar penetrar num livro tão poderoso e vigoroso quanto é a **Ilíada**, ainda que de forma bem lateral e timidamente a partir de uma personagem apenas minimamente citada sem importância, é se permitir questionar essa Grécia masculina, branca e loura, por meio de um olhar fresco sobre esse livro tão importante, embora tão antigo.

Em **Aula de música**, se juntarmos o poema disposto nos quadrinhos, iremos ler:

Herácles chegou atrasado/ carregando a lira pelo jugo./Expirava furioso
ao pousá-la sobre o colo/ Quando Lino o repreendeu./ Herácles
endireitou-se e/ repetindo os gestos dos companheiros/ Tocou o
primeiro acorde/ A lira vibrava em desespero/ Orfeu e Tâmiris
suspiraram./Lino interrompeu a pequena orquestra e/ depois de
encaminhar-se sorridente para Héacles/ acomodou-lhe os enormes e
desastrosos dedos entre as seis cordas/ pediu-lhe que tocasse de
novo./Héacles tocou./Lino, filho de Urânia e Apolo/ inventor da
melodia/ vencedor dos jogos dos argivos/ o primeiro a cantar ao som da
harpa/ moveu então para cima/ o indicador mastodôntico do filho de
Zeus/ sem antecipar/porém/ que o estudante se levantaria./ Héacles
levantou-se/ o professor encolheu-se/perante seu braço
musculado/erguendo a pequena lira no ar/ Lino pode soltar três

¹⁹ “[1.3.2] De Calíope y Eagro, o de Apolo según se dice, nació Lino, al que mató Heracles, y Orfeu, que practicaba el canto con cítara y movía piedras y árboles” (PSEUDO-APOLODORO, 2016, p. 11). Tradução nossa do espanhol.

lamentos inaudíveis/até que Hércules o esmagasse/ Orfeu e Tâmiris correram em seu socorro/ Lira e cabeça abertas ao meio/ pois não perde sempre/a delicadeza/ para a força bruta?/ E a Grécia chorava (LINO, 2022, p. 12-41).

Sensivelmente é possível observar o disparate entre a versão de Patrícia Lino com relação ao relato do Pseudo Apolodoro, pois, neste, Hércules se livra da acusação apresentando para se defender uma lei que lhe garantia a legítima defesa, pois ele estaria apenas reagindo a uma agressão que lhe havia sido feita anteriormente. No poema, indagamos qual a agressão que o professor de música podia cometer em face do grande e imenso guerreiro grego? Não seria a absolvição de Hércules – como o poema infere “pois não perde sempre a delicadeza para a força bruta? - a vitória da violência contra a Arte e a Cultura? Ou ainda como escreve Benjamin:

Todo aquele que, até hoje, obteve a vitória, marcha junto no cortejo de triunfo que conduz os dominantes de hoje (a marcharem) por cima dos que, hoje, jazem por terra. A presa como sempre de costume, é conduzida no cortejo triunfante. Chamam-na bens culturais (BENJAMIN APUD LÖWY, 2020, p. 70).

O assassinio cometido por Hércules guarda bem mais do que aquilo que parece. Pois, promove a vitória da violência, da força bruta, da guerra sobre os valores artísticos, sobre a música, sobre a sensibilidade, sobre a paz.

Se pensarmos de acordo com a ideia de *nachleben*, a sobrevivência (da imagem), como foi elaborada por Aby Warburg, ainda que tenha sido construída para um contexto histórico e artístico preciso: o quattroceto italiano, podemos dizer como escreveu Georges Didi-Huberman:

Warburg, substituiu o modelo natural dos ciclos de “vida e morte”, “grandeza e decadência”, por um modelo decididamente não natural e simbólico, um modelo cultural da história, no qual os tempos já não eram calcados em estágios biomórficos, mas se exprimiam por estratos, blocos híbridos, rizomas, complexidades específicas, retornos frequentemente inesperados e objetivos sempre frustrados. Warburg substituiu o modelo ideal das “renascenças” (...) por um modelo fantasmal da história, no qual os tempos já não se calcavam na transmissão acadêmica dos saberes, mas se exprimiam por obsessões, “sobrevivências”, remanescências, reparações das formas (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 25).

Aby Warburg buscará comprovar esse projeto de ultrapassar o modelo da “vida e morte” na Arte, através do Atlas de *Mnemosyne*, por meio da montagem persistente do desenvolvimento (e movimento) das imagens ao longo do tempo, na obra de diversos autores, da permanência de traços, gestos e figurações, podem ser encontrados os fantasmas que nos remetem a um tempo antigo. Nossa hipótese, portanto, é a de que a imagem de Hércules é que se manteve sobrevivente, mesmo como “fantasma”, como presença, como valor dos vencedores, enquanto a de Lino, o vencido, foi aquela eclipsada, escondida, oculta, esquecida, abafada e sonogada.

Essa transmissão da imagem de Hércules não se faz de uma forma linear e tranquila, mas como escreve ainda Didi-Huberman, através da instabilidade, pois:

(...) os tempos já não se calcavam na transmissão acadêmica dos saberes, mas se exprimiam por obsessões, “sobrevivências”, remanescências, reparações das formas. Ou seja, por não-saberes, por irreflexões, por inconscientes do tempo. Em última análise, o modelo fantasmal de que falo era um modelo psíquico, no sentido de que o ponto de vista do psíquico não seria um retorno ao ponto de vista do ideal, mas a própria possibilidade de sua composição teórica. (...) um modelo sintomal, no qual o devir das formas devia ser analisado como um conjunto de processos tensivos – tensionados, por exemplo, entre vontade de identificação e imposição de alteração, purificação, hibridação, normal e patológico, ordem e caos, traços de evidência e traços de reflexão (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 25).

Em **Aula de música**, como “poema em quadrinhos”, os desenhos das personagens remetem e são emprestados à imagem de outros poetas e editores, pois lemos, no livro: “Personagens/ MIGUEL-MANSO como HÉRAKLES/OTÁVIO CAMPOS como ORFEU/PATRÍCIA MARTINS MARCOS como TÂMIRIS/A AUTORA como PROFESSOR LINO” (LINO, 2022, p. 9).

Ao transformar, portanto, o Professor Lino em uma mulher é possível associar o episódio à violência contra a mulher. E mais do que isso, tendo em vista a diferença entre gênero e sexo, nos desenhos, do Professor Lino, podemos pensar num crime de transfobia.

E se tivermos um olhar mais detido sobre a biografia do herói grego descobriremos que ele, também, num acesso de cólera, matou sua esposa, Mégara e seus oito filhos. E atribuiu este seu feito à deusa Hera que lhe cegou os sentidos. Novamente não foi punido pelo crime. Consultou o Oráculo de Delfos que lhe orientou que se prontificasse a servir seu primo Euristeu por doze anos e cumprir os respectivos doze trabalhos.

Héracles, portanto, é o símbolo de valores dominantes e que necessitamos superar. É importante fomentar a transformação e o devir desses valores. Para tanto, podemos finalizar, citando uma passagem de Deleuze e Guattari justamente sobre o devir, em *Mil Platôs*:

Por que há tantos devires do homem, mas não um devir-homem? É primeiro porque o homem é majoritário por excelência, enquanto os devires são minoritários, todo devir é um devir minoritário. Por maioria nós não entendemos uma quantidade relativa maior, mas a determinação de um estado ou de um padrão em relação ao qual tanto as quantidades maiores quanto as menores serão ditas minoritárias: homem-branco, adulto-macho, etc. Maioria supõe um estado de dominação, não o inverso (...) mas como “o homem” construiu no universo um padrão em relação ao qual os homens formam necessariamente (analiticamente) uma maioria (...) É nesse sentido que as mulheres, as crianças, e também os animais, os vegetais, as moléculas são minoritários. É talvez até a situação particular da mulher em relação ao padrão-homem que faz com que todos os devires, sendo minoritários, passem por um devir-mulher. (...) Reterritorializamo-nos, ou nos deixamos reterritorializar numa minoria como estado; mas desterritorializamo-nos num devir. Até os negros, (...) terão um devir-negro. Até as mulheres terão que devir-mulher... (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 92-93).

Por mais Linos e por menos Héracles! Porque se pretendemos uma nova sociedade mais justa e solidária, é necessário que abandonemos o culto à força, à violência e passemos a valorizar a música, a poesia, a Arte. Abandonar o culto a uma masculinidade tóxica, fonte de abastecimento perpétuo de todo o fascismo, em favor da igualdade racial e de gênero e aos movimentos que defendam as bandeiras LGBTQIA+!

REFERÊNCIAS

APOLODORO. Biblioteca mitológica. Tradução por José Calderon Felices.

BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Volume 1. Tradução por Sérgio Paulo Rouanet. 8ª edição revista. 3ª reimpressão. São Paulo, Brasiliense, 2016.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia 2. Volume 4. Tradução por Suely Rolnik. 2ª edição. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**. Histórias da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Tradução por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Contraponto, 2013.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Tradução por Victor Jabouille. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução por Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução por Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2020.

LINO, Patrícia. **Aula de música**. Poema em quadrinhos. Juiz de Fora – MG: Capiranhas do Parahybuna, 2022.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. Uma leitura das teses “Sobre os conceitos de história”. Tradução por Wanda Nogueira Caldeira Brant. Tradução das teses por Jeanne Marie Gagnebin. 4ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2020.

LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. **Sopro: Panfleto Político-cultural**. Disponível em: <<https://goo.gl/q4bHaz>>. Acesso em: 6 jul. 2023.

SÜSSEKIND, Flora. Objetos verbais não identificados: um ensaio de Flora Süssekind. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 set. 2013. Seção: Prosa e verso. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/objetos-verbais-nao-identificados-um-ensaio-deflora-sussekind-510390.html>>. Acesso em: 05 ago. 2023.

Capítulo 7
A DISSIDÊNCIA DE GÊNERO E OS IMPERATIVOS DE UMA
MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: DAS DISCURSIVIDADES E DAS
SUBJETIVIDADES

Lisandra Amparo Ribeiro Pimentel



A DISSIDÊNCIA DE GÊNERO E OS IMPERATIVOS DE UMA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: DAS DISCURSIVIDADES E DAS SUBJETIVIDADES

Lisandra Amparo Ribeiro Pimentel

Prof^ª Msc em Estudos de Linguagem (PPGEL-UNEB)²⁰

RESUMO

Há até pouco tempo, não se pensava a performatividade de gênero em uma perspectiva para além do binarismo, até que os estudos de gênero propiciaram a plurificação de subjetividades, o que acabou por ascender debates acerca de formações discursivas em torno dos imperativos de ser, de saber e de poder em uma sociedade heteronormativa. Assim, o presente artigo objetiva analisar como o conceito de masculinidade se intersecciona ao de virilidade compulsória em marcações enunciativas do ser homem frente à agência de corporeidades dissidentes, tomando-se como aporte teórico os postulados de Foucault, Butler e de Bourdieu. Para tanto, realiza-se uma revisão de literatura nos últimos anos, materializada por uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo. Resultados: o argumento da hegemonia e de uma hierarquia de gênero ainda são os principais coeficientes de uma pseudojustificação dos imperativos de masculinidade sobre os mais diferentes corpos. Conclui-se que as subjetividades dissidentes são marcadas por uma pretensa masculinidade hegemônica, que se alicerça e se legitima simbolicamente por discursividades que se inscrevem em uma heteronorma excludente. **Palavras-chave:** Discursividades. Masculinidades. Subjetividades.

ABSTRACT

Until recently, gender performativity was not thought of from a perspective beyond binarism, until gender studies provided the plurification of subjectivities, which ended up giving rise to debates about discursive formations around of the imperatives of being,

²⁰ Doutoranda em Estudos de Linguagem (PPGEL-UNEB). Mestra em Estudos de Linguagem (PPGEL-UNEB). Especialista em Gênero e Sexualidade na Educação (UFBA). Especialista em Educação a Distância (UNEB/UAB). Especialista em Didática para o Ensino Superior (UNIBAHIA). Especialista em Educação Especial/Deficiência Visual (UNEB). Bacharel em Comunicação Social (UNIFACS). Licenciada em Letras (UFBA). Tutora do Curso de Especialização em Produção de Mídias para a EaD (UFBA). Professora de Língua Portuguesa e Produção de textos. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4041966416543966>. E-mail: lispiment@hotmail.com

knowledge and power in a hetero-normative society. Thus, this article aims to analyze how the concept of masculinity intersects with that of compulsory virility in enunciative markings of being a man in the face of the agency of dissident corporeities, taking Foucault's and Bourdieu's postulates as a theoretical contribution. To this end, a review of the literature in recent years is carried out, materialized by a bibliographical research, of a qualitative nature. Results: the argument of hegemony and a gender hierarchy are still the main coefficients of a pseudojustification of the imperatives of masculinity on the most different bodies. It is concluded that the dissident subjectivities are marked by an alleged hegemonic masculinity, which is grounded and symbolically legitimized by discursivities that are inscribed in an excluding heteronorm.

Keywords: Discursiveness. Masculinities. Subjectivities.

1 Introdução

Um dia / Vivi a ilusão de que ser homem bastaria / Que o mundo masculino tudo me daria/ Do que eu quisesses ter. Que nada / Minha porção mulher, que até então se resguardara / É a porção melhor que trago em mim agora/ É que me faz viver. Quem dera/ Pudesse todo homem compreender, oh, mãe, quem dera/ Ser o verão o apogeu da primavera / E só por ela ser. Quem sabe/ O Super-homem venha nos restituir a glória / Mudando como um deus o curso da história / Por causa da mulher. (Gilberto Gil, 2015).

Essa canção de Gilberto Gil traz reflexões sobre o ser, o estar, o devir de um 'Super-homem' em crise (suposições acerca de uma masculinidade hegemônica); muitos são os percursos por que perpassam as pautas das generificações. Os debates sobre as performatividades de gênero têm-se arvorado por diferentes campos acadêmicos, encetando estudos sobre a ordem das subjetividades, das masculinidades, das autorizações, das legitimações, dos silenciamentos. Na cena dos processos de subjetivação, acionado a análise de discurso de Foucault, pode-se afirmar que a construção da 'masculinidade' perpassa por discursividades erigidas a partir das diferenças e de uma hierarquia de gênero delineada à tímica dos privilégios do masculino em detrimento da equidade de gênero em dada conjuntura social.

Ao dar ênfase às relações sociais entre os sexos, o conceito de gênero possibilita um traçado de desigualdades entre homens e mulheres, o que acaba delineando as relações de poder em diferentes corpos sociais (Farah, 2004). Da esfera pública à privada, as relações de dominação e de subordinação se costuram a um jogo de autorizações e de

legitimações à tímica dos privilégios aos homens e das abnegações às demais corporeidades.

O objeto de estudo aqui é a relação dos efeitos de sentido dos imperativos de uma masculinidade hegemônica no processo de produção de subjetividades que se inscrevem na dissidência de gênero. Nesse sentido, percebe-se que outras corporeidades para além do masculino, sobretudo as dissidentes, deliberadamente, são atravessadas por imperativos de uma masculinidade que se pressupõe hegemônica na medida em que encontram ecos consonantes e dissonantes nas áreas de conhecimento que lhe conferem ou lhe destituem legitimidade.

Em se falando de hegemonia, difícil costurar esse conceito ao da masculinidade, dada à pluralidade de características que, ao longo dos séculos, pôde-se flagrar e às relações de domínios e de influências que circunscrevem esse tema. Em vista disso, o presente artigo objetiva analisar como o conceito de masculinidade se intersecciona ao de virilidade compulsória em marcações enunciativas do ser homem frente à agência de corporeidades dissidentes.

Para tanto, construiu-se um percurso de análise do discurso a partir dos estudos de Michel Foucault sobre o processo de subjetivação, os regimes de verdade e a produção de saberes, em um exercício etnográfico cunhado pelo método arqueológico e genealógico desse teórico. Da revisão literária acerca dos Estudos de gênero e dos Estudos Queer, desenvolve-se uma pesquisa bibliográfica sobre os conceitos de masculinidade e de virilidade enquanto elementos de constituição de subjetividades, essencialmente por práticas discursivas.

2 Das Subjetividades e das Discursividades: esculpindo o “macho viril” pretensamente hegemônico

De início, uma narrativa de diferenciação entre os sexos resvala-se na fisiologia e na anatomia, estipulando um referencial de superioridade que se baliza pelo império do falo e se engendra por uma hierarquia entre corpos, alocando as subjetividades em um estado contínuo de antagonismo e abjeção (Miranda; Schimanski, 2014; Muniz Jr; Barbalho, 2020). No entalhamento “do macho”, são cravejadas características de reconhecimento e ritos de moldagem, dentre as quais está a virilidade, que ocupa lugar

de destaque na prateleira de atributos que tanto valorizam quanto objetificam corpos em um ponto de intersecção com a performatividade sexual.

Diferentemente do sujeito (simulacro discursivo sustentado pelas relações de poder-saber), para Foucault, o corpo preexiste como superfície, que sofre ações historicamente fundamentadas e elaboradas em tecnologias distintas e que funciona como uma espécie de cabedal para os processos de subjetivação. Assim, o corpo, a partir do século XVIII, passou a ser visto como uma:

[...] uma superfície que se mantém ao longo da história. Sintetizando, pode-se dizer que, para Foucault, o corpo é um ente, composto por carne, ossos, órgãos e membros, isto é, matéria, literalmente um lócus físico e concreto. Essa matéria física não é inerte, sem vida, mas sim uma superfície moldável, transformável, remodelável por técnicas disciplinares [...] que sofre a ação das relações de poder que compõem tecnologias políticas específicas e históricas (Mendes, 2006, p. 168).

Em face de uma normatividade, diga-se, de uma heteronormatividade, promove-se um processo disciplinador que paulatinamente inflige às corporeidades uma ordem naturalizadora de comportamentos, de formas de se vestir, de falar, de andar, de estar, logo de ser. Uma vez controlado, docilizado, operacionalizado, manipulado; o corpo – sujeito – se manifesta útil, funcional; lógica essa que se pauta na ideia de que as subjetividades podem ser treinadas para atuar em prol de um propósito, desde que devida, coercitiva e hierarquicamente vigiadas, salienta Foucault (2004).

A sujeição é literalmente a feitura de um sujeito, o princípio de regulação segundo o qual um sujeito é formulado ou produzido. Essa sujeição é um tipo de poder que não só unilateralmente age sobre determinado indivíduo como forma de dominação, mas também ativa ou forma o sujeito (Butler, 2018, p. 90).

A esse respeito – da virilidade –, Bourdieu (2003) assinala que esse atributo se constitui em uma relação forjada entre os homens e aversa à feminilidade. Na ordem social, de forma arbitrária, engendra-se uma realidade sexuada, paulatinamente, tecida por princípios, por ideais, por diferenciações que dotam o masculino de domínios não compartilhados por outros corpos. Em uma trama sexualizante, “forças simbólicas” roteirizam e institucionalizam os modos de ser, de estar, de fazer, de viver; uma divisão de papéis, de tarefas, de acessos é planeada ideologicamente em favor dos homens – na família, na escola, na igreja, na academia, no mercado de trabalho.

[...] força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de pré-disposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos. (Bourdieu, 2003, p. 50).

Sobre essa base simbólica, amainam-se as definições de papéis de gênero: aos homens, são destinados os espaços públicos, o poder, a liberdade, a soberania; às mulheres, reservaram-se a subserviência, o cuidado, a obediência, o espaço privado. Essas cercanias ideológicas, territoriais e filosóficas que vêm-se perdurando por séculos condicionam os corpos a comportamentos e a formas de pensar a partir de papéis histórica e socioculturalmente alijados à supremacia masculina.

[...] princípio da inferioridade e da exclusão das mulheres, que o sistema mítico-ritual ratifica e amplia, a ponto de fazer dele o princípio de divisão de todo o universo, não é mais que a dissimetria fundamental, a do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento, instaurada entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capital simbólico, cujo dispositivo central é o mercado matrimonial, que está na base de toda a ordem social: as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor, como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens. (Bourdieu, 2003, p. 55).

Há de se destacar que os homens de um modo geral, independentemente de sua orientação sexual, no que tange à performatividade, também têm as suas masculinidades afetadas no processo de construção social de gênero.

O ato de *esculpir* vem do latim *sculpere* ^(1a), lavrar figuras, cinzelar ornamentos em materiais duros; assim, esculpir um “macho viril” resvale-se em um devir, em um tornar-se que ascende o debate sobre as narrativas de naturalização de subjetividades. Isso posto, como assinala Da Silva (2000, p. 13), na contemporaneidade, “[...] é simplesmente impossível conceber uma hegemonia frente às nossas identidades, porque elas não são fixas, imutáveis, pelo contrário, elas estão constantemente sofrendo mudanças [...]”.

Ainda assim, por meio da operacionalização de ideias, valores, hábitos, uma hegemonia pode ascender-se e sustentar-se tanto pela força quanto pela simbologia, e as instituições responsáveis por promover essa normatização atuam de maneira organizada e engenhosa – igrejas, escolas, família, Justiça. (Connell; Messerschmidt, 2013).

Nesse contexto, muitos discursos são evocados em vista de uma sistemática fundamentação dos estados de ser operacionalizada por regimes de verdade que promovem nos sujeitos efeitos de constrangimento, embora já se perceba um movimento

de libertação na ordem de produção das subjetividades. Os tipos de discurso que dada conjuntura social abarca e torna funcionais e verdadeiros, ao passo que sancionam e diferenciam determinados enunciados, lançam mão de mecanismos e procedimentos que desqualificam outros. (Foucault, 1977).

Firma-se uma ideia de verdade que subjaz a escolha, porquanto se impõe como norma de conduta e submete o sujeito a discerni-la, absorvê-la enquanto único regramento do existir. Contudo, por meio dessa ideologia também subsiste a possibilidade de subvertê-la pela ordem da transgressão, no movimento de enfrentamento à dominação do regime contemporâneo da verdade (Lorenzini, 2016).

O discurso constrói o conhecimento, regulando-o por meio da produção de categorias e conjuntos de textos, sobretudo por autorizações e/ou proibições, por regularidades e dispersões. Assim o são os discursos científicos no processo de naturalização das diferenças de gênero, das identidades masculinas e femininas, devidamente costuradas a significados, a interpretações de modos de ser, de agir, de pensar.

[...] quando os gêneros são narrados, descritos cientificamente, por meio da linguagem, temos, aí, uma “realidade” biológica sendo produzida *discursivamente* e não apenas um relato do que é. O discurso está, portanto, instituindo a existência de masculinidade e de feminilidades e narrando como devem ser interpretadas essas características. (Freitas; Chaves, 2013, p. 132)

Por entre narrativas e discursos, é no ato de produzir subjetividades que as masculinidades e as feminilidades são talhadas em um intenso jogo de poder e de saber, devidamente operacionalizado por mecanismos de controle, de vigilância. E, como assinala Foucault (2008), os discursos constituem-se um conjunto de regras da prática discursiva, forjada sob condições que propiciam sua existência e que são dadas em arenas de desigualdades, em que o discurso é atravessado pelo poder (Freitas; Chaves, 2013).

Importa dizer que tais desigualdades não se restringem ao binômio homem-mulher, mas entre homens e entre mulheres, porquanto subsistem engendros de categorização de performatividades que estabelecem superioridades e inferioridades com base em um referencial de masculinidade. Nessas operações de poder, masculinidades contra hegemônicas e dissidentes manifestam-se por subjetividades disruptivas, fragmentando a pretensa singularidade de uma masculinidade hegemônica. (Connell; Messerschmidt, 2013).

Poder que, segundo definição de Foucault (2006), é uma ação sobre outra ação possível, que se estabelece numa relação entre os indivíduos. Nesse sentido, trata-se de domínios que regulam condutas, atitudes, gestos e modos de pensar, valendo-se de uma pretensa hierarquia de gênero, e que por essa se articulam estereótipos e preconceitos em relação à dissidência. Tomando-se como exemplo o movimento de liberação gay, por exemplo, na altura da década de 1970, a opressão que homens heterossexuais perpetravam sobre os homens homossexuais já ascendia as discussões acerca de uma hierarquia das masculinidades (Altman, 1972; Connell; Messerschmidt, 2013).

O masculino estrutura-se por meio de uma visualidade hierarquizada das relações antagônicas entre homem e mulher, perpassada por códigos de virilidade que separam qualidades de quem as possui e de quem não as detêm. O processo de subjetivação que Foucault descreve alinha-se a uma dinâmica tanto criativa quanto reativa à sujeição, porquanto, ao mesmo tempo em que se enceta uma contra-conduta, entabulam-se novas subjetividades (Butler, 2009).

Tomando-se o patriarcalismo como referencial normativo de um sem-número de sociedades, pode-se afirmar que a masculinidade que se presume hegemônica ocupa lugar de destaque por entre os mecanismos de produção, de reprodução e de reforço dessa soberania, a exemplo dos meios midiáticos que delineiam os modelos tanto de masculinidade quanto de feminilidade. No entanto, há de se evidenciar que a masculinidade não se constitui somente em uma concepção cultural de um elemento natural, trata-se de um *continuum* de vigilância sobre a manutenção de um *status quo* masculino (Rios, 2020).

No percurso de interposição de um padrão, emergem novas produções no que tange às cercanias identitárias e/ou subjetivas, as quais põem em xeque o modelo do macho viril (Kohn, 2014), ascendendo as sensibilidades e as singularidades de homens no caminho do enfrentamento a uma conduta prescrita pelo patriarcado. Entre discursividades que enredam as singularidades em um corpo social, as masculinidades convergem e divergem no processo de construção das subjetividades, expandindo o rol de possibilidades de ser. (Gama, 2016).

3 Considerações finais

Na intersecção das leituras aqui realizada, foram retomados debates sobre a sexualidade enquanto dispositivo discursivo de poder e sobre identidades e diferenças no

processo discursivo de construção de masculinidades. A partir dos postulados de Foucault e de Bourdieu, foi possível perceber o funcionamento dos movimentos de padronização de subjetividades que abalizam o corpo social, sobretudo na operacionalização de instrumentos disciplinares de domesticação do comportamento humano, e que institui segregações e categorizações de corporeidades à tímica da normalidade/anormalidade.

Por entender que a experiência de si se constrói a partir das variações singulares em uma subjetividade em intensa e intermitente reinvenção (invenção de si com e através do outro), ou seja, o sujeito é um eterno devir; importante é compreendê-lo enquanto composto de variações que se circunscreve ontológica e contingencialmente em modos peculiares de ser, de saber e de poder.

No que tange à dissidência de gênero, pontua-se que tal contingência se perfaz em reexistências (como prática da liberdade), na constituição de alteridades, na transgressão aos ditos e aos não-ditos do outro, nas relações do devir, em detrimento do ser e do não ser. Das prescrições aos regramentos, operam-se pretensas naturalizações do “ser homem” por discursos inquisitórios que, na esteira da catequização, prescrevem os ritos de masculinidade que, na ignorância de uma perseguida universalidade, tentam sistematicamente suplantar a pluralidade e, historicamente, esquematizar a performance do “homem viril”.

No tocante à epítome do devir masculino, ao qual se engendram os sistemas patriarcal e ‘viriarcal’, o discurso, na regulação das categorias de conhecimento e das autorizações, promove cerceamentos, apagamentos e silenciamentos, mormente pela corroboração de performatividades filiadas à ideologia da dominação masculina.

Entre ‘Seja homem!’, ‘Anda como homem!’, ‘Vira homem de verdade!’, são encenadas performances do ser, do agir e do devir na seara de imperativos de masculinidade, que transitam pelos ritos, pelos mitos, pelos estereótipos através do tempo e das sociedades, forjando cicatrizes, enterrando subjetividades ao passo que também acabam incitando os movimentos de resistências, tanto no terreno da dissidência de gênero quanto no da homoafetividade.

Dessarte, a hegemonia e a hierarquia de gênero constituem-se coeficientes fundamentais de uma pseudojustificação dos imperativos de masculinidade sobre os mais diferentes corpos. Conclui-se que as subjetividades dissidentes são marcadas por uma pretensa masculinidade hegemônica, que se alicerça e se legitima simbolicamente por discursividades que se inscrevem em uma heteronorma excludente.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Millet, v. 2, Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1949.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2003.
- BUTLER, Judith. Critique, Dissent, Disciplinarity. **Critical Inquiry**, v. 35, p. 773-795, 2009.
- BUTLER, J. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan.-abr. 2013.
- FARAH, M. Gênero e políticas públicas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 360, jan-abr., 2004.
- FOUCAULT, Michel. The Political Function of the Intellectual. **Radical Philosophy**, v. 17, p. 12-14, 1977.
- GAMA, Juliana F. A. “Né Homem Não?” – **Retratos Das Masculinidades**: entre as singularidades e a hegemonia. 2016. 132f. Dissertação (mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- LORENZINI, Daniele. “Foucault, Regimes of Truth and the Making of the Subject.” In: CREMONESI, Laura et. al. (eds.). **Foucault and the Making of Subjects**. London: Rowman & Littlefield, 2016, p. 63-75. [N. T.].
- MIRANDA, T. L.; SCHIMANSKI, E. Relações de gênero: algumas considerações conceituais. In: FERREIRA, A. J., (org.). **Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade**: perspectivas contemporâneas [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, p. 66-91, 2014.
- MUNIZ JR, José de S.; BARBALHO, Alexandra A. Entre a diversidade e o antagonismo práticas articulatórias da discursividade LGBT no Ministério da Cultura. **RBCS**, v. 35, n. 102, p. 1-18, 2020: e3510209.
- PIRES, Anderson M.; ROCHA, Weslwy H. A. da (org.). **Gênero e sexualidade: [Recurso eletrônico]**: resistências dissidentes na contemporaneidade. Catu: Bordô-Grená, 2021.
- RIOS, Pedro P S. Práticas pedagógicas e a construção de masculinidades/ homossexualidades na escola. In: SILVA, Ana Lúcia G. da; SILVA, Jerônimo J. C.; AMAR, Victor (org.). **Interseccionalidades em pauta**: gênero, raça, sexualidade e classe social. Salvador: EDUFBA, 2020. pp. 357-383.

Capítulo 8
DRUMMOND E O DESENCANTO DO MUNDO
Walisson Oliveira Santos



DRUMMOND E O DESENCANTO DO MUNDO

Walisson Oliveira Santos

Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Graduado em Letras – Português pela Universidade de Uberaba (Uniube).

Graduado em Jornalismo pelo Centro Universitário Funorte (UniFunorte).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9069843949718102>.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3907-4763>.

E-mail: prof.walissonoliveira@gmail.com.

RESUMO

Este trabalho se propõe a uma reflexão sobre o desencanto do mundo na poesia de Carlos Drummond de Andrade, a partir da visão de um eu poético todo retorcido, presente em três poemas de sua *Antologia poética* (1970): “Não se mate”, “Mãos dadas” e “Cantiga de enganar”. Para tanto, partiu-se de uma apresentação sobre o tema do desencanto do mundo, focando na seleção e na interpretação de seus poemas. A metodologia utilizada baseia-se na revisão de literatura, temática e comparativa. Já a análise dos três poemas foi fundamentada na perspectiva do ser-no-mundo, de Heidegger (2003). Ao analisar os poemas, verifica-se que “Não se mate” expõe ironia e uma visão cética do amor, questionando fantasias românticas e sugerindo uma abordagem mais pragmática das relações interpessoais. Já “Mãos dadas” transmite uma preocupação social do eu e do poeta, entrelaçando questões individuais com reflexões sobre a realidade coletiva e o presente histórico. Por fim, em “Cantiga de enganar”, emerge uma tonalidade melancólica, em que o sujeito poético parece enxergar o mundo como algo incompreensível e sem sentido, revelando um desencanto profundo e existencial. A partir da análise, vislumbra-se uma teia complexa da temática do desencanto do mundo na obra do poeta itabirano, oferecendo nuances de contextos históricos e sentimentos, cada um proporcionando uma perspectiva singular sobre a visão do eu poético em relação à vida, ao amor e à existência.

Palavras-chave: Desencanto; Eu poético; Mundo; Carlos Drummond de Andrade.

ABSTRACT

This work proposes a reflection on the disenchantment of the world in the poetry of Carlos Drummond de Andrade, from the vision of a twisted

poetic self, present in three poems from his *Antologia poética* (1970): “Não se mate”, “Mãos dadas” and “Cantiga de enganar”. To this end, we started with a presentation on the theme of disenchantment in the world, focusing on the selection and interpretation of his poems. The methodology used is based on a literature review, thematic and comparative. The analysis of the three poems was based on the perspective of being-in-the-world, by Heidegger (2003). When analyzing the poems, it appears that “Não se mate” exposes irony and a skeptical view of love, questioning romantic fantasies and suggesting a more pragmatic approach to interpersonal relationships. “Mãos dadas” conveys a social concern of the self and the poet, intertwining individual issues with reflections on the collective reality and the historical present. Finally, in “Cantiga de enganar”, a melancholic tone emerges, in which the poetic subject seems to see the world as something incomprehensible and meaningless, revealing a deep and existential disenchantment. From the analysis, a complex web of the theme of disenchantment of the world is glimpsed in the work of the poet from Itabira, offering nuances of historical contexts and feelings, each one providing a unique perspective on the vision of the poetic self in relation to life, love and existence.

Keywords: Disenchantment; I poetic; World; Carlos Drummond de Andrade.

INTRODUÇÃO

Em 1962, a pedido da editora Sabiá, Carlos Drummond de Andrade organizou, ele mesmo, uma antologia de seus poemas. Na nota introdutória, ele aborda o critério utilizado para sua seleção, enfatizando que não escolheu os poemas baseando-se apenas na qualidade, mas sim “cuidou antes de localizar, na obra publicada, certas características, preocupações e tendências que a condicionam e a definem, no conjunto” (Andrade, 1970, p. 6). Ele indica que nessa antologia o leitor encontraria como ponto de partida ou características principais de sua poesia: o indivíduo, a terra natal, a família, os amigos, o embate social, o conhecimento amoroso, a própria essência da poesia, além de exercícios lúdicos e uma visão da existência.

A investigação se propõe a analisar como esse tema se manifesta em três poemas específicos, examinando a visão do eu poético nessas obras e como elas refletem o contexto histórico e existencial do autor. Os poemas estudados apresentam diferentes nuances do desencanto: enquanto “Não se mate” expõe ironia e ceticismo em relação ao amor, “Mãos dadas” traz uma certa preocupação social entrelaçada com reflexões individuais e coletivas, e “Cantiga de enganar” revela um tom melancólico, sugerindo um mundo desprovido de sentido.

A metodologia adotada neste estudo envolve uma abordagem que se apoia na revisão de literatura, explorando diferentes temáticas e realizando comparações relevantes. No âmbito específico da análise, foi aplicada uma base teórica fundamentada na perspectiva do ser-no-mundo, conceito de Heidegger (2003).

Apesar de o poeta de Itabira não atribuir a esses temas nenhum propósito teórico ou explicativo do seu processo poético, a definição desses elementos auxilia na percepção da amplitude das reflexões e temas que compõem a sua poética. Essa abordagem, despida de intenção analítica, vista, no fundo, parece permitir que o leitor descubra, por conta própria, a significância dos poemas a partir de sua própria sensibilidade e experiência de mundo.

Esta é uma postura sábia, característica de um grande poeta como ele, considerando que, como se diz, “o poema diz o que o poema diz”. Daí se conclui que a maneira possível de compreender o que o poema expressa é recitá-lo em voz alta, como ressalta Bosi (2010).

Apesar disso, buscar-se-á, sem a intenção de comentar em nome do poeta, acrescentar elementos que possam permitir ao leitor/ouvinte captar outros significados subjacentes no tecer poético drummondiano. São considerações que, por assim dizer, se situam fora dos próprios poemas, mas que podem auxiliar em uma leitura diferenciada.

O DESENCANTO DO MUNDO

Nota-se uma evolução na poesia de Drummond ao longo dos anos, de acordo com os estudos de Arrigucci Jr. (2002) e Gledson (1981), e essa evolução parece influenciar a seleção dos poemas e a maneira como ele aborda a matéria poética. Parece haver uma diferença na postura do poeta entre o seu livro de estreia, *Alguma poesia* (1930), e *Brejo das almas* (1934), quando comparados ao subsequente, *Sentimento do mundo* (1940).

Nos primeiros livros, há uma ironia em relação ao amor e à própria visão do mundo na poesia, como se pode perceber no poema “Não se mate”:

Carlos, sossegue, o amor
é isso que você está vendo:
hoje beija, amanhã não beija,
depois de amanhã é domingo
5 e segunda-feira ninguém sabe
o que será.

Inútil você resistir
ou mesmo suicidar-se.
Não se mate, oh não se mate,
10 reserve-se todo para
as bodas que ninguém sabe
quando virão,
se é que virão.

O amor, Carlos, você telúrico,
15 a noite passou em você,
e os recalques se sublimando,
lá dentro um barulho inefável,
rezas,
vitrolas,
20 santos que se persignam,
anúncios do melhor sabão,
barulho que ninguém sabe
de quê, praquê.

Entretanto você caminha
25 melancólico e vertical.
Você é a palmeira, você é o grito
que ninguém ouviu no teatro
e as luzes todas se apagam.
O amor no escuro, não, no claro,
30 é sempre triste, meu filho, Carlos,
mas não diga nada a ninguém,
ninguém sabe nem saberá.
(Andrade, 1970, p. 156).

O “Carlos” aqui é o destinatário a que o eu poético se dirige, semelhante ao eu que se anuncia no “Poema de sete faces”, que abre os livros *Alguma poesia* e *Antologia poética*. Há uma certa proximidade entre o poeta e a voz que se expressa, o eu poético²¹, como se refletisse e buscasse aconselhar a si mesmo, tentando encontrar tranquilidade e consolo. Percebe-se que o poeta se torna mais humano ao tentar capturar um sentimento universal, experimentado por todos em algum momento da vida: as decepções amorosas.

Ao pensarmos a noção de ser-no-mundo, a ideia que existimos em um todo temporal e situacional, na primeira estrofe, a incerteza e a transitoriedade do amor são destacadas. O amor é tido pelo eu poético como algo tipicamente efêmero (e universalista) – que chama o “Carlos” para sentar-se na montanha russa da *presença* –, sujeito a mudanças constantes, e refletindo, também, a natureza da existência humana, que está

²¹ Parte-se das considerações de Christoph Schamm (2007) *apud* Dieter Burdoff (1997), no artigo “Alemanha, há cem anos: nascimento e morte do eu lírico”, no qual o autor considera a ruptura entre o autor e o eu lírico.

sempre em fluxo: “hoje beija, amanhã não beija”. Quer dizer: hoje respira, amanhã não respira.

Do tempo enquanto conceito de Heidegger (2003) ao tempo presente no tecer poético de Drummond, os versos 1 e 2 surgem como um convite para que o Carlos aceite o amor, ou o que se espera que seja o amor, a partir da visão do eu poético, em seu estado atual, sem tentar voltar ao passado, prever ou controlar seu curso. Assim, o eu alinha-se à noção heideggeriana de viver autenticamente, adotando a realidade tal como se apresenta. Todavia, essa percepção traz consigo a compreensão de que a autenticidade também é efêmera.

O verso 3 é enigmático e, simultaneamente, simbólico. Há um sentimento de afresco: uma pintura sobre o revestimento ainda fresco do tecido poético, em argamassa de letras, com pigmentos diluídos em suor que penetram e se fundem a ele. Como na pintura “A criação de Adão”, de Michelangelo, ou, o beijo interligando histórias infantis – como no conto “Branca de neve e os sete anões” –, os lábios um dia se tocam, com um pequeno-grande espaço entre si, deixando de se beijar no momento seguinte – o amanhã –, realçando o vazio no verbo que não permite nenhuma distração para o olhar de quem lê/ouve.

A referência do eu ao domingo e à segunda-feira também pode ser analisada à luz da temporalidade heideggeriana. O domingo, por exemplo, é representado de maneiras diversas, muitas vezes refletindo a atmosfera cultural e social de determinada época: um dia sagrado, associado à observância religiosa, como o dia de descanso na tradição cristã; um dia de lazer e descanso; um dia de incertezas e/ou expectativas para o amanhã (segunda-feira); ou, até mesmo, um dia melancólico, associado à solidão ou à introspecção. Já no dia seguinte, paira a incerteza se realmente haverá a segunda-feira, o desconhecido que se camufla nas entrelinhas do tempo e dos segundos do dia anterior. Tudo pode mudar entre o tempo de domingo e o de segunda-feira. Joaquim pode ter se suicidado²², os ombros podem suportar o peso do mundo²³, José pode estar perdido na cidade grande²⁴, uma flor pode nascer na rua²⁵ – e, no mesmo tempo em que esta nascera na rua, morrer pelo beijo da sola do sapato de um passante, isto é, a da imprevisibilidade

²² Faz-se referência ao poema “Quadrilha”, presente em *Alguma poesia*.

²³ Faz-se referência ao poema “Os ombros suportam o mundo”, presente em *Sentimento do mundo*.

²⁴ Faz-se referência ao poema “José”, presente em *José*.

²⁵ Faz-se referência ao poema “A flor e a náusea”, presente em *A rosa do povo*.

da existência humana, em que cada dia traz consigo (im)previsibilidades e desafios (des)conhecidos. (Andrade, 2015).

“Não se mate” reflete traços de um “eu todo retorcido”²⁶, ou seja, a “situação ambígua do eu, a preocupação melodramática do suicídio, o amor como rito sem sentido em que todos nós tomamos parte, a confusão dos mundos interior e exterior” (Gledson, 1981, p. 105). Em outros termos, expressa-se uma filosofia que se ajusta aos momentos cotidianos da segunda-feira: “[...] ninguém sabe/ o que será”. E o que há de ser, se é que alguém saberá o que pouco se sabe, como a incerteza da vida e a certeza da morte, é a desilusão diante da ambiguidade e da inevitabilidade do tempo.

Aliado à certeza inquestionável da morte, a ideia de um beijo no futuro e de um beijo no passado, a voz poética gera um estado de desencanto e resignação no presente de “Carlos”, sobretudo diante da inexorável condição humana de sempre (e sempre) marchar para o futuro até o momento de retorno a ser pó de estrela²⁷. Ou o domingo, considerado o primeiro dia da semana, remete ao relato do livro de Gênesis, no Antigo Testamento, no qual é narrado que no primeiro dia da criação, Deus proferiu as palavras “Haja luz”, e imediatamente houve luz. Ele denominou a luz como dia e as trevas como noite. O eu poético lembra a Carlos da incerteza do futuro e da origem humana, seja ela do pó de estrela ou do pó do barro, uma vez que o ser-no-mundo não sabe o que será ao evocar-se como ser-no-mundo, independentemente de suas origens cósmicas ou terrenas. A única certeza é o que se vê e nada vê, os “:”.

Com o coração partido, o eu recorda que o amor, bem como a sua própria presença no mundo, é imprevisível, transitório e saturado de incertezas: “hoje beija, amanhã não beija”. Ele reconhece que não há como escapar dessas circunstâncias, nem mesmo através do anseio pela morte, como descrito por Nunes (2000). Assim, cria-se certa reflexão sobre a natureza efêmera do amor e da vida, destacando a impossibilidade de fugir de ambas as realidades.

Nas duas primeiras estrofes, é exposta uma perspectiva da vida como um ciclo vazio, em que as respostas reais – simbolizadas pelas “bodas” – são apenas hipóteses: um amor estável, mútuo. Para avançar, o eu poético precisa crer num desfecho, especialmente

²⁶ No poema “Poema de sete faces”, o eu é abordado sob diversas perspectivas. A divisão do eu em sete “faces” representa partes individuais e componentes do eu poético que se manifesta. Drummond denomina essa figuração como “um eu todo retorcido”, em sua *Antologia poética* (1970).

²⁷ A esse respeito ver o livro *Somos poeira de estrelas*, de Anna Maria Freire Endler (2023), que tece comentários sobre o Universo e a origem da vida. A autora também se baseia nos estudos de Carl Sagan (1934-1996), que há muito tempo afirmava: os humanos são feitos de poeira de estrela.

poético, feliz, mesmo que tal desfecho nunca se concretize. Na terceira estrofe, as coisas se tornam mais complexas: a voz poética delimita a separação entre o interno e o externo do eu, porém, ao fazê-lo, mistura os dois mundos. No verso 15, por exemplo, a escolha da preposição parece peculiar, uma vez que “sobre” ou “por” pareceriam mais usuais, o que ajudaria a distinguir se o evento foi subjetivo ou objetivo: fica claro que a ambiguidade é proposital.

Do mesmo modo, os objetos que estão “dentro” parecem residir no inconsciente, mas, na verdade, provêm de fora, de um mundo a partir do qual o poeta irônico-sarcasticamente mescla religião e produtos de consumo. No terceiro verso da terceira estrofe, segundo a leitura de Gledson, o eu “lança mão de um termo freudiano, mas no momento de fazê-lo, critica a visão freudiana da psique” (Gledson, 1981, p. 107). Nesse processo descrito pelo crítico, cada distorção substitui a outra, e a verdade se perde em um jogo de disfarces sem fim.

A palavra “telúrico” parece deslocada, tanto no sentido quanto no tom, mas remete a um eu mais primordial, em contraposição ao caos iminente. Ao passarmos para a última estrofe, a linguagem torna-se mais áspera e enigmática, como a esfinge. Isso ocorre, assim como nos versos anteriores, devido ao efeito das escolhas de adjetivos e substantivos. Por exemplo, a expressão “Melancólico e vertical” une estados emocional e físico. A melancolia sugere uma crítica ou sátira ao poeta; já a verticalidade, possivelmente, indica que o poeta “está aí, ainda de pé” (Gledson, 1981, p. 107), isto é, ainda *presente* no tecer do poema.

John Gledson destaca que a imagem da “Palmeira”, claramente associada à “vertical”, intensifica o físico, mas os “dois parecem indicar a busca de uma linha reta, por assim dizer, no meio das distorções. ‘O grito que ninguém ouviu no teatro’, que lembra os gritos que sobem em *Alguma poesia*, dá a mesma impressão” (Gledson, 1981, p. 107). Nesse ponto, o termo “ninguém” atua como uma espécie de refrão oculto, que se repete no encerramento de cada estrofe, culminando no último verso – “ninguém sabe nem saberá” –, adquirindo um significado mais abrangente e conclusivo.

A falta de sentido da vida descrita pelo eu poético torna-se um enigma a ser decifrado, pois, se não fosse assim, a existência talvez se tornasse impossível. Ao nos depararmos com um dos limites do desencanto de mundo em *Brejo das almas*, especialmente a partir da perspectiva do eu poético, a natureza humana torna a única verdade – a morte – suportável, tornando assim necessário o encanto.

Apesar de todo o desencanto em relação ao mundo, ao amor ou à vida, o poema transmite um lampejo de esperança, uma centelha que o eu poético alimenta para seguir adiante – algo que ecoa nos poemas em *Alguma poesia*. Embora seja sua maior angústia e pareça ser sua maior perdição, o amor também se apresenta como o último refúgio, no qual é crucial manter a fé, com suas “rezas,/ vitrolas,/ santos que se persignam”, para que assim “Não se mate” após ir ao “reino das palavras”²⁸ e retornar com o que lá pôde vislumbrar.

O POETA DE UM MUNDO CADUCO

A perspectiva do poeta itabirano começa a transformar-se em *Sentimento do mundo*, quando emerge a preocupação social que será uma marca de sua poesia até por volta de 1945, período que abrange os livros *José* (1941-42) e *Rosa do povo* (1943-45).

O tema político não domina todos os poemas dessa fase – afinal, antes de tudo, ele era um poeta, alguém intrigado com o enigma da existência, da vida. Porém, nessa época, a questão social é presente em suas reflexões. Poemas como “Mãos dadas” exemplificam esse comprometimento, que o levou inclusive a contribuir para o jornal do partido comunista:

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
5 Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
10 não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, do tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

No início do poema “Mãos dadas”, o eu poético enfatiza a importância de caminhar de mãos dadas. Estas podem ser lidas como uma releitura utópica da pintura de Michelangelo, na qual não apenas os dedos indicadores se tocam, mas todos os dez dedos

²⁸ Faz-se referência ao poema “Procura da poesia”, em *A rosa do povo*.

se entrelaçam. Essa representação evoca a ausência, mas também a completude, a perfeição e a totalidade. Trata-se de uma dualidade entre o divino e o humano.

O mundo emergia de uma experiência da Primeira Guerra Mundial e adentrava em outra, ainda mais merecedora do título de “mundial”: o fortalecimento de um capitalismo desenfreado que alimentava o individualismo, a instabilidade global, o medo, o desencanto, a fome e a desconfiança contribuíram para a proliferação de atitudes firmes em emoções superficiais.

Neste poema, o eu também compartilha a experiência do ser-no-mundo do poeta. Este, à sua maneira, reafirma sua consciência da presença dos outros homens, seus companheiros. É com eles que ele se sente em comunhão, uma união simbolizada pelo gesto de caminhar de mãos dadas, deixando para trás temas pessoais como uma mulher, uma história ou a paisagem que se avista pela janela. Ele não busca mais refúgio na solidão, pois seu foco está no tempo presente em que está imerso e nas pessoas que o rodeiam.

O eu conhece as dores de outros eus, mas não aceita uma postura romântica baseada na fuga e nos devaneios. Sua poesia está enraizada no tempo presente. Mesmo diante de uma realidade adversa, é um chamado à resistência contra posturas sentimentais ou ingênuas. A esperança surge como um elemento novo na paisagem de destroços; assim, mesmo com a cabeça baixa, os homens “nutrem grandes esperanças”. A realidade é a grande página que se apresenta ao eu poético. Ele opta por vivê-la, mesmo que amarga, e esse é o exemplo que ele oferece aos demais. O poema, guiado pela renúncia a atitudes românticas, se estabelece como uma espécie de declaração de crença, tendo como centro o tempo.

“Mãos dadas” se ergue sobre uma dualidade entre “intenção-rejeição”. As negações de intenção por parte do eu poético adquirem quase o peso de uma completa rejeição. Expressões como “Não serei o poeta de um mundo caduco”, “o mundo futuro” ou “a paisagem-gema vista da janela” não deixam dúvidas sobre o alvo dessa crítica velada. Por isso, a lacônica afirmação “Estou preso à vida”, carrega consigo múltiplas sugestões. A imagem de estar entrelaçado na vida é uma constante em sua poesia, como quando menciona estar “preso à minha aula e um pouco de roupas”. Essa imagem de aprisionamento é intensamente existencial em sua obra. Drummond representa o homem moderno condenado à existência, incumbido não apenas de cumprir sua pena, mas também de buscar o “outro”.

A evidência de que a poesia de Drummond não se limitou a uma única temática é clara em vários poemas desse período, sobretudo em uma obra: “Viagem na família”. Pode-se afirmar que, na obra de Drummond, com exceção de alguns poucos poemas, a posição ideológica nunca dominou sobre as questões existenciais, filosóficas ou estéticas que são o âmago de sua criação. Mesmo em *Rosa do povo*, escrito durante seu envolvimento com questões políticas e ideológicas, a maior parte dos poemas é motivada principalmente por questões poéticas ou existenciais.

No entanto, isso não implica que a conexão de Drummond com a política fosse apenas superficial. Na realidade, o poeta se alinhou com a postura dos comunistas na busca por uma sociedade socialista, onde as relações de produção deixassem de ser controladas pelos capitalistas e passassem para as mãos dos trabalhadores. Foi esse alinhamento que motivou o poeta a contribuir com a *Imprensa Popular*, um jornal ligado ao partido comunista.

Drummond não seguia rigidamente as diretrizes partidárias. Algumas declarações em seus artigos fugiam a essa linha e passaram a ser censuradas pela direção. Descontente, interrompeu sua colaboração e, posteriormente, se desvinculou do partido. Essa ruptura, que inicialmente poderia ser vista como uma discordância de postura diante do contexto político, resultou para ele na rejeição da perspectiva socialista como o futuro da sociedade.

MAQUINAÇÕES: O MUNDO NÃO VALE O MUNDO

Mais adiante, em *Claro enigma* (1951), surge uma poesia que assume tons metafísicos e existencialistas. Nesse contexto, o poeta expressa uma “certeza” inerente da falta de sentido no mundo, percebendo-o como algo (in)compreensível. A melancolia e a desilusão se tornam evidentes como reflexos diretos da experiência da Guerra e da ameaça iminente de uma bomba atômica, frutos de um mundo dividido entre o Capitalismo e o Socialismo.

A partir desse momento, não se identifica mais nos poemas aquele tom otimista em relação a um futuro melhor ou a um mundo menos injusto. O sentimento passa a ser o de desencanto, como se nota nos versos de “Cantiga de enganar”:

[...]
passasse a comandar minha vontade
que, já de si volúvel, se cerrava
semelhante a essas flores reticentes

80 em si mesmas abertas e fechadas;
como se um dom tardio já não fora
apetecível, antes despiciendo,

baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
85 que se abria gratuita a meu engenho.

A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,

se foi miudamente recompondo,
90 enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas.
(Andrade, 1970, p. 226).

O eu não mais almeja ou considera possíveis as respostas. Ele vê essas explicações como uma imersão na ilusão, valendo-se de ironia e liberdade para justificar-se e continuar lidando com as perguntas que o atormentam. De acordo com de Merquior (2013):

O caminhante recusa o dom gracioso da máquina do mundo. Desdenha o conhecimento sobre-humano, acima das deficiências insanáveis da medida humana; o conhecimento místico, a graça, o presente de poderes mais altos que o homem. Ao recusá-lo, investe-se da condição plenamente antropocêntrica, estritamente profana, do homem moderno (Merquior, 2013, p. 109).

Parece que o caminhante encontra sua plenitude na contemplação, talvez evitando a profundidade das respostas para não enfrentar um desconforto maior, já que cada revelação traz consigo uma clareza intensa. Isso se conecta à visão de Merquior sobre a poesia de Drummond, que capta a “essência da verdade profunda” e retrata, por meio de metáforas, a complexidade fluída do mundo humano (Merquior, 2013, p. 112).

Drummond concebeu uma poética ímpar na cena literária brasileira, influenciando não apenas sua contemporaneidade, mas ecoando em obras posteriores. Sua visão multifacetada do mundo, permeada pela dúvida, desencanto e reflexão, permanece como um convite à compreensão da essência intrincada do humano em relação ao universo que o cerca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões e os poemas de Drummond ecoam além de sua própria narrativa literária. O desencanto que permeia suas palavras não é apenas uma expressão individual, mas um eco dos questionamentos existenciais que ecoam através das estações humanas. Sua poesia transcende o tempo, oferecendo um espelho para as incertezas, esperanças e desilusões.

A análise minuciosa dos poemas selecionados, como “Não se mate”, “Mãos dadas” e “Cantiga de enganar”, revela a transição de perspectivas ao longo do tempo, desde a ironia sobre o amor até a solidariedade e a consciência social. É fascinante como você destaca a transformação do eu poético, refletindo não apenas os eventos históricos, mas também a própria jornada existencial do poeta. Ao observar o estar-no-mundo por meio da lente da poesia, Drummond encontra um caminho para explorar as complexidades da realidade. Sua jornada poética, marcada por diferentes fases, reflete não apenas um indivíduo em constante evolução, mas também um reflexo dos desafios que moldaram o século XX.

Considerar Drummond como um poeta do (des)encanto é compreender não apenas a melancolia que permeia seu tecer poético, assim como encarar as verdades desconfortáveis da vida. Sua poesia nos convida a olhar para o mundo com olhos mais atentos, a questionar as convenções pré-estabelecidas e a abranger a complexidade que define nossa experiência compartilhada neste mundo – caduco.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 5. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1970.

_____. **Nova reunião**: 23 livros de poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARRIGUCCI JR., Davi. **Coração partido**: uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ENDLER, Anna Maria Freire. **Somos poeira de estrelas**. 2. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2023.

BURDORF, Dieter. **Einführung in die Gedichtanalyse**. 2. ed. Stuttgart: Metzler, 1997.

GLEDSON, John. **Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo, Duas Cidades, 1981.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

MERQUIOR, José Guilherme. **Razão do poema**: ensaios de crítica e de estética. São Paulo: É Realizações, 2013.

NUNES, Benedito. Carlos Drummond: a morte absoluta. **Literatura e Sociedade**, [S. l], v. 5, n. 5, p. 136-154, 2000. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19611>. Acesso em: 01 jul. 2023.

SCHAMM, Christoph. Alemanha, há cem anos: nascimento e morte do eu lírico. **Literatura e Autoritarismo**, [S. l], n. 10, p. 1-3, 2007. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/73942>. Acesso em: 28 dez. 2023.

Capítulo 9
ANÁLISE DO DISCURSO EM NOTÍCIAS DE JORNAIS PARAENSES
QUE VERSAM SOBRE O POVO GAVIÃO NA DÉCADA DE 1980

Caroline Leite Araújo

Paulo da Silva Lima



ANÁLISE DO DISCURSO EM NOTÍCIAS DE JORNAIS PARAENSES QUE VERSAM SOBRE O POVO GAVIÃO NA DÉCADA DE 1980

Caroline Leite Araújo

Graduada em Letras - Universidade Federal do Pará - UFPA (2010). Mestrado acadêmico em andamento (Conceito CAPES 3) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA.

Paulo da Silva Lima

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (2002), mestrado em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2008) e doutorado em Letras (Estudos Linguísticos) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2014). Atualmente é PROFESSOR ASSOCIADO I da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Bacabal. É professor do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. É docente do Mestrado Acadêmico em Letras da UFMA/Campus de Bacabal, atuando na Linha de Pesquisa: "Texto, Discurso e seus Múltiplos Objetos. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino, texto e discurso, argumentação e gêneros textuais na prática pedagógica.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar a influência do Jornal regional "O Diário do Pará" na formação discursiva da população paraense a respeito do povo Gavião. Nesse sentido, o presente trabalho buscou analisar as estratégias argumentativas nos discursos jornalísticos para influenciar a opinião pública na década de 1980, e como tais discursos contribuíram na inferiorização e na criação de certos estereótipos sobre o povo Gavião do Pará. Como procedimentos metodológicos, utilizamos a pesquisa documental e o método qualitativo para seleção de textos jornalísticos. A partir do corpus selecionado foram feitas as análises com base nos pressupostos teórico da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, ancorados nos estudos dos autores Michel Pêcheux (1988), Eni Orlandi (2005), Michel Foucault (1975-1985), Marilene Chaú (2008) e Louis Althusser (1992). A pesquisa é de suma importância para a

compreensão de que os discursos foram meramente produzidos para rotularem e deturparem a imagem dos indígenas da região paraense. Foram analisadas cinco notícias a respeito do conflito territorial em torno da Terra Indígena Mãe Maria, e as análises mostraram que os modos de apropriação do discurso utilizado pelo sujeito-enunciador nos noticiários serviram de efeito de sentidos na construção da figura do sujeito indígena deixando marcas ideológicas nos enunciados, além disso, o jornal não concedeu o direito à fala aos indígenas. Os resultados das análises demonstram que os discursos jornalísticos fortaleceram e propagaram os estigmas que deixaram marcas indelévels até os dias de hoje.

Palavras-chave: notícias; gênero discursivo; Análise do discurso, povo originário; Gavião do Pará.

INTRODUÇÃO

O artigo está centrado nos pressupostos da Análise do discurso (AD) de linha francesa e na trajetória do povo indígena Parkatêjê, conhecido historicamente de “Gavião do Pará” nos quais passaram por conflitos intergrupais e extra grupais (entre indígenas e não indígenas), que a partir da aproximação com a população regional, foram contaminados por várias doenças que quase o levou ao extermínio, além disso, sofreram pelo processo de desterritorialização devido ao progresso da região paraense, política implementada e impulsionada no Regime Militar; e mais enfrentaram a política escravista adotada por dois órgãos do Estado Brasileiro SPI/FUNAI. Órgãos que serviram de monitoramento e exploração do povo Gavião na coleta da castanha do Pará na Reserva Indígena Mãe Maria, pois esta região possui, ainda hoje, um vasto castanhal entre outras frutas como; açaí, bacaba, cacau, andiroba, jenipapo e outros.

É importante ressaltar que o povo Gavião, mesmo diante de tantos desafios, conseguiu fortalecer-se culturalmente com a união de três grupos; Parkatêjê, Akrãtikatêjê e Kýikatêjê. O fato desses grupos serem destinados a habitar a Reserva Mãe Maria, localizada na BR 222 próximos dos Municípios de Bom Jesus do Tocantins e Marabá, no estado do Pará, proporcionou a Gênese da identidade do povo “Parkatêjê”. Essa união foi iniciativa do Cacique Khrôhokrenhum, o capitão, como era chamado e conhecido. A sabedoria dessa liderança indígena serviu de estratégia para o crescimento demográfico do seu povo e o fortalecimento para enfrentar a política governamental e os grandes empreendimentos que foram implantados na Reserva. O discurso político do progresso

trouxo impacto ambiental e social a Comunidade Parkatêjê, tais impactos nunca foram noticiados pela mídia da época.

A década de 1980 foi um marco na vida do povo Parkatêjê já que a reorganização social possibilitou a autonomia de suas vidas, passaram a ter a comercialização das castanhas e administração do capital. Mas, estabeleceu diálogos e negociações com o Governo e as empresas para formalizar os valores referente a coleta da castanha do Pará, ao receber as indenizações que lhe cabia como direito. A partir do que foi exposto, a pesquisa tem como base os estudos direcionados da AD, para compreendemos o sentido que a linguagem produz, pois a teria a língua como um sistema de signos que formam enunciados nos quais são carregados de sentidos ideológicos. Por isso, a construção enunciativa não é neutra pois a língua é dinâmica, parafrástica e polissêmica.

Dessa forma, o norte da pesquisa é compreender o motivo pelo qual a mídia regional na década de 1980 retratava o Gavião de maneira pejorativa, marginalizando-os sem conceder direito à resposta. As reportagens contribuíram na construção de estereótipos tais como: todo indígena é preguiçoso, é selvagem, é inconfiável é indolente, assim fortaleceu a discriminação, criou-se no imaginário popular um ser sem cultura, sem língua, de comportamentos e concepções atrasadas, por não se encaixar nos padrões normativos e culturais da sociedade hegemônica. Esses discursos são proferidos constantemente pela sociedade, são concepções que pairam a atualidade.

Nesse sentido, os discursos midiáticos desde 1910, sempre deturparam a imagem dos Gaviões, ou seja, é uma prática antiga fomentada por um grupo forte politicamente e economicamente. O jornal tem o poder de influenciar, formar opinião, enaltecer personalidades, autoridades políticas e agregar conceito e valores, sobre terminados acontecimentos. As consequências dessas formações discursivas articuladas pelos jornais acabaram acentuando as relações de conflitos ideológicos, culturais e linguísticos, criando um abismo entre duas concepções de mundos e valores.

Assim, problematizaremos que tipo de formação discursiva os sujeitos da região paraense possuem a respeito dos Gaviões e qual recurso o discurso midiático utilizou na elaboração dos enunciados para propagar uma imagem desprezível à população sobre o povo indígena. Nesse sentido, propomos investigar o quanto esses discursos preconceituosos trouxeram prejuízo ao Povo Gavião em sua relação com a comunidade não indígena. Contatamos que tais ideologia propagadas pela mídia da época influenciou no preconceito em relação ao povo Gavião. Desse modo surgiu a seguinte pergunta

norteadora: De que maneira o discurso midiático dos jornais do Estado do Pará contribuiu na formação discursiva dos sujeitos, reforçando os estereótipos dos indígenas “Gavião do Pará” de forma deturpada na região paraense?

Quanto as considerações finais chegamos à conclusão após o processo investigativo no desenvolvimento da pesquisa que os meios de comunicação têm o poder de mascarar a notícia de acordo com seus interesses, tem o poder de selecionar o que dever ser noticiado e como será noticiado para produzir maior efeito simbólico e discursivo aos olhos do leitor. Utiliza-se de estratégias enunciativas para convencer o leitor e formar opinião a respeito do assunto abordado. Relacionado ao Gavião, constatamos que os discursos veiculados ao povo são frutos das relações de classe e poder.

A fim de responder a problemática central desta pesquisa, adotamos uma abordagem metodológica qualitativa fazendo uso de alguns métodos tais como: pesquisa documental com base em Severino (2018) e Gil (1999). Os procedimentos metodológicos, foram importantes para que pudéssemos alcançar os resultados e objetivos propostos nesta pesquisa.

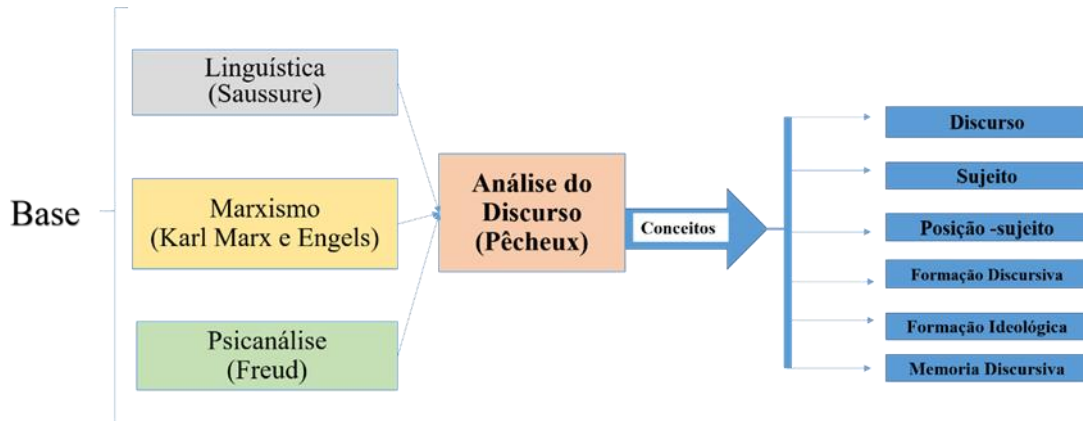
PRESSUPOSTO TEÓRICO DA ANÁLISE DO DISCURSO

Na década de 1960, surge na França os estudos direcionados à Análise do Discurso (AD). Essa teoria se consolidou como ciência com o pressuposto teórico Análise Automática do Discurso, de Michel Pêcheux. Depois, outros autores como Foucault, Althusser e Bakhtin e Voloshinov contribuíram no campo científico da AD.

Essa abordagem teórica tem como objeto de estudo a materialidade ideológica do campo discursivo, articulada pela linguagem em sociedade e intercalada pelo contexto sócio-histórico. AD busca analisar a produção discursiva e os efeitos de sentidos nos quais os enunciados provocam entre interlocutores, pois acredita-se que os sujeitos se apropriam de um sistema linguístico (língua) não apenas como meio de comunicação ou interação entre grupos sociais, como Saussure defendia, mas a AD parte do princípio de que todo enunciado é atravessado historicamente por outro discurso (intradiscurso). Dessa forma, contrapõe-se a ideia do formalismo linguístico de Saussure, a qual define que os sujeitos são meramente produtores de seus discursos.

Para tanto, faz-se necessário compreendermos que a teoria AD envolve três áreas do conhecimento sustentada por um tripé relacionando-se com a Linguística, o Marxismo

e a Psicanálise. A imagem, a seguir, exemplifica uma síntese do aoste teórico da Análise do Discurso, as categorias organizadas em tabela como nos mostra abaixo



Autora: ARAÚJO, Caroline Leite

Quanto à linguística temos de levar em consideração a influência recebida de Saussure. Este último contribuiu para os estudos de Pêcheux o qual utilizou-se da teoria da linguística estruturalista como suporte para a Teoria da AD. Entende-se que é por meio da língua que podemos desenvolver diversas formas de linguagens: verbal, escrita ou corporal, e podem ser aperfeiçoadas entre as ciências como a linguagem jurídica, científica, artística entre outras.

Considerando a teoria saussuriana (SAUSSURE, 1916), a partir do estruturalismo na qual a língua é compreendida como um meio que possibilita a interação do homem com o mundo. Dessa forma, Pêcheux buscou problematizar a teoria do estruturalismo compreendendo o papel dos sujeitos no ato da enunciação, que por sua vez são carregados de sentidos. Com isso, podemos dizer que Pêcheux foi o precursor dos estudos voltados à linguagem. Com relação ao Marxismo de Karl Marx (1848), Pêcheux (1988) buscou relacionar os sujeitos com a história das sociedades, pois entende-se que a história é dinâmica por ser entrelaçada com forças antagônicas. Por isso, ela não pode ser considerada de forma linear segundo a sua teoria, e na história o sujeito não está isento de ideologias. Quanto à contribuição da Psicanálise Freudiana, pela releitura de Lacan, buscou-se compreender como o sujeito vive em conflito constantemente diante daquilo que acredita de maneira consciente em relação ao que seria certo ou errado, mas que as ações enunciativas dos sujeitos são atravessadas pelo inconsciente constantemente.

Diante disso, apresentamos as concepções de discurso e ideologia, entendimento fundamental para compreensão da AD. E desse modo, tem-se o propósito de ajudar na

melhor compreensão da base teórica desta dissertação, dialogando com os principais autores que estudam a referida teoria.

Michel Pêcheux (1975), em sua obra *Semântica do Discurso - uma crítica à afirmação do óbvio*, lançada em 1975, demonstra uma maturidade teórica em relação à obra anterior *Por uma análise do discurso*, lançada em 1966. Ele apresenta nessa segunda obra os limites da linguística, pois a mesma não pode ser usada de maneira isolada para explicar o funcionamento do discurso. Segundo Pêcheux (1997), para analisarmos o discurso é preciso levarmos em consideração os seguintes fatores: a ideologia, o contexto social e o contexto histórico do indivíduo.

Segundo Marilena Chauí (2008), há uma nítida distinção entre aquilo que acreditamos de fato ser real e a ideologia. Ainda segundo a autora, o real é o movimento do qual se demandam todas as relações dos seres para com eles mesmos assim como a natureza. Isso gera sentido no qual é possível a formação de relações sociais. Tudo isso acontece através do tempo e do espaço, pois ambas as categorias são de suma importância, pois conciliam a história com a práxis humana, ao ponto de determinar que a própria história seja o real. O ocultamento da realidade social, segundo a filósofa, denomina-se ideologia. Nesse sentido, a ideologia é um mecanismo criado pela burguesia para falsear a realidade. Desse modo, essa mesma ideologia serviria como meio de mascarar a maneira pela qual se constituíram as políticas de dominação tal como os métodos de opressão econômica afim de privilegiar aqueles que dessa farsa se beneficiam. Isso leva ao ponto de ludibriar as pessoas fazendo-as crer que o modo de vida no qual se encontram é verdadeiramente justo.

Para Pêcheux, o discurso é produzido pelas ideologias.

O discurso não é um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e trajetões sociais nos quais ele irrompe [...] só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetões: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço (PÊCHEUX, 1997, p. 56).

Segundo Pêcheux (1975), o que interessa no estudo na formação do discurso é como a língua é posta em prática, ou seja, como o discurso é produzido. Nesse sentido, ele faz uma crítica à linguística estruturalista a qual defende um sujeito autônomo em relação

ao seu discurso. O autor compreende que os conceitos da linguística tais como a sintaxe e a semântica não dariam conta de explicar a produção discursiva e os efeitos de sentido. O discurso, por sua vez, é produzido através da ideologia, para tanto é preciso levar em consideração de que o sujeito é inserido num contexto histórico, social e político. Para o filósofo Althusser (1992), é necessário estudar a materialidade da ideologia e como ela se manifesta em diferentes grupos sociais. Para o teórico “[...] trata-se de estudar as ideologias como um conjunto de práticas matérias necessárias à reprodução das relações de produção. O mecanismo pelo qual a ideologia leva o agente social a reconhecer o seu lugar é o mecanismo da sujeição” (ALTHUSSER, 1992, p. 8).

Michel Pêcheux (1988), ao estudar a teoria do discurso, tem o intuito de compreender como funciona o discurso, como adquire efeitos e sentidos. Um outro objetivo deste estudo é analisar o discurso e observar como os sentidos produzem interpretações. Constatamos que, segundo a AD, na concepção de Pêcheux, é de suma importância o termo interdiscurso e intradiscurso. O interdiscurso significa tudo aquilo que está ligado à memória discursiva dos sujeitos. Algo que já foi dito num determinado tempo histórico, numa época diferente, numa cultura diferente, que foi produzido de maneira desigual, no entanto irá reaparecer dentro do interdiscurso. Ao compreendermos que o interdiscurso é essa memória do esquecido, a qual perpassa o inconsciente do sujeito que em um dado momento mobiliza os seus conceitos e funciona como o fio condutor na organização do discurso. Logo, entendemos que o interdiscurso perpassa pelas formações ideológicas, os conjuntos de atitudes as quais irão materializar as formações ideológicas no processo enunciativo.

Ao comparar a visão de Michel Pêcheux (1988) e Michel Foucault (1975) acerca da construção discursiva, constatamos uma das principais diferenças: enquanto Pêcheux vai incluir a noção de ideologia como base principal no discurso e Foucault discutirá as relações de poder estabelecidas em rede. Sendo assim, segundo Foucault (1975), as relações de poder são atribuídas aos enunciados e passam a existir quando atingirem um nível discursivo próprio.

Foucault (1973) estuda na obra *Ordem do Discurso* como os enunciados se articulam no meio social na detenção de micropoderes organizados em rede. Segundo ele, o discurso não pode ser entendido como um conjunto de palavras soltas, sem produção de sentido, mas pode ser compreendido como um sistema, como uma estrutura que possui uma dispersão de enunciados regidos por regras. Sendo assim, para Foucault, o discurso

é “[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições da função enunciativa” (FOUCAULT, 1973, p. 97). Vejamos que são os papéis sociais que estão distribuídos entre os indivíduos os quais desempenham no cotidiano uma função que mantem o poder de realizar tais funções e elaborar tais discursos, e essa relação acontece de maneira hierárquica.

São através de determinados discursos que a sociedade se torna disciplinada, “corpos dóceis”. E tais discursos são reproduzidos nas instituições sociais para estabelecer “normas padrões” para o convívio social. Assim, para aqueles que fogem às regras normativas há punição, sendo indivíduos reprimidos e excluídos, por isso, segundo Foucault (1975), estamos constantemente vigiados. Assim, compreendemos que as construções de certos discursos servem para controlar corpos. Nesse sentido, a sociedade se torna disciplinada através das produções discursivas que se disseminam indefinitivamente. O poder passa a atuar em redes e se manifesta em vários lugares na sociedade, é o que chamamos de micropoderes. Mas, Foucault nos adverte que “[...] a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder.

Em contrapartida, ao aporte teórico de Foucault (1985), dialogaremos com o Althusser (1992) dando continuidade à relação de poder constituída em sociedade pelos processos históricos. Segundo Althusser (1992), essa relação é estabelecida pelo Estado que cria mecanismos no meio social, o teórico classifica esse mecanismo em dois: 1) compreendido pelas siglas AREs “aparelhos repressores do estado” que são governo, tribunais, polícia, administração, exército, prisões dentre outras; e esse mecanismo serve de aparelho repressor para aqueles que desobedece a ordem preestabelecida historicamente e; 2) compreendido pela sigla AIEs “aparelho ideológico do Estado”, que atribui às instituições: a religião, a escola, a cultura, informação dentre outras. Para Althusser (1992), que se inspirou na Literatura de Karl Marx e Engels, o poder está na classe burguesa pois esta é responsável de determinar quem detém a verdade, quem pode falar sobre determinados assuntos e dita as regras de convívio, pois segundo o autor a classe burguesa cria meios de reprodução de valores e cultura como forma de manutenção da dominação “poder” sobre a classe operária. Portanto, para o autor, “toda ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (ALTHUSSER, 1992, p. 93).

Historicamente, a AD passou por três fases para definir a construção do sujeito do discurso. Levando em consideração esse objeto de estudo “sujeito” podemos afirmar que é imprescindível discutir AD sem mencioná-lo dessa construção discursiva. Dessa maneira, analisaremos os conceitos dessas três fases, mas com maior relevância na terceira fase por permanecer fértil nas pesquisas até o presente momento. A primeira fase (1969) compreendeu o discurso como fonte de estrutura estabelecida na sociedade como homogêneo (fechado em si) sem influências exterior. Para tanto, por causa dessa concepção elaborou o conceito “Máquina discursiva”, na qual acreditava-se que os sujeitos se apropriavam de determinados discursos para serem meramente reproduzidos por condições discursivamente estáveis. Na segunda fase, surge o conceito “formação discursiva e interdiscurso”, que é a manifestação do materialismo histórico relacionado à subjetividade psicanalítica para compreender o processo de dispersão e interrupção do discurso no ato enunciativo daquilo que constitutivo. pois percebe-se que o sujeito é atravessado por vários discursos e através da interdiscursividade reformula seus dizeres de maneira subjetiva e objetiva.

A última fase entende que o sujeito é clivado e “heterogêneo” pois não está pronto, não está acabado, mas é permanente e em construção (PÊCHEUX, 1988). Com isso, passa a ser visto pelo viés da heterogeneidade: o “EU” perde a centralidade, o sujeito não é senhor de si, já que o “outro” passa a fazer parte de sua identidade. E desse modo, “as diversas formações resultam de processos discursivos anteriores (proveniente de outras condições produções) que deixaram de funcionar, mas que deram nascimento a ‘tomadas de posição’ implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo em foco” (PÊCHEUX, 2001, p. 85). Logo, segundo o autor, é uma relação do enunciativo atual mobilizado por redes de memória. Para Pêcheux (1988), o sujeito é visto pelas relações sociais que são responsáveis pela formação discursiva interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente.

O sujeito se constitui por formações discursivas e formações ideológicas, pois todo discurso materializa uma ideologia. O sujeito assume uma ideologia ao se posicionar discursivamente em dado momento da vida, portanto, podemos dizer que este, discursivamente assume vários outros discursos e, também, posições sociais. Para Althusser (1974), o sujeito é um “já-sujeito” interpelado por tantas outras ideologias, a primeira delas é imposta pela família, depois pela ideologia religiosa, partidária etc. São

elas elementares na constituição da identidade do sujeito do discurso, portanto, é fruto do seu inconsciente.

A “posição-sujeito” apresenta uma FD e FI que se configuram como objetos imaginários os quais ocupam espaço no processo discursivo. Desta forma, o sujeito não é um, mas comporta distintas posições-sujeito. Assume variantes conforme as formações discursivas e ideológicas em que o sujeito se inscreve, ou seja, faz parte do descentramento do sujeito tratar acerca de posições-sujeito e, assim, o sujeito se constitui em posições-sujeito (PÊCHEUX, 1988). Para melhor compreensão, vejamos o exemplo: o sujeito professor pertence a um grupo de outros sujeitos ligados a um Sistema Educacional, seja na esfera Municipal, Estadual ou Federal. Então, a posição social desse sujeito, o lugar que ele ocupa determina o seu discurso. Nesse sentido, o sujeito professor se intitula de sujeito do saber de uma dada formação discursiva. Ele é aquele que reúne um conjunto de saberes sobre a educação, seja referente a um componente curricular, seja acerca das leis que regem a educação básica, processos metodológicos de ensino e aprendizagens e processo avaliativo.

Os estudos sobre a FD sustentam a ideia de que se tem uma articulação dialética entre “singularidade e repetição, regularidade e dispersão”. O certo é que a prática discursiva ocorre no espaço e no tempo, dessa maneira, é possível visualizar no campo enunciativo a dispersão nos enunciados e as regularidades dos fatos. São nos discursos que emergem os acontecimentos históricos, pois a memória mantém relação direta com as redes e trajetos e são eles que dão condição ao funcionamento discursivo.

De acordo com Orlandi (2007), com base em Pêcheux, a memória discursiva é tratada como interdiscurso, ou seja, é tudo aquilo que “já foi dito, em outro contexto”; o “já-dito” que está na base do dizível. É papel da memória acionar outros discursos ditos em outro contexto histórico. A exemplo disso vejamos o caso do enunciado “todo índio é preguiçoso”. Temos um sujeito que mobiliza o discurso construído pelo colonizador no período do Brasil colonial que perpetua até os dias atuais.

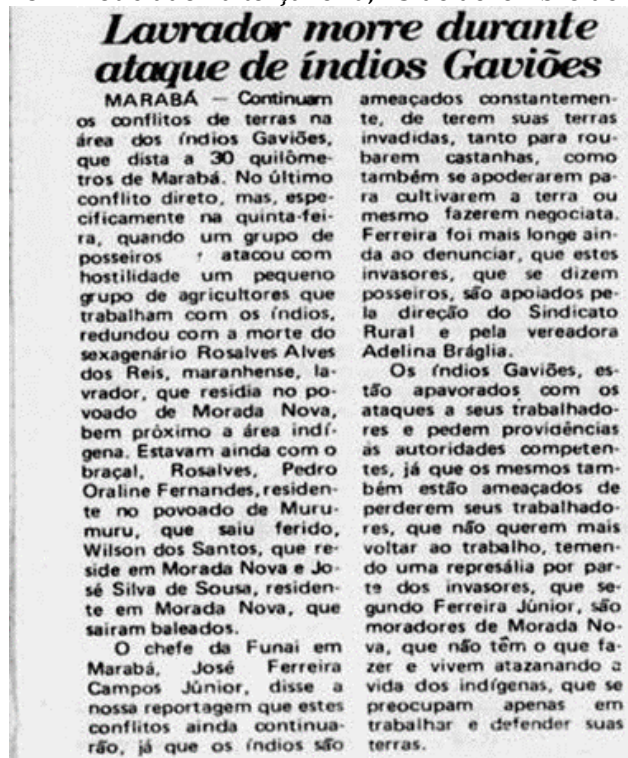
Por fim, a memória é o que circula na sociedade, é uma representação de uma posição ideológica e que parte do sujeito construído no lugar de onde enuncia. Contudo, concluímos que a linguagem é parafrástica e polissêmica, assim sendo, reproduzimos e ressignificamos os enunciados a cada momento.

ANÁLISE DE NOTÍCIA NA DÉCADA DE 1980

Selecionamos uma notícia sobre o conflito entorno da Reserva Mãe Maria do povo Gavião na década de 1980. Assim, analisaremos as seguintes categorias para Análise do Discurso: a construção do discurso, a formação discursiva, a ideologia que perpassa nos discursos, o sujeito presente nessa construção discursiva, a posição-sujeito, a memória discursiva, o interdiscurso e as condições de produções evidenciando os elementos coesivos utilizados nos textos jornalísticos na projeção do sujeito do indígena.

A análise levou em consideração as categorias já citadas, o título da matéria, como também o corpo do texto jornalístico no referido jornal da região paraense “O Diário do Pará”. É importante frisar que o analista do discurso precisa levar em consideração o contexto histórico que foi inserido o discurso em análise. De acordo com Corrêa (2016), o território amazônico começa a sofrer migração desde 1960 na era do governo militar. O governo com projeto de colonização para o aceleração do progresso da região, propagandeou através do discurso “Terra sem homens, para homens sem-terra”, dessa forma, impulsionou a migração desordenada no dito “espaços vazios” como eram chamados. Devido ao incentivo e a propaganda muitos posseiros acabaram invadindo o território indígena que geraram conflitos. Diante dos conflitos e ocupações por causa da posse e da luta pela terra, o Governo criou o Órgão GETAT em 1980, para substituir o INCRA, na função de demarcação fundiária e mediação de conflitos agrários, mas o desempenho desse órgão só serviu para privilegiar um grupo de empresários e latifundiários que tinham influência com políticos da capital paraense, e os trabalhadores que se deslocaram de outros estados para a região foram explorados pelo grupo oligárquico, pois não aconteceu a distribuição de terra e sim monopólio fundiário, o que nos leva a considerar a propaganda articulada pelo o Governo Federal enganosa.

TEXTO 1. Noticiado na terça feira, 15 de dezembro de 1985.



Como podemos notar que o próprio jornal usa caixa alta e negrito como estratégia discursiva para chamar atenção de seus leitores. Ao noticiar “Lavrador morre durante ataque de índios Gaviões”, constatamos que o redator da matéria jornalística não é simpaticante ao “índio” quando usa o verbo “ataque” para provocar um efeito de sentido negativo reforçando os estereótipos como selvagem, desalmados e desumanos atribuídos ao Povo Gavião. Assim, compreendemos que o gênero jornalístico, apesar da sua função informativa, acaba de certa maneira deixando marcas ideológicas no texto, além de influenciar na formação discursiva dos sujeitos leitores através das escolhas semânticas na construção enunciativa.

Podemos observar, também, que a notícia desse conflito atribui a culpa ao povo Gavião. Há uma repercussão espetacular. Conforme salienta Cyrre,

percebemos que a mídia impressa, com sua Formação Discursiva específica e sua Formação Ideológica e posições-sujeito, pois o sujeito enunciativo representa e atende aos interesses de uma elite. Assim, tem o poder de não só solucionar os acontecimentos políticos por meio das matérias que são noticiadas, mas também de atualizar os sentidos veiculados para atender a interesses ou necessidades de consumo do político-leitor. A mídia impressa molda e constrói os efeitos de sentidos sobre o acontecimento político que notícia, no momento em que dá um tratamento especial à linguagem que é empregada para compor a notícia (CYRRE, 2013).

No caso da notícia mencionada acima, agrada a maioria dos leitores do jornal, pois é sensacionalista e coloca os indígenas como pivô dos conflitos. Notamos que não há interesse em saber o porquê desse conflito ter sido gerado e quem o suscitou. O importante para o jornal é “vender a ideia marginalizada do sujeito índio” lhe atribuindo a um problema de ordem social. Mesmo que no corpo do texto desse discurso possa aparentemente mostrar que os indígenas estão sendo atacados por posseiros, a manchete já elucida a ideologia por trás da notícia “Lavrador morre após ataque de índios Gaviões”. Fica subentendido que os Gaviões estão atacando novamente. E como um discurso vai se proliferando na sociedade, através da prática discursiva acaba produzindo outros discursos, como salienta Foucault (2007) como técnica de rarefação defendida pelo autor, no qual toda produção discursiva provoca nos sujeitos leitores comentários que por sua vez geraram novas construções discursivas, a respeito dos acontecimentos. Tais comentários possibilitam o surgimento de novos discursos. Pode-se dizer algo que transcende o texto, conforme afirma o referido autor (2007). Dentre essas técnicas, podemos destacar o controle do que pode ser dito e quem tem o poder de dizer. Isso se estrutura na organização social nos quais determina qual sujeito tem o poder da fala.

De acordo com Foucault:

O contrário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro. Deve conforme um paradoxo que se desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia sido dito (FOUCAULT, 2007, p. 25).

Assim, o novo acontece na sua repetição, e não naquilo que é mencionado no comentário. Para Foucault (2007), o controle dos sujeitos consiste em não permitir que todas as pessoas tenham acesso à palavra. No caso da notícia a qual mencionamos, notamos que não é dada a palavra aos indígenas. Nesse âmbito, menciona Foucault sobre o tema:

Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências o se não for, de início, qualificação para fazê-lo. A rarefação reduz a um só figura todas as coerções do discurso: limitam seus poderes, dominam suas aparições aleatórias e selecionam os sujeitos que falam. O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam; define os gestos, os comportamentos; as circunstâncias e todo conjunto de signos que deve acompanhar o discurso [...] (FOUCAULT, 2007, p. 39).

Nesse sentido, no que tange à notícia mencionada, os indígenas não são autorizados a entrar na ordem do discurso e dar seu depoimento sobre o que de fato estava acontecendo. Muito menos foi concedida a palavra para fazerem um comentário acerca do ocorrido noticiado sobre o conflito de terras. Isso acontece, segundo Foucault (2007), porque vivemos numa sociedade disciplinar, pois tende a separar, prender, controlar e punir. Nesse caso, o Gavião sofre uma retaliação por não se deixar docilizar, por não aderir às regras vigentes na sociedade do não indígena.

Para sociedade disciplinar existir é necessário que a mesma seja tomada, em sua maior parte, em suas relações fundamentais por dispositivos disciplinares. Existe na sociedade disciplinar tipos de saber e configurações de poder nos quais vão caracterizar os dispositivos como produção e reprodução para as relações de poder no âmbito do discursivo. A sociedade disciplinar é tomada por dispositivos disciplinares nas quais possui configuração específica de poder no qual dará força para tais dispositivos. Para tanto, é necessário espalhar discursos com o intuito de contribuir e constituir o sujeito disciplinado.

De acordo com Foucault (2007), o controle de comportamento é denominado de micropoderes, uma rede difusa de poder típica das sociedades modernas. Para o autor, o poder não está somente nas instituições, mas em rede social, ou seja, o poder se estabelece em vários grupos na sociedade

Quanto ao viés ideológico da mídia impressa, Michel Foucault (2007) salienta no livro *Vigiar e Punir* que desde muito tempo a mídia impressa tem o poder de selecionar aquilo que deseja publicar de acordo com seus interesses ideológicos.

A fim de desacreditar os contrabandistas, a 'Comanie das Fermes', publicava boletins contendo 17 crimes deles: em 1768, contra um certo Montagne que estava à frente de um bando, ela distribuiu folhetins de que diz o próprio relator: foram atribuídos alguns roubos cuja verdade é bastante incerta [...], representavam Montagne como uma besta feroz, uma segunda hiena que tinha que ser caçada, como as cabeças no Alvergne andavam quentes a ideia pegou (FOUCAULT, 2003, p. 54-55).

Conforme podemos analisar no texto de Foucault, há muito tempo a imprensa demonstra ter o poder de influenciar o povo. No caso do povo Gavião, conforme mencionamos através das informações veiculadas na mídia impressa, criou-se uma certa celeuma entre o Povo Gavião e as demais comunidades que viviam nas imediações da reserva TI Mãe Maria.

Outro ponto que precisa ser discutido ainda relacionado ao título da matéria em questão é sobre o nome “Gavião”. Esse nome é uma atribuição dada dos não indígenas para rotular os indígenas, e a imprensa utiliza com o objetivo de apagar a existência dos povos que habitam a Mãe Maria. Sabe-se de que o Gavião não representa a existência de um só povo, mas faz referência aos três povos denominados de Parkatêjê, Akrãtikatêjê e Kiýkatêjê, ambos com seus traços culturais que no corpo do texto não aparece, suas marcas são ignoradas para que o leitor não os conheça. Para Neves e Silva (2011, p. 2), “[...] a ausência de matéria que mostrem as singularidades da cultura e da história destas sociedades, continua reforçando um discurso que silencia estes povos e inventa um índio genérico, que precisa ser civilizado, para não causar problemas ao desenvolvimento do país”.

Dando continuidade na análise, o corpo do texto aborda os conflitos territoriais envolvendo os indígenas e posseiros da região. A morte do lavrador foi atribuída aos indígenas, como podemos perceber não aparece o depoimento do sobrevivente para maiores esclarecimentos, assim nos leva a questionar sobre a veracidade dos fatos. Também podemos observar que a organização da informação não traz clareza do ocorrido quando notamos uma acusação aos indígenas no título da matéria, porém no decorrer da leitura fica subentendido que o conflito era entre posseiros e agricultores como nos mostra o enunciado “um grupo de posseiros atacou com hostilidade um pequeno grupo de agricultores que trabalham com os índios, resultou com a morte do sexagenário...”. O ato de noticiar é uma prática discursiva que se materializa através da linguagem jornalística. É importante frisar que a construção de sentido no texto implica na subjetividade do sujeito-jornalista, ela é parte constitutiva da construção enunciativa do próprio texto.

Outro fator importante para analisarmos consiste em que o Chefe da FUNAI, Sr. José Ferreira, no momento oportuno relata que haverá mais conflitos se a Terra Indígena continuar sendo invadida. De acordo com ele, o Sindicato rural da região e uma vereadora apoiavam as invasões, ou seja, havia um interesse de pessoas influentes política e economicamente nessas terras. Diante do que foi exposto podemos problematizar a situação da seguinte maneira; por que o jornal preferiu no título da notícia acusar os indígenas ao invés de fazer a acusação ao Sindicato rural e a referida vereadora? Os apoiadores e financiadores não deveriam ser responsabilizados pelo conflito que geraram

as mortes? A partir dos questionamentos podemos notar uma posição classista e ideológica.

A estratégia discursiva tira a responsabilizada dos verdadeiros culpados, isso pode ser um indicativo de posicionamento ideológico do sujeito-jornalista ou da imprensa em relação ao objeto de enunciação, já que todo sujeito possui uma base ideológica. A notícia não é mero produto mercadológico, mas também se constitui através de uma dimensão simbólica como apresentam Bakhtin e Voloshinov:

um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas ao contrário destes ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo [...] *A palavra é o fenômeno ideológico por excelência* [...] A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1979, p. 17-18).

As escolhas enunciativas mascaram a realidade dos fatos, pois buscam persuadir seus leitores, essa manobra discursiva serve de poder e controle social para legitimar um determinado grupo oligárquico da região paraense, pois sabe-se que o discurso jornalístico se utiliza de estratégias enunciados na interpelação ideológica dos sujeitos. Assim, isso acontece porque o discurso jornalístico é um dispositivo de poder que regula o sentido social interligados aos sistemas de valores.

Nas palavras de Althusser (1992), os meios de comunicação “impresa” estão ligados ao aparelho ideológico do Estado (AIE), que se articula por intermédio da ideologia, pois segundo o autor, a ideologia tem a função de assegurar a coesão social num dado momento histórico através das relações de poder. Sendo assim, a imprensa considerada instituição ideológica se torna responsável na formação ideológica e formação discursiva dos sujeitos. Compreendido como “conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflitos umas em relação às outras” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007, p. 26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos notar a partir das categorias analisadas e ancoradas à luz da teoria dos autores Pêcheux, Orlandi e Foucault conseguimos obter os resultados proposto nos

objetivos dessa pesquisa. A partir do pressuposto dos autores concluímos que o intradiscorso, a memória discursiva e a ideologia estão presentes nos discursos midiáticos. Assim, inconscientemente ou não continuaram a produzir discursos a partir do já-dito, pois desde a década de 1920 os discursos jornalísticos já retratavam os Gavião de maneira negativa, a imagem do indígena criada a partir de estigmas.

A própria criação da palavra “índio” recorrente nas matérias implica no sentido de invenção, pois sabemos que tal palavra foi uma criação do colonizador. Isso acontece porque a mídia possui um jogo de estratégias enunciativas ligadas aos seus interesses, para tanto, constrói sentidos por meios de imagens e narrativas que servem como base representativa de um imaginário social. O jornal estabelece mediação entre leitores e os acontecimentos que não pode ser visto meramente como uma realidade, mas construções discursivas que permite os leitores extrair sentidos e representação ligados à sua exterioridade.

Compreendemos também que o sujeito enunciador do texto jornalístico é atravessado pela historicidade carregada de heterogeneidade, sendo assim, os enunciados perpassam pelo processo de reformulações para inseri-los em um novo contexto e assim ressignificá-los. As matérias sobre os Gavião quando apareciam no lugar de destaque estavam relacionadas aos conflitos territoriais forjando a ideia de que o indígena é um problema social visto que o sujeito enunciador articulou seus discursos a partir da posição-sujeito que estava ocupando na sociedade, representando uma empresa, uma instituição. Nesse sentido, o sujeito-jornalista ao abordar as matérias deixará suas impressões e, dessa forma, as formações discursivas aparecerão de maneira implícita ou explícita que por sua vez gerarão as ideologias vigentes.

Sabemos que o veículo de comunicação “**O Diário do Pará**” possui o papel de noticiar, levar informação à população, por ter essa função na sociedade fornece material aos leitores com intuito de acusar, inocentar e assim prevalecer valores de uma determinada classe. Essas estratégias persuasivas ajudam a modelar a visão dos sujeitos, e com base nas informações obtidas, eles edificam as suas formações discursivas. E é nessa perspectiva que Michel Foucault elabora o termo rarefação em referência aos comentários que uma matéria pode gerar. Então, partindo desse entendimento, as notícias vinculadas aos Gavião geraram a rarefação, ou seja, outros discursos foram produzidos. E, provavelmente, tais discursos serviram para reforçar cada vez mais os estereótipos e a marginalização do sujeito indígena.

Dando continuidade ao pensamento de Foucault, a imprensa por ser um dispositivo de poder ao longo da história silenciou a presença, a identidade indígena e a pressão imposta pelo processo colonialista que o povo Gavião sofreu. Dessa forma, a posição em destaque nas notícias é de um sujeito inferior, aquele que atrapalha o progresso da região, visto como não civilizado, por não aderir à lógica do capital na qual tudo vira mercadoria.

Seguindo o pensamento de Foucault de quem tem o poder da fala, podemos observar nos recortes de jornais que somente a Instituição **FUNAI** estava autorizada a falar a respeito dos conflitos na **TIMM**, e em nenhum momento os indígenas tiveram o direito de expor a sua aflição em torno do seu território, demonstrando mais uma vez que o sujeito indígena estava sendo ignorado pela empresa. O outro ponto a ser questionado é o silenciamento do representante do **GETAT**, no qual fica clara a falta de compromisso em querer desfazer esse loteamento na Reserva dos Gavião. É inaceitável que um órgão responsável pela regularização fundiária assentou famílias numa área que já estava regularizada.

Concluimos a partir do pensamento de Althusser que o Estado cria mecanismos de reprodução de poder na esfera social. E essa relação de controle social está vinculada nas instituições que operam na formação ideológica e formação discursiva dos sujeitos, sendo assim, certos discursos e conceitos são frutos da historicidade estabelecidas através das relações sociais. Por isso, entendemos que até hoje existem discursos de negação dos povos indígenas, pois o jornal – por ser uma instituição que não somente informa a população, mas também possui um viés ideológico a partir de seus interesses políticos e econômicos – consegue “assujeitar” os sujeitos. Então, entendemos que os Gavião no processo histórico não foram vistos como parte da sociedade e que o Estado brasileiro criou mecanismos de dominação disseminados através das instituições como: **SPI, FUNAI, GETAT**, mídia e para tentar o apagamento da história desse povo. É importante lembrar que os indígenas só foram amparados por leis que garantissem sua existência e seu modo de vida, cultural e linguístico na Constituição Federal cidadã de 1988.

No que se refere ao Povo Gavião do Pará, compreendemos a partir do pensamento de Foucault de que os mesmos não se deixaram “docilizar” pelo Estado Brasileiro. Por mais que existam dispositivos de poder não conseguiram disciplinar os indígenas fazendo-os com que aderissem as normas da sociedade não indígena. Ao longo da trajetória do povo Gavião, compreendemos que a resistência permanece por mais que tenha acontecido

tantas investidas contra esse povo. Ele continua resistindo e ressignificando seu modo de vida para poder existir nesse modelo de sociedade vigiada e disciplinada.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979 [1929].

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 8. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

CHAUI, M. de S. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. Ijuí: Fidene, 1973.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: O nascimento das prisões**. Petrópolis: Vozes, 1986.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universidade, 1969.

MALDIDIER, D. **A Inquietação do Discurso: (Re) Ler Michel Pêcheux Hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

MELO, José Marque; ASSIS, Francisco. Gênero, formato jornalístico: um modelo classificatório. **Revista Brasileira de Ciência e Comunicação**, v. 39, n. 1, jan./abr. 2016.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NUNES, J. H.; PÊCHEUX, M.; ACHARD, P. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. **Discurso: fato, dado, exterioridade**. In: Seminário de aquisição. [S. l.]: [s. n.], 1992.

ORLANDI, E. **Interpretação**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, E. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5. Ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. **A análise de discurso: três épocas** (1983). In: GADET, F.; HAK, T. Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001. p. 311-318.

AUTORES



Adriano Guedes Carneiro

Doutorando em Literatura Comparada, subárea de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, pela UFF/CAPES. Mestre em Estudos Literários, subárea de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, pela UFF/CAPES. Licenciado em Letras, pela UFF.

Ana Maria Sá Martins

Doutora em Linguística, professora Adjunta IV do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, anamariasapericum@gmail.com

Beatriz de Moura Paz

Discente do curso de licenciatura em Letras - Língua Portuguesa do IFPA – campus Belém. E-mail: trivalent@gmail.com

Camilla Machado Cruz

Doutoranda em Letras – Área de Concentração: Linguagem e Sociedade; Linha de Pesquisa: Memória, Sujeito e Sentido, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestra em Letras – Área de Concentração: Estudos Linguísticos; Linha de Pesquisa: Língua, Sujeito e História, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em Letras – Lic. – Hab. – Espanhol e Literaturas da Língua Espanhola, pela UFSM.

Caroline Leite Araújo

Graduada em Letras - Universidade Federal do Pará - UFPA (2010). Mestrado acadêmico em andamento (Conceito CAPES 3) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA.

Elisa Sodrê Teixeira

Graduada em Letras Língua Portuguesa e suas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão, elisasodre172@gmail.com

Francielli Czelusniak Costa Chepluki

Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Irati. Mestra em Educação Pela Universidade Estadual do Centro-Oeste. Graduada em Pedagogia pela Universidade

Estadual do Centro-Oeste. Participante do Grupo Pesquisa: Educação Histórica: Consciência Histórica e Cultura (CNPq). E-mail: franciellichepluki@gmail.com

Joana D'arc Silva de Oliveira

Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (2016) e graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2011). Atualmente é professora do ensino básico com vínculo efetivo - Secretaria da Educação do Estado do Ceará. Discente do Mestrado Acadêmico em Social Serviço Social, Trabalho e Questão Social (MASS) da Universidade Estadual do Ceará. Estudiosa das temáticas: patriarcado; gênero; violência contra a mulher. Bolsista da Capes 2022-2024. Publicou os artigos Maternidade na adolescência: o direito à licença maternidade para adolescentes grávidas no sistema público de ensino, que compõe o livro Política de Saúde e Políticas Sociais em tempo de pandemia, Socialis Editora, Fortaleza-CE, 2023 e A violência contra a mulher como refração da questão social: aspectos dessa refração em território cearense, que integra os Anais da XI Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2023. Participou do Grupo de estudos Vozes Subalternizadas: colonialidade de gênero, pensamento decolonial e epistemologias do Sul Global, vinculado ao Núcleo de Acolhimento às Mulheres em Situação de Violência da Universidade Estadual do Ceará (NAH-UECE).

Karina Frez Cursino

Doutoranda em Literatura Comparada, subárea de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, pela UFF/CAPES. Mestre em Estudos Literários, subárea de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, pela UFF/CAPES. Licenciatura em Letras, pela UERJ.

Lisandra Amparo Ribeiro Pimentel

Doutoranda em Estudos de Linguagem (PPGEL - UNEB - 2023); Mestra em Estudos da Linguagem (UNEB - 2021); Licenciada em Letras Vernáculas (UFBA/2016-2020); Especialista em Gênero & Sexualidade na Educação (UFBA-2020); Pós-graduada em Didática para o Ensino Superior (UNIBAHIA-2003); Especialista em Educação a Distância (UNEB/UAB-2010); Especialista em Educação Especial/Deficiência Visual (UNEB/2011); Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas (UNIFACS- 1999). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Métodos e Técnicas de Ensino em

Língua Portuguesa - Gramática, Literatura e Redação, leitura, análise e produção de textos acadêmicos - artigos, resenhas, resumos, monografias, teses, ensaios, dissertações). Professora de Conhecimentos Pedagógicos, de Metodologia Científica. Tutora a distância do curso de Aperfeiçoamento de Professores em Educação Especial - Deficiência Visual (UAB/UNEB-2011), com habilitação em Braille (UNEB- 2011); Tutora -mobilizadora social - Inclusão Digital (UNEB/UAB - 2014). Professora de Língua Portuguesa, Literaturas e Redação do Ensino Médio. Técnica de Atendimento Educacional Especializado. Coautora dos livros: Diálogos em educação [livro eletrônico] : núcleos formativos, processos de ensino aprendizagem e demandas contemporâneas: volume 2" (2022), "Literatura na berlinda: diálogos para uma crítica contemporânea" (2022), " Educação em foco: diálogos sobre o papel político e social da escola: volume 3", "Multiletramentos para uma prática inovadora na escola contemporânea" (2021), "Identidade e sexualidade na cultura de gênero" (2020).

Lucas Antoszczyszyn

Mestre em História, Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, bolsista CAPES, antoszczyszyn98@outlook.com

Noel Henrique Bahia Bittencourt

Discente do curso de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do IFPA – campus Belém. E-mail: noelbittencourt@hotmail.com

Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquita

Professora Adjunta da graduação em Serviço Social e professora permanente do Mestrado Acadêmico Em Serviço Social - MASS, da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Pós-doutorado na área de Serviço Social pela UECE. Doutora em Sociologia (2014) e Mestre em Sociologia (2006) pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2002). Atualmente é vice coordenadora do MASS - UECE. Linha de pesquisa: Questão Social e suas expressões de Gênero, Geração, Raça-etnia, Sexualidades e Classes. Bolsista da Capes de 2004-2006, de 2010 - 2014 e do PNPD- CAPES de março de 2015 -outubro de 2016. Membro do Núcleo de Acolhimento Humanizado às mulheres em situação de violência na Universidade - NAH; e do Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética - Labvida - UECE. Colunista

Semanal da plataforma BemditoJor, com textos sobre mulheres, feminismo e sexualidade. Publicou o livro: *Nem cachorras nem princesas: crônicas ácidas e íntimas de mulheres*, Editora CRV, Curitiba, PR, 2022.

Paulo da Silva Lima

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (2002), mestrado em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2008) e doutorado em Letras (Estudos Linguísticos) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2014). Atualmente é PROFESSOR ASSOCIADO I da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Bacabal. É professor do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. É docente do Mestrado Acadêmico em Letras da UFMA/Campus de Bacabal, atuando na Linha de Pesquisa: "Texto, Discurso e seus Múltiplos Objetos. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino, texto e discurso, argumentação e gêneros textuais na prática pedagógica.

Vinicius José de Souza Costa

Discente do curso de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do IFPA – campus Belém. E-mail: vcosta850@gmail.com

Walisson Oliveira Santos

Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Graduado em Letras - Português pela Universidade de Uberaba (Uniube) e em Jornalismo pelo Centro Universitário Funorte (UNIFUNORTE).

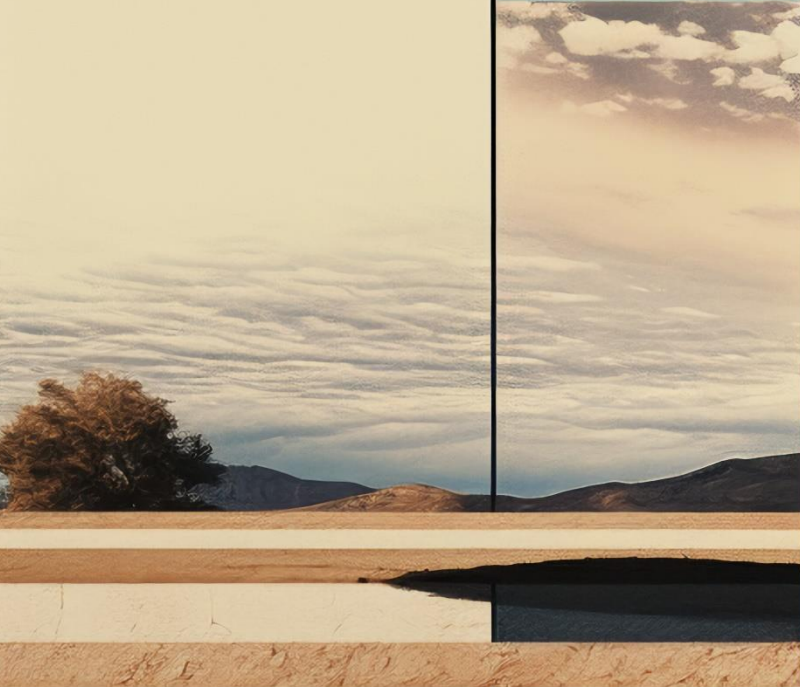
Welistony Câmara Lima

Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), profetonylima@gmail.com

Wellerth Mendes Ribeiro

Possui graduação em Letras-Licenciatura plena em Português/Espanhol pela Universidade da Amazônia (2004). Especialista em Linguística pela Ufpa (2006), Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Estadual do Pará (2016), doutorando em

Comunicação, Linguagens e Cultura - UNAMA, docente do Instituto Federal do Pará do ensino integrado na disciplina Espanhol e da licenciatura em Letras em diversas disciplinas.



ISBN 978-655492061-2



9 786554 920612